



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**O TRABALHO DAS MULHERES NA REDE DE PRODUTORAS DO
PAJEÚ:**

Cuidados e Economia Feminista em Práticas de Economia Solidária

MÔNICA VILAÇA DA SILVA

JOÃO PESSOA – PB
2019

MÔNICA VILAÇA DA SILVA

**O TRABALHO DAS MULHERES NA REDE DE PRODUTORAS DO
PAJEÚ:**

Cuidados e Economia Feminista em Práticas de Economia Solidária

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Linha de Pesquisa: Teorias de Gênero e Estudos da Sexualidade

Orientadora: Prof^ª Dra. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez

JOÃO PESSOA – PB
2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586t Silva, Mônica Vilaça da.

O trabalho das mulheres na rede de produtoras do Pajeú : cuidados e economia feminista em práticas de economia solidária / Mônica Vilaça da Silva. - João Pessoa, 2019.

136 f. : il.

Orientação: Mônica Lourdes Franch Gutiérrez.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Trabalho - mulher. 2. Economia solidária. 3. Economia feminista. 4. Mulheres produtoras. I. Gutiérrez, Mônica Lourdes Franch. II. Título.

UFPB/BC

CDU 331-055.2(043)

FOLHA DE AVALIAÇÃO

A dissertação intitulada *O Trabalho das Mulheres na Rede de Produtoras do Pajeú: Cuidados e Economia Feminista em Práticas de Economia Solidária*, de autoria de Mônica Vilaça da Silva, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Mônica Lourdes Franch Gutiérrez, apresentada em sessão pública ao Programa de Pós Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia, foi APROVADA em 13/02/2019, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:


Prof.^a Dr.^a Mônica Lourdes Franch Gutiérrez

Doutorado em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orientador (PPGS-UFPB)


Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado

Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador Interno 01 (PPGS-UFPB)


Prof.^a Dr.^a Márcia Reis Longhi

Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco
Examinador Externo 01 (PPGA-UFPB)


Prof.^a Dr.^a Ana Maria Dubeux Gervais

Doutorado em Sociologia pela Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne
Examinador Externo 02 (DED-UFRPE)

RESUMO

Esta dissertação desenvolve-se a partir da experiência de trabalho das mulheres organizadas em grupos produtivos na Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, localizada no Sertão do Pajeú em Pernambuco, apresentando uma problematização dos valores e sentidos morais e éticos mobilizados por mulheres em suas práticas de trabalho. Busco assim refletir sobre as experiências e vivências de transformação do cotidiano, a partir da organização do trabalho e dos aprendizados mobilizadas pelas mulheres. A transformação aqui discutida compartilha alterações de normas e valores, de dinâmicas de convivência e organização, e dos sentidos dos trabalhos realizados pelas mulheres. As orientações metodológicas que guiaram o desenvolvimento da pesquisa buscaram dialogar com o fato da experiência ser composta apenas por mulheres, considerando sua opção de trabalho e organização econômica, além dos diferentes tempos de organização e constituição dos grupos de trabalhos das mulheres. Partindo destas observações discuto a operacionalização da pesquisa a partir de métodos e ferramentas que dialogam com referências da epistemologia feminista e da educação popular. Para desenvolver esta reflexão discuto três dimensões na análise, a primeira aborda as políticas públicas e as respostas organizativas das mulheres no sertão do Pajeú, refletindo o surgimento dos grupos de trabalho das mulheres em resposta a políticas públicas federais, estaduais e municipais, e ações de organizações não governamentais desenvolvidas em períodos diferentes em seu território. Uma segunda dimensão abordará as compreensões construídas pelas mulheres sobre trabalho, que atividades definem e compreendem como trabalho, e as estratégias e etapas de produção e gestão do trabalho realizados coletivamente pelos grupos. Por fim discuto os aprendizados particulares e coletivos decorrentes do trabalho realizado nos grupos produtivos, e como estes aprendizados também envolvem a elaboração de definições quanto aos princípios políticos dos grupos, como ocorre com sua definição por um feminismo popular, e de definições organizativas maturadas por sua experiência cotidiana como ocorre em sua escolha pela organização em Rede.

Palavras-chave: Economia feminista. Economia Solidária. Cuidados. Trabalho. Rede.

ABSTRACT

This dissertation develops itself from the work experience of women, organized in productive groups on the Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, localized in the Sertão do Pajeú in Pernambuco, presenting a problematization of the values, moral and ethical in senses, mobilized by women in their work practices. In that way, this work searches to reflect about the experiences and transformation of the daily, based on the work organization and the learning organized by women. The transformation in here discussed shares changing in norms and values, of coexistence dynamics and management and of the directions of work realized by women. The methodological orientations that guided the developing of this research explored to communicate the fact that the experiences analysed, were made by women only, considering their work options and economical organization, beyond the different times of organization and composition of women work groups. Moving from those observations, we will discuss the operability of research moving from methods and tools that dialogue with references of feminist epistemology and popular education. To develop these reflections, three dimensions will be debated in this analyses, first being the approach of public politics and organizational answers from women in the Sertão do Pajeú, reflecting on the appearance of women working groups in response of federal, state and municipal public politics and non-governmental organizations developed in different time periods on their territory. A second dimension will address the comprehensions built by women about work, what activities they define and comprehend as work and the strategies and steps of production and administration of work collectively realized by groups. Lastly, will be discussed the private and collective learnings resulting from this research realized on productive groups and how these learnings also involve the elaboration of definitions about the political principles of the groups, as it occurs whit your definition for a popular feminism, and the definitions of organizational maturity by your daily experience as it occurs in your choice by the network organization.

Keywords: Feminist Economy. Solidarity Economy. Care. Work. Network.

AGRADECIMENTOS

Estes dois anos de caminhada, construção, descobertas e aperreios tornou-se possível graças a diversos encontros previstos ou não, a doações generosas de tempos e afetos, a diálogos sinceros e curiosos, a cuidados de amigas e amigos.

Início agradecendo a Professora Mônica Franch que, enquanto orientadora deste trabalho, compartilhou comigo os desafios e imprevistos no desenvolvimento desta investigação. Sua leveza, diligência, cuidados e atenção ajudaram no equilíbrio dos momentos áridos e felizes durante os passos dados para a elaboração desta dissertação.

Aos Professores Rogério Medeiros, Roberto Veras, Giovanni Boaes, Adriano de Léon, e às Professoras Simone Brito e Ednalva Neves, pelos ricos espaços de debate e elaboração nas disciplinas que muito contribuíram nas minhas reflexões durante o Mestrado.

As Professoras Márcia Longhi, Alícia Gonçalves, Loreley Garcia, e Ana Dubeux e ao Professor Charliton José pelas importantes contribuições nas bancas de projeto, qualificação e defesa final desta pesquisa de mestrado.

As e aos estudantes do Mestrado e Doutorado em Sociologia da UFPB do ano de 2017, companheiras e companheiros no desafio de construir ciência em um período de recuos e anti-intelectualismo, em especial a Lorena Cronemberger, Juciane de Gregori, Claudiana Barbosa, Rafael Sales, Mari Fagundes, Maria Cecília Rito, Fernanda Diniz e Giovanni de Sá.

As educadoras populares e militantes Alzira Medeiros, Ana Dubeux, Helena Tenderini e Shirley Santos e ao educador popular e militante José Nunes com quem pude compartilhar anos de caminhada pelo Nordeste na construção de processos de educação popular em economia solidária. Estes foram anos de profunda reinvenção e descoberta pessoal.

A Áurea Augusta e Tércio Teixeira, companheiros e amigos com quem compartilho tantas lutas e carnavais, e que ajudaram na minha chegada e estabelecimento em João Pessoa.

A Taís Nascimento, Gutemberg Figueiredo, e Jorge Costa Rêgo, amiga e amigos queridos desde os tempos da Escola Técnica Federal de Pernambuco.

A Raquel Lindoso pelas trocas e diálogos que vem sedimentando desde a graduação um caminho de reflexão e elaboração que ganhou novos significados durante o Mestrado.

A minha mãe Luzia Vilaça, ao meu pai José Alves [*in memoriam*] e a meus demais familiares. Cada passo meu traz as raízes, mesmo que negadas, da minha família.

Agradeço as mulheres da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, Elizabete Nobre, Ana Cristina Nobre, Apolônia Gomes e Josi por todo o apoio durante as minhas visitas ao Pajeú. À Vilza, Nara, Josineide e Fátima do grupo Xique Xique, à Elaine, Raelita, Elane, Edleuza, Fita, Lurdinha e Eleide do grupo Artesanato Pajeú e a Desterro, Preta, Neném, Moça, Cida, e Galega do grupo Art's Barro. Esta dissertação só foi possível graças ao acolhimento desta pesquisa por elas.

As mulheres e aos homens que constroem a economia solidária no Nordeste e as Redes de Educadoras e Educadores Populares em Economia Solidária do Nordeste, sempre resistindo as tentativas de cooptação, destruição e deformação de seus modos de vida em tantos outros períodos e hoje mais que nunca.

A todas as mulheres que gritaram “Ele Não”. Este grito deu sentido a meus passos e ajudou-me a caminhar e continuar em vários momentos durante as etapas finais desta pesquisa.

A todas e a todos os meus mais sinceros agradecimentos.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fig. 1	Mapa de atuação da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú	23
Fig. 2	Açude que fica no centro da Comunidade em que residem as mulheres do grupo Xique Xique	44
Fig. 3	Vilza, coordenadora do grupo Xique Xique, no quintal de sua casa	44
Fig. 4	Visualizando o quadro de consolidação	45
Fig. 5	Igreja da comunidade	45
Fig. 6	Com Desterro, coordenadora do grupo Art's Barro em frente ao açude	45
Fig. 7	Linha do tempo do grupo Art's Barro	45
Fig. 8	Moça apresentando a vasilha com a qual mensuram os materiais	46
Fig. 9	Feira realizada no Hotel Brotas em Afogados da Ingazeira	46
Fig. 10	Produção de artesanato durante a feira	46
Fig. 11	Barragem de água nas rochas	51
Fig. 12	Vista de Brejinho	51
Fig. 13	Mulheres grávidas na Frente de Emergência de 1983 (acervo Benvirá)	56
Fig. 14	Mulheres do grupo Xique Xique - da esquerda para a direita - Nara, Vilza, Fátima e Josineide	67
Fig. 15	Mulheres do grupo Art's Barro, da esquerda para a direita, Cida, Neném, Moça, Galega, Preta e Desterro	68
Fig. 16	Despolpadeira	83
Fig. 17	Balança digital	83
Fig. 18	Dosadora	84
Fig. 19	Seladora	84
Fig. 20	Da esquerda para a direita: casa de Moça, Neném e Preta, casa de Desterro e a Casa de Barro	88
Fig. 21	Barro já quebrado com a marreta	90
Fig. 22	Pedra sabão umedecida para ser quebrada com a marreta	90
Fig. 23	Uso da marreta para quebrar a pedra sabão	90
Fig. 24	Forrageira	91
Fig. 25	Modelagem de uma cuscuzeira	92
Fig. 26	Tirando o excesso de barro da peça	93
Fig. 27	Peças sob o TNT para secar	93

Fig. 28	Dando o brilho nas peças	94
Fig. 29	Utensílios e materiais utilizados nas diversas etapas de acabamento das peças	94
Fig. 30	Peças finalizadas (Foto: Acervo do Art's Barro)	94
Fig. 31	Peça decorativa finalizada	94
Fig. 32	Vestido de retalhos	97
Fig. 33	Almofadas de capitonê	97
Fig. 34	Biscuits	97
Fig. 35	Coruja coberta com filtro de café	97
Fig. 36	Raelita com revista sobre Capitonê	97
Fig. 37	Ponto trança	98
Fig. 38	Ponto copinho	98
Fig. 39	Ponto folha	98
Fig. 40	Ponto bolinha sem enchimento	98
Fig. 41	Biscuit	99
Fig. 42	Biscuit	99
Fig. 43	Elane durante a produção de biscuit	99
Fig. 44	Filtro de café tingido, cortado e queimado	99
Fig. 45	Aplicação de papel filtro na peça	99
Fig. 46	Aplicação de papel filtro na peça	99
Fig. 47	Selo da Marca Moda Matuta	101
Fig. 48	Peças da Moda Matuta na feira	101
Fig. 49	Elaine trabalhando em seu ateliê	101
Fig. 50	Casa da Mariazinha de Barro	110
Fig. 51	Assembleia da Rede para discutir, dentre outras pautas, as propostas de acesso ao FRS em 2018	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AECID – Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento
AEDAI – Autarquia Educacional de Afogados da Ingazeira
AMB – Articulação de Mulheres Brasileira
ANA – Articulação Nacional de Agroecologia
AP1MC – Associação Programa 1 Milhão de Cisternas para o Semiárido
ASA – Articulação do Semiárido Brasileiro
ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural
BCD – Bancos Comunitários de Desenvolvimento
CFES-NE – Centro de Formação de Economia Solidária do Nordeste
CMN – Casa da Mulher no Nordeste
CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco
CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento
CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar
COOPERCUC – Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá
DAP / PRONAF – Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
FAPOPAT – Faculdade de Formação de Professores
FASP – Faculdade do Sertão do Pajeú
FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária
FENEART – Feira Nacional de Negócios do Artesanato
FIDA – Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Agricultura
FMPE – Fórum de Mulheres de Pernambuco
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FRS – Fundo Rotativo Solidário
FSM – Fórum Social Mundial
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFOCS – Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
IFPE – Instituto Federal de Pernambuco
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INVESA – Indústria de Vestuário do Nordeste

IOCS – Inspetoria de Obras Contra as Secas
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MDA – Ministério de Desenvolvimento Agrário
MDS – Ministério do Desenvolvimento Social
MEB – Movimentos de Educação pela Base
MMM – Marcha Mundial de Mulheres
ONG – Organizações Não Governamentais
OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PAA – Programa de Aquisição de Alimentos
PDHC – Projeto Dom Hélder Câmara
PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar
PROVALE – Programa Especial para o Vale do São Francisco
RD – Regiões de Desenvolvimento
SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária
SISAN – Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
SPM – Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
SUAS – Sistema Único de Assistência Social
SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UFPA – Unidades Familiares de Produção Agrária

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO CONTEXTO.....	15
1.2	UMA ARTICULAÇÃO COM A ECONOMIA FEMINISTA E OS CUIDADOS.....	18
1.3	A REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ E OS GRUPOS XIQUE XIQUE, ARTESANATO PAJEÚ E ART'S BARRO.....	23
1.4	O DESENVOLVIMENTO DA DISSERTAÇÃO.....	25
2	AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS NO DIÁLOGO COM OS FEMINISMOS.....	28
2.1	AS CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA.....	28
2.2	RECUPERAR O CORPO NA PESQUISA: SITUACIONALIDADE, RELAÇÃO ENTRE PESQUISADORA E INFORMANTE E A DEPENDÊNCIA EPISTÊMICA.....	30
2.3	OS TEMPOS EM CAMPO	32
2.4	QUAIS INSTRUMENTOS? QUAIS MÉTODOS DE COLETA E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS?	35
2.5	IDENTIFICAR AS MULHERES OU MANTÊ-LAS NO ANONIMATO?	41
2.6	IMAGENS DO CAMPO E DO FAZER DA PESQUISA	44
3	ATRAVESSANDO O BATENTE: AS POLÍTICAS PÚBLICAS E AS RESPOSTAS ORGANIZATIVAS DAS MULHERES NO SERTÃO DO PAJEÚ	47
3.1	O SERTÃO DO PAJEÚ EM PERNAMBUCO	48
3.2	OCUPAÇÃO DO SEMIÁRIDO E OS CAMINHOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS	53
3.3	AS FRENTES DE EMERGÊNCIA E O SURGIMENTO DO GRUPO XIQUE XIQUE	54
3.4	ASSESSORIA TÉCNICA DA CASA DA MULHER DO NORDESTE E O SURGIMENTO DA REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ E DO GRUPO DE ARTESANATO PAJEÚ	59
3.5	A ASSISTÊNCIA SOCIAL DE BREJINHO E O SURGIMENTO DO GRUPO ART'S BARRO	63

4	AS PRÁTICAS DE TRABALHO DAS MULHERES NOS GRUPOS PRODUTIVOS	66
4.1	AS MULHERES DOS GRUPOS PRODUTIVOS	66
4.2	TRABALHO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DAS MULHERES NOS GRUPOS PRODUTIVOS	73
4.3	O FAZER COTIDIANO DOS TRABALHOS	77
4.3.1	As práticas no beneficiamento de polpa de frutas do grupo Xique Xique	77
4.3.2	As práticas na produção artesanal de panelas de barro do grupo Art's Barro	87
4.3.3	Artesanato e comercialização nas práticas do grupo Artesanato Pajeú	96
4.4	O TRABALHO DAS MULHERES E AS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA E A COMUNIDADE	102
5	CONSTRUINDO APRENDIZADOS: O TRABALHO, O FEMINISMO E A REDE	105
5.1	APRENDENDO COM A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO	106
5.2	O FEMINISMO POPULAR DA REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ	110
5.3	TOMANDO DE CONTA: A REDE COMO ESTRATÉGIA, PRINCÍPIO E LUGAR DE APRENDIZADOS	114
6	ALGUMAS CONCLUSÕES	121
7	REFERÊNCIAS	126
	APÊNDICE A – 1ª OFICINA COM AS MULHERES DO PAJEÚ	132
	APÊNDICE B – PROGRAMAÇÃO PARA AS PARTICIPANTES	134
	APÊNDICE C – 2ª OFICINA COM AS MULHERES DO PAJEÚ	135
	APÊNDICE D – PROGRAMAÇÃO PARA AS PARTICIPANTES	137

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação desenvolve-se a partir de um diálogo com a teoria feminista, tomando como referência a experiência de trabalho das mulheres em um contexto específico que articula atividades econômicas orientadas por princípios, valores e práticas que conflitam com as dinâmicas econômicas hegemônicas. Assim, esta dissertação apresenta uma problematização dos valores e sentidos morais e éticos mobilizados por mulheres em suas práticas de trabalho em grupos produtivos na economia solidária localizados no sertão do Pajeú em Pernambuco.

Realizar esta investigação, que toma como questão central os sentidos atribuídos as práticas de trabalho pelas mulheres em processos econômicos contra-hegemônicos, teve como objetivo refletir sobre experiências e vivências de transformação do cotidiano, a partir de organizações e aprendizados mobilizadas pelas mulheres. A transformação aqui discutida compartilha alterações de normas e valores, de dinâmicas de convivência e organização, e dos sentidos dos trabalhos realizados pelas mulheres.

Apresentarei primeiro nesta introdução uma dimensão histórica e conceitual da economia solidária no Brasil que se apresenta aqui como contexto empírico e teórico de desenvolvimento desta pesquisa. Pensar a economia solidária como contexto significa estabelecer que, a partir da economia solidária enquanto experiência e teoria, articulo as demais teorias e categorias mobilizadas neste estudo. Com base na teoria feminista busquei discutir as práticas de trabalho das mulheres a partir da economia feminista e de uma ética dos cuidados que articulo nesta introdução junto às reflexões da economia solidária.

Após trazer esta articulação dos conceitos que guiam esta pesquisa compartilharei algumas informações iniciais sobre a experiência analisada: a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú e os grupos da Rede envolvidos nesta pesquisa. Ao final da introdução, compartilho o desenvolvimento dos capítulos constantes nesta dissertação.

1.1 ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO CONTEXTO

Pensar a economia solidária no Brasil exige compreender que ela se caracteriza como uma experiência histórica que tem assumido explicações diferentes quanto a sua origem e, desta forma, quanto a sua estratégia. Para Singer (2002) as origens da economia solidária ligam-se ao surgimento das organizações cooperativistas que emergem durante o período da

industrialização ante a precarização da vida dos trabalhadores. A economia solidária teria surgido no Brasil como resposta histórica a exclusão e ao desemprego e chegou através das migrações europeias no começo do século XX. A desindustrialização das décadas de 80 e 90 teria levado a uma retomada e reinvenção da economia solidária no Brasil a partir da ação cooperativista de trabalhadores desempregados. Para Laville e França (2004), as ações populares de cooperação atravessam a organização econômica brasileira apresentando uma outra inteligibilidade da dimensão econômica, assim não poderiam ser reduzidas a respostas mobilizadas por contextos de exclusão social. Experiências de trabalho na economia solidária, como as observadas no Nordeste, apontam que “o trabalho e sua gestão tem raízes nas relações de vizinhança, comunitárias e de parentesco” (DUBEUX; DUBEUX, 2018).

Estas características das experiências nordestinas de economia solidária dialogam com a definição da economia solidária apresentada por Coraggio (2009), na qual a economia solidária apresenta-se como uma forma econômica de *‘reprodução ampliada da vida’*. A reprodução ampliada da vida envolveria as ações de resistência e reconstrução do econômico em diversas frentes, incluindo as atividades de trabalho desenvolvidas no âmbito da casa, da comunidade, e as iniciativas econômicas formais ou informais; as organizações de trocas e de comercialização; as redes de organização popular, e os movimentos reivindicatórios. Seriam ações que buscariam garantir uma melhor qualidade de vida para mulheres e homens e apontariam a construção de uma experiência econômica alternativa ao capitalismo.

Além destas compreensões teóricas quanto ao surgimento e definição da economia solidária, também se configurou a economia solidária como um *movimento popular*, cuja organização surge no Brasil, a partir de 2001, nos espaços do Fórum Social Mundial – FSM em Porto Alegre, e como uma *política pública* a partir da instituição da Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES em 2003. Desde então várias organizações não governamentais, redes, empreendimentos econômicos solidários passaram a mobilizar-se na organização do movimento nacional da economia solidária através do Fórum Brasileiro e dos Fóruns Estaduais de Economia Solidária. A SENAES foi responsável pela execução de diversos programas e políticas dirigidas a experiências de economia solidária quanto a educação, finanças solidárias, organização de redes, comercialização dentre outras ações.

A economia solidária tem sido caracterizada no Brasil como um conjunto de iniciativas formais ou informais de organização popular, orientadas por princípios como a solidariedade, a autogestão, a associação ou cooperação e a democracia (SINGER, 2002; FRANÇA;

LAVILLE, 2004). Uma definição da economia solidária¹ construída junto às educadoras e aos educadores populares do Nordeste aponta-a como uma ação política de resistência ao modelo neoliberal, responsável por questionar as relações desiguais e patriarcais que se produzem e reproduzem nas relações sociais e culturais entre as pessoas, devendo recuperar as ligações entre a economia e a política artificialmente apagadas pelo pensamento liberal. A economia solidária reuniria práticas associativas e cooperativas, de povos tradicionais, no campo e na cidade, que deslocam sua centralidade do mercado para restabelecer relações de proximidade e reciprocidade entre mulheres e homens envolvidos nos processos de trabalho e troca (DUBEX; MEDEIROS; VILAÇA; SANTOS, 2012).

No Brasil vê-se uma expressiva participação de mulheres que trabalham em organizações e grupos na economia solidária. Segundo os dados do último mapeamento nacional da economia solidária, realizado no período de 2009 a 2013, responsável por mapear 21.853 empreendimentos econômicos solidários, contabilizou-se um total de 1.423.631 participantes. Deste universo, as mulheres representam cerca de 44% das trabalhadoras neste espaço (GAIGER, 2014). A presença das mulheres dá-se principalmente em atividades ligadas à produção de alimentos, à costura, ao artesanato, à agricultura familiar, à saúde e aos cuidados, o que lhes permite dialogar com sua experiência construída na casa e na comunidade, tornando o trabalho na economia solidária uma experiência “intermediária entre o privado/doméstico e a vida pública, entre o monetário e o não monetário” (GUÉRIN, 2005, p. 17). Esta experiência de trabalho na economia solidária tem conferido novos significados para os trabalhos realizados pelas mulheres, mas enfrenta diversos limites concretos.

Um destes limites refere-se às desigualdades a que estão submetidas no espaço privado ao realizarem um permanente conjunto de trabalhos essenciais à reprodução da vida e invisíveis na vida econômica que tem sido definida como expressão da desigual divisão sexual do trabalho a que estão submetidas as mulheres. Esta forma de divisão do trabalho social, adaptada historicamente em cada sociedade tem assumido como características a hierarquização e diferenciação de mulheres e homens nas relações de sexo, além da destinação de homens à esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva, e desta forma, atribuído aos homens na esfera pública funções sociais com maior valor social, como a participação política, religiosa, militar, científica, dentre outras (KERGOAT, 2009, p. 67).

¹ Esta definição foi construída em um Seminário de Sistematização do qual participei enquanto parte da coordenação pedagógica do CFES/NE.

Um segundo limite apresenta-se na dificuldade de ampliar os sentidos das estratégias de trabalhos que as mulheres têm construído na economia solidária, nesta lógica intermediária proposta por Isabelle Guérin (2005), com o reconhecimento dos trabalhos desenvolvidas no espaço doméstico e familiar. Problematizar o trabalho doméstico e de cuidados como trabalhos necessários para a reprodução da vida, questionando a ideia de serem estes trabalhos naturalmente das mulheres, exige ampliar o que se compreende por trabalho, e o que se estabelece como economia, inclusive no âmbito da economia solidária.

1.2 UMA ARTICULAÇÃO COM A ECONOMIA FEMINISTA E OS CUIDADOS

Considerando estas definições da economia solidária e buscando compreender como nas dinâmicas construídas pelas mulheres ela configura-se como uma experiência intermediária de trabalho, atravessada por valores morais e éticos, ela tem-se apresentado como uma estratégia importante de organização e ação econômica para as mulheres. Para discutir esta dimensão que revela uma dicotomia nas práticas e no pensamento econômico o desenvolvimento do texto apoia-se nas elaborações da economia feminista e nas teorias de cuidado.

A história da economia feminista caminha paralelamente ao desenvolvimento do pensamento econômico clássico e neoclássico, constituindo-se em uma crítica ao recorte androcêntrico que domina a abordagem econômica. A economia feminista enquanto definição surge na década de noventa, mas os debates das *'pioneiras'* da primeira e segunda onda feminista, sobre direitos e participação das mulheres e trabalho doméstico estabeleceram problematizações importantes que serviram como base para o desenvolvimento da economia feminista. A economia se apresenta como um ramo de conhecimento com enorme poder social, como um tipo específico de atividade humana que tem considerado apenas a economia de mercado o que dificulta a problematização de gênero (DURÁN, 2005; CARRASCO, 2006). Considerando estas características da economia como pensamento, ação humana e parte da organização social, a economia feminista tem incidido também na reivindicação de uma reconstrução conceitual e paradigmática, assim como de uma ampliação metodológica e teórica que permita abarcar outras atividades econômicas que não têm sido *'vistas'* pela economia.

Se pretende un cambio radical en el análisis económico que pueda transformar la propia disciplina y permita construir una economía que integre y analice la realidad de mujeres y hombres, teniendo como principio básico la satisfacción de las necesidades humanas (Carrasco, 2006, p. 31)

A industrialização é um momento decisivo para o estabelecimento de uma dicotomia que repercute no pensamento econômico, com o afastamento do público e do privado, o que inicia uma tradição que ignora as novas características assumidas pela divisão sexual do trabalho passando a associar, exclusivamente, trabalho a emprego. Assim as práticas de trabalho das mulheres passam a ser consideradas, neste momento de elaboração do pensamento econômico, como exceções à regra, explicadas como parte da esfera privada e não produtiva, apresentada como homogênea e representada socialmente pelo homem, a quem se atribuía a chefia social e econômica da família.

A categoria de gênero torna-se fundamental para o desenvolvimento da economia feminista, que também avança em uma crítica metodológica e epistemológica à pretensa neutralidade dos estudos econômicos que excluem os conflitos de gênero. Um outro aspecto desta crítica refere-se ao ocultamento das atividades das mulheres, que tem sustentado a existência de uma esfera pública, na qual o indivíduo é racional, egoísta e autônomo.

El hecho de que las mujeres asuman la responsabilidad de la subsistencia y el cuidado de la vida, ha permitido desarrollar un mundo público aparentemente autónomo, ciego a la necesaria dependencia de las criaturas humanas, basado en la falsa premisa de libertad; un mundo incorpóreo, sin necesidades que satisfacer; un mundo constituido por personas inagotables, siempre sanas, ni demasiado jóvenes ni demasiado adultas, autoliberadas de las tareas de cuidados. (Carrasco, 2006, p 44-45)

Ao trazer outras atividades necessárias, realizadas de forma oculta e gratuita pelas mulheres, a economia feminista discute o que é imprescindível à vida, apontando a urgência de ressignificar trabalho, produtividade e eficiência; construir novos marcos teóricos, estatísticas e indicadores que compreendam a realidade das diversas atividades econômicas que operam de forma imbricada e, assim, reconheçam as diversas formas de trabalhos não remunerados e seu lugar na organização social. Desta forma o cuidado, em suas dimensões ética e moral, apresenta-se como elemento central do trabalho realizado no lar, que problematiza a distância dos trabalhos remunerados e não remunerados.

O cuidado na teoria feminista é considerado um conceito polissêmico, referindo-se: a uma dimensão ética e moral, relacionada tanto a ações, quanto a atitudes, ou a disposições morais; a uma experiência de trabalho historicamente vinculada à casa e às mulheres; assim como a uma atividade profissional, tendo esta última compreensão concentrado muito da produção recente sobre os cuidados, considerando os processos migratórios de cuidadoras, a expansão das atividades compreendidas como cuidado, além dos debates quanto à regulamentação das relações de trabalho destas atividades (HIRATA; GUIMARÃES, 2012).

Interessa-me aqui discutir a dimensão ética e moral dos cuidados a partir da definição construída por Joan Tronto e Berenice Fisher, que fazem sua contribuição à ética dos cuidados discutindo a necessidade de compreender as diversas experiências das mulheres – lésbicas, negras, trabalhadoras, e o cuidado como uma questão moral e política que deveria ser pensada a partir de um olhar complexo sobre a organização da sociedade, e de uma moral e política contemporâneas: como uma ética dos cuidados contribuiria para uma sociedade mais democrática.

Tronto e Fisher apresentam a definição dos cuidados como

uma atividade da própria espécie que inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso ‘mundo’ para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso meio ambiente, e tudo em que procuramos intervir de forma complexa e autossustentável (Fisher, Tronto, 1990, apud Tronto, 2007, p. 287).

Esta é uma definição abrangente que localiza os cuidados como parte central da vida de mulheres e homens, apresentando-os como um conjunto de atividades realizadas permanentemente, de forma cotidiana e das quais se tem constante necessidade. Esta compreensão dos cuidados provoca a discussão sobre as razões pelas quais os cuidados – se compreendidos como essenciais e presentes – mantêm-se invisíveis nas teorias, e são associados, por vezes, apenas como atividades a serem realizadas por mulheres, pobres e migrantes, embora presentes não apenas no âmbito das famílias, mas de instituições sociais e de mecanismos de mercado.

Para Tronto (2007) os cuidados podem ser percebidos em fases do ‘*cuidar*’ com dimensões morais próprias. Uma primeira fase seria o ‘*cuidar de algo*’ que implicaria a qualidade moral de ser atencioso, ‘*reconhecer necessidades*’. A segunda fase, ‘*importar-se com*

algo’, mobilizaria a *‘reponsabilidade’* como dimensão moral, e a terceira fase seria o *‘oferecer o cuidado’*, à qual vincula-se a qualidade moral da *‘competência’*². A última fase seria o *‘receber o cuidado’*, que é a resposta das necessidades de cuidados existentes, e *‘receptividade’* apresenta-se como a qualidade moral mobilizada.

Estas fases ao serem percebidas em relações construídas no âmbito da família, das instituições sociais e dos mecanismos de mercado apresentam os cuidados como relações assimétricas quando uma pessoa não pode fornecer a si própria os cuidados necessários. O acesso e disponibilidade dos cuidados converte-se em uma relação de poder mediada por dimensões morais que levam o cuidado a um limite político. Os cuidados, ao mobilizarem qualidades morais como o *‘reconhecimento de necessidades’*, a *‘responsabilidade’*, a *‘competência’* e a *‘receptividade’* tensionariam a relação entre a vida pública e a vida privada, entre a política e a moral.

Assim os cuidados seriam organizados política, social e economicamente de forma a preservar relações de poder e manutenção de privilégios. Um dos sentidos destes privilégios é nomeado por Tronto como a *‘irresponsabilidade privilegiada’*, fenômeno que autoriza algumas pessoas a dispensarem-se de ações de cuidados porque outras pessoas o farão. Este processo ao deslocar os cuidados (visto ao longo da história como responsabilidade primeira das mulheres) para a esfera dos serviços, traduz o cuidado no âmbito público como ação dirigida àquelas e àqueles que se encontram em uma dada condição de vulnerabilidade. Assim o cuidado como parte vital da organização da vida apresenta-se, neste contexto, reduzido e desqualificado em duas direções: para quem precisa de ações de cuidados por encontrar-se em um grau maior de vulnerabilidade, e para quem realiza os cuidados por ser uma tarefa desvalorizada e mal remunerada pela origem que lhe é atribuída.

Os cuidados seriam vistos por Tronto como uma atividade presente em ações de mulheres e homens de forma a melhor garantir a vida, estabelecendo-se por uma relação de compartilhamento do ‘mundo’. Manter a vida exigiria perceber que “há um fluxo contínuo que representa quanto cuidado uma pessoa necessita, não uma dicotomia entre os que são cuidados e os que cuidam” (TRONTO, 2007, p. 299). Esta afirmação propõe que os cuidados, presentes na vida de todas e todos, conduzem à necessidade de compreendermos a vulnerabilidade como uma característica ontológica, que se apresenta em graus diferentes considerando geração, idade, dentre outros fatores. Assim os cuidados, dispendidos de forma gratuita e oculta e que

² Tronto destaca que competência é geralmente associado como uma dimensão técnica, mas que nas relações de cuidado assumiria uma qualidade moral.

tornariam possível a vida pública, precisariam ser questionados e democratizados (GAVÍRIA; MOLINIER, 2011).

Esta introdução permite-me apresentar algumas preocupações que surgiram a partir do meu trabalho como coordenadora pedagógica no Centro de Formação de Economia Solidária do Nordeste – CFES-NE no período de 2011 a 2016³ e que vieram a compor as questões e perguntas que estruturaram minha investigação no mestrado. Dentre as atividades realizadas enquanto coordenadora do CFES-NE participei de diversos processos de sistematização de experiências de empreendimentos econômicos solidários no Nordeste, em sua maioria, formados apenas por mulheres. As mulheres falavam do trabalho na economia solidária como uma estratégia para gerar renda e manterem-se próximas ao espaço da casa “porque era uma dificuldade sair do condomínio e de casa para trabalhar por causa das crianças que ficavam soltas na rua” (DUBEX; MEDEIROS; VILAÇA; SANTOS, 2012, p. 75). A economia solidária também fortaleceria os laços comunitários e contribuiria para conquistar autonomia, “o grupo se reúne para produzir sabonete e aí passa a conquistar sua autonomia, e outras coisas como o saber e uma profissão” (DUBEX; MEDEIROS; VILAÇA; SANTOS, 2012, p. 237). Outro aspecto seria ver o trabalho como terapia e saúde, “eu curei uma depressão através do bordado. O bordado desviava o pensamento, a tristeza, a mágoa” (DUBEX; MEDEIROS; VILAÇA; SANTOS, 2012, p. 258), além de recuperar e manter a memória coletiva, garantir segurança alimentar de suas famílias e da comunidade, cuidar e preservar o meio ambiente.

Estes relatos compartilhavam outras dimensões do trabalho realizados pelas mulheres em suas relações na economia solidária, como a solidariedade, a relacionalidade e o cuidado, que se mostravam pouco problematizados na literatura que discute a economia solidária, e de forma mais geral, nas literaturas que discutem as práticas econômicas vivenciadas pelas mulheres. Estas questões iniciais indagadas a partir da experiência de trabalho no CFES-NE conduziram-me a refletir quanto aos sentidos e valores subjacentes nas tensões, transições e recomposição do trabalho nas experiências das mulheres que trabalham na economia solidária.

Assim, partindo de uma pesquisa qualitativa junto às experiências de trabalho das mulheres da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú buscarei nesta dissertação problematizar os valores e sentidos morais e éticos, compreendidos a partir das reflexões dos cuidados, mobilizados em suas práticas de trabalho. Para realizar esta reflexão é importante estabelecer

³ O Centro de Formação e Apoio à Assessoria Técnica em Economia Solidária do Nordeste – CFES/NE, foi um projeto da Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego – SENAES/MTE, executado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

que parto de uma compreensão de que o trabalho na economia solidária para as mulheres se apresenta como uma experiência intermediária de trabalho. Esta experiência de trabalho observada a partir da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú possibilitaria refletir os diálogos dos trabalhos realizados pelas mulheres nos empreendimentos de economia solidária e como estes trabalhos se encontravam com aqueles realizados na esfera privada.

1.3 A REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ E OS GRUPOS XIQUE XIQUE, ARTESANATO PAJEÚ E ART'S BARRO

A Rede consolida e reúne toda uma trajetória de organização política e de trabalho das mulheres desenvolvido nas décadas de 1980 e 1990⁴. Elas começaram a discutir sua organização em 2005, com a assessoria e animação da Casa da Mulher do Nordeste – CMN. A CMN é uma organização não governamental, fundada em 1980, com sede no Recife e em Afogados da Ingazeira, que começou sua atuação no Pajeú em 2002 com a realização de um diagnóstico das relações de gênero na agricultura familiar no sertão do Pajeú, e, em 2003, da execução de projetos de Assistência Técnica e Extensão Rural para Mulheres – ATER Mulher. Através destas ações a CMN mobilizou um conjunto de grupos produtivos de mulheres para participar do Festival de Economia Popular e Solidária no Pajeú em 2005, estabelecendo as bases da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú.

Assim a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú surgiu como uma ação da CMN e permaneceu desta forma até 2008, quando as mulheres do Pajeú definiram pelo estabelecimento da Associação

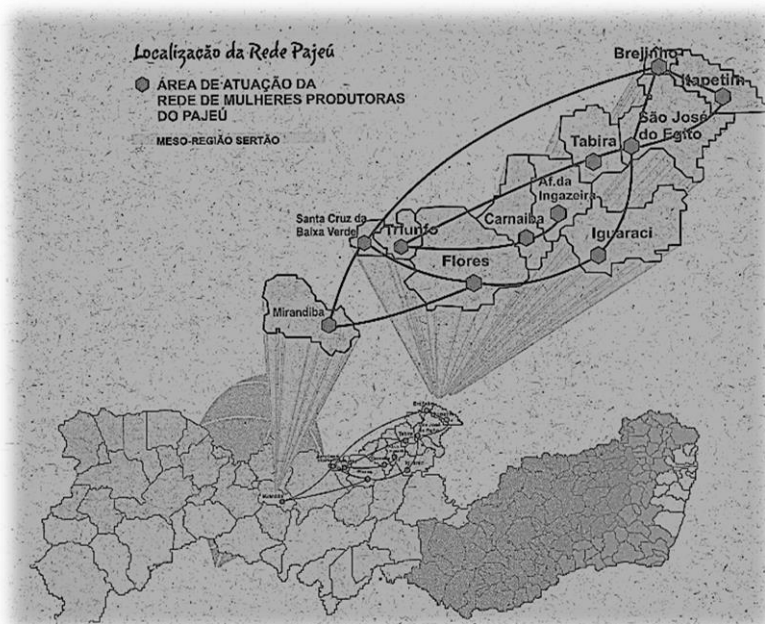


Figura 1 - Mapa de atuação da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú

⁴ Esta trajetória de organização das mulheres no Pajeú será melhor apresentada no capítulo 3 - Atravessando o batente: as políticas públicas e as respostas organizativas das mulheres no sertão do Pajeú, no qual apresento a constituição dos grupos e da rede em relação com as políticas públicas.

da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú. Embora as ações da Rede tenham começado em 2005, elas consideram sua fundação a partir do seu estabelecimento jurídico, em 2008, por ser este o momento de consolidação de uma identidade coletiva⁵. A Rede reúne grupos produtivos de mulheres com atividades econômicas diversas, como o artesanato, a agricultura familiar, o beneficiamento de alimentos, a produção de roupas, dentre outras ações.

Hoje a rede articula 26 grupos produtivos, envolve cerca de 450 mulheres, e atua em 11 municípios do Sertão do Pajeú – Brejinho, Itapetim, São José do Egito, Tabira, Afogados da Ingazeira, Carnaíba, Igaraci, Flores, Triunfo, Santa Cruz da Baixa Verde e Mirandiba. Todos os grupos são informais, e, em sua maioria, as mulheres que os compõem possuem relações de parentesco entre si. A organização dos grupos acontece pela produção coletiva, ou comercialização coletiva de suas produções individuais, e cada grupo produtivo têm dinâmicas e estratégias próprias de gestão.

Estas características dos grupos estabelecem para a Rede, enquanto organização que os articula, alguns papéis importantes. A constituição de personalidade jurídica pela Rede permite aos grupos acessarem juntos projetos e recursos que cumprem funções diversas: ampliação e melhoria das estruturas de trabalho dos grupos, organização de processos de formação e intercâmbio, acesso a feiras e outros espaços de comercialização, dentre outros possíveis benefícios. Um outro papel cumprido pela rede é a mediação de conflitos junto às mulheres que compõe os grupos que são formados, em sua maioria, por mulheres com graus diferentes de parentesco entre si. Esta característica da composição dos grupos levava, por vezes, a dificuldades de diálogo e gestão, e nestes momentos elas buscam o apoio das educadoras da rede.

A Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú reivindica como referências políticas para sua organização a agroecologia e a economia solidária em uma perspectiva feminista. Esta definição construiu-se a partir de suas experiências e vivências, e estas referências políticas da Rede foram consideradas nas reflexões e orientações teóricas e metodológicas utilizadas neste trabalho. Estas referências políticas e teóricas estabeleceram os princípios das estratégias econômicas vivenciadas pelas mulheres da Rede, compreendendo que envolvem um conjunto dos trabalhos realizados nos espaços privado e público, por vezes, sem uma grande delimitação destes espaços. No desenvolvimento desta pesquisa trabalhei diretamente com três grupos

⁵ REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ. 10 anos de luta: o caminho trilhado. Afogados da Ingazeira : Gráfica Asa Branca, s/d.

produtivos, o grupo Xique Xique, o grupo Artesanato Pajeú, o grupo Art's Barro, e com as três educadoras contratadas da Rede.

1.4 O DESENVOLVIMENTO DA DISSERTAÇÃO

Os capítulos que compõem a dissertação serão atravessados por um diálogo com os valores presentes nos trabalhos realizados pelas mulheres na economia solidária procurando discutir como as expressões éticas e morais destes trabalhos contribuem na problematização de uma experiência de cuidados. Esta discussão estará presente no texto a partir de uma reflexão sobre uma experiência de relacionalidade, dependência ou interdependência e vulnerabilidade. Estas reflexões e debates serão desenvolvidos em diálogo com a economia feminista e as teorias dos cuidados, que apresentam a necessidade de repensar a vida que se apoia na racionalidade, no egoísmo e na máxima exploração do meio ambiente, enquanto atribuem às mulheres, silenciosamente, aspectos centrais para a manutenção e reprodução da vida cindindo a experiência de trabalho e organização econômica, e desta forma as experiências éticas e morais.

No segundo capítulo – *As escolhas metodológicas no diálogo com os feminismos*, apresento as referências teóricas e as orientações metodológicas que guiaram o desenvolvimento do trabalho de pesquisa no campo. As escolhas apresentadas neste capítulo informam que o direcionamento metodológico da pesquisa buscou dialogar com diversos aspectos da experiência, desde o fato desta ser composta apenas por mulheres, sua organização do trabalho e econômica, além dos diferentes tempos de constituição dos grupos de trabalhos das mulheres. Partindo destas considerações discuto a operacionalização da pesquisa considerando os métodos e ferramentas utilizados.

Os demais capítulos debatem três dimensões que apresento a seguir. O terceiro capítulo – *Atravessando o batente: as políticas públicas e as respostas organizativas das mulheres no sertão do Pajeú*, no qual busco pensar como estas experiências permitem problematizar, considerando as dicotomias presentes no pensamento econômico clássico, os sentidos assumidos pela divisão do espaço público e do privado a partir da constituição dos grupos de trabalho pelas mulheres em relação com políticas públicas, federais, estaduais e municipais desenvolvidas em períodos diferentes em seus territórios. Este processo será contextualizado considerando os diversos sertões e que cada um destes apresenta uma experiência de convivência particular com o semiárido e a caatinga. Assim, irei apresentar o

Sertão do Pajeú em Pernambuco, um território composto por 17 municípios do semiárido brasileiro, e como a disputa por uma narrativa política do semiárido, como lugar de seca e fome ou como lugar de vida e adaptabilidade, traduz-se em uma história recente de políticas públicas e lutas com um forte protagonismo das mulheres no Pajeú. Estas lutas e protagonismo serão apresentadas aqui a partir dos processos de organização dos grupos produtivos da rede.

No quarto capítulo desta dissertação – *As práticas de trabalho das mulheres nos grupos produtivos*, serão discutidas as compreensões construídas pelas mulheres sobre trabalho, que atividades definem e compreendem como trabalho, e as estratégias e etapas de produção e gestão do trabalho realizado coletivamente enquanto grupo. Ganhou destaque o fato de que nos três grupos a maioria é composta por mulheres que possuem relações de parentesco. Esta é uma realidade presente no conjunto dos grupos que compõem a Rede de Mulheres do Pajeú, uma característica do trabalho no território, entre as agricultoras e agricultores, e que se espalha na organização dos grupos. Esta condição na conformação dos grupos permitirá discutir como a confiança, enquanto um valor que faz parte de sua organização de trabalho apresenta-se como elemento que reúne e estabelece conflitos. Também será problematizado o sentido que assumem as relações comunitárias e de parentesco neste espaço de trabalho, considerando as implicações para sua organização na família e na comunidade.

A seguir discutirei no quinto capítulo – *Construindo aprendizados: o trabalho, o feminismo e a rede*, os aprendizados particulares e coletivos decorrentes do trabalho realizado em grupo. Todo processo de produção envolve um conjunto de conhecimentos que foram adquiridos e transformados de formas muito distintas pelos grupos. A apropriação e compartilhamento de conhecimentos é uma necessidade principalmente considerando os processos de renovação dos grupos. É importante considerar que não é apenas um conhecimento relativo ao ‘fazer’ do trabalho, mas também relativo à sua gestão, vivência e confiança. Estes aprendizados também envolvem definições políticas amadurecidas pela experiência cotidiana das mulheres nos grupos e que se reflete na organização da Rede, como acontece com sua definição por um feminismo popular.

Também neste capítulo será discutida a compreensão de rede construída pelas mulheres para articular o conjunto de iniciativas no Pajeú. A rede reúne respostas jurídicas, políticas e militantes para as mulheres. No horizonte jurídico a rede estrutura-se como uma associação o que viabiliza o transitar dos grupos junto a uma esfera de financiamento, mobilização e reconhecimento de práticas. Do ponto de vista político e militante organizar-se em rede evoca narrativas de apoio, horizontalidade e construção coletiva, fortalecendo a

manutenção das ações das mulheres no Pajeú. A rede é uma estratégia que tem permitido o fortalecimento de uma ação feminista que atravessa as atividades dos grupos orientados pela agroecologia, apoiadas na economia solidária que fundamenta sua ação.

O sexto, e último capítulo – buscará compartilhar algumas conclusões possíveis considerando o meu olhar enquanto pesquisadora, assim como as avaliações e reflexões construídas pelas mulheres como resultado da pesquisa. Considerando a intenção de investigar para conhecer e melhor compreender a realidade, o envolvimento das mulheres no processo de investigação refletiu em mudanças nas dinâmicas dos grupos e da própria Rede que serão compartilhadas neste capítulo.

2. AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS NO DIÁLOGO COM OS FEMINISMOS

Considerando as escolhas teóricas e conceituais que guiaram esta pesquisa, o contexto em que ela se desenvolveu e a experiência que lhe deu lastro, busquei dialogar com autoras que têm refletido a teoria e pesquisa feminista e suas contribuições específicas às ciências do conhecimento no campo das ciências sociais. Apresentarei inicialmente algumas reflexões realizadas a partir das referências utilizadas para orientar a discussão epistemológica e metodológica que permitiram operacionalizar a pesquisa. Partindo destas referências problematizo a crítica evocada pela epistemologia feminista aos modelos de construção do conhecimento nas mais diversas áreas e como esta crítica aponta outras condições e possibilidades para organizar os processos de construção do conhecimento.

Assim, neste capítulo busco apresentar como os diálogos com a epistemologia feminista orientaram a articulação metodológica das etapas vivenciadas, a indagação do problema investigado, a identificação das mulheres para o desenvolvimento deste estudo, e o estabelecimento dos compromissos políticos e teóricos com estas mulheres. Todos estes são componentes metodológicos desta pesquisa.

Na sequência procuro avançar em como desenvolveram-se as vivências de campo que envolvem o tempo destinado à pesquisa, a forma como as visitas foram realizadas, o recorte do campo considerando o problema investigado, a definição e organização das ferramentas e instrumentos de investigação e o tratamento ao qual foram submetidos os diversos dados coletados. Ao final do capítulo apresento um ensaio fotográfico que permite compartilhar alguns olhares quanto ao campo e ao fazer da pesquisa.

2.1 AS CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA

Dentre as reflexões sobre epistemologia, feminismo e as teorias de conhecimento não há uma concordância plena quanto à existência de uma epistemologia feminista, bem como, quais as implicações que esta teria para a metodologia e a construção e uso de métodos qualitativos de pesquisa. Sendo a epistemologia um campo de pesquisa que busca discutir os significados e condições que possibilitam conhecer, quem pode ser sujeito do conhecimento, a natureza da verdade e da justificação e a que provas as crenças devem ser submetidas para

serem aceitas como legítimas (LONGINO, 2012, p. 505; HARDING, 2002, p. 13), tornou-se central discutir as implicações existentes ao falarmos de uma epistemologia feminista no desenvolvimento desta pesquisa.

A problematização da epistemologia feminista tem se apoiado nos limites observados nas ciências que levaram as pesquisadoras a voltarem-se para os pressupostos filosóficos que estruturavam as teorias. Os questionamentos surgiram com a percepção de interpretações distorcidas das ciências – natureza, saúde, comportamento, história, apontando uma ciência que se fundava em um conhecimento marcado pelo sexismo e pelo androcentrismo, um ‘preconceito de gênero’ presente nas mais diversas disciplinas e subdisciplinas. Este preconceito apresentava-se por meio de metáforas de gênero que se atravessavam nas explicações construídas pela ciência e estas advinham de um olhar enviesado do pesquisador. Assim, desde a identificação dos problemas a serem estudados, às opções metodológicas e teóricas utilizadas para a pesquisa e a análise, este preconceito de gênero trazia implicações também para os resultados produzidos. Mas é importante destacar que não se trata de uma questão particular ao olhar individual do cientista, e sim de uma racionalidade que organiza o conjunto da narrativa da ciência, uma ciência feita por homens, com experiências e falas masculinas. A experiência das mulheres apareceria, assim, invisibilizada, distorcida, ou inadequada tornando a relação entre o feminismo e a epistemologia uma ‘necessidade’ (LONGINO, 2012, p. 506).

‘Estender e reinterpretar’ teorias e conceitos pelas feministas não se mostraria suficiente, pois diversos conceitos se construíram a partir de uma problematização da realidade que partia de experiências que correspondiam a esferas associadas como masculinas. Assim emoções, afetos, e relacionalidade tornaram-se problemas incontidos pelos arcabouços teóricos utilizados, estabelecendo para as feministas o desafio de utilizar as teorias para uma transformação pessoal destas pesquisadoras, das relações sociais que envolviam os processos de produção de conhecimento, assim como, das próprias teorias (HARDING, 1993, p. 9). À teoria feminista apresentava-se a necessidade de não ser releitura das teorias identificadas como patriarcais, mas de desenvolver as críticas que estabeleceriam os fundamentos para uma epistemologia feminista construindo as condições para fazer avançar o conhecimento feminista.

2.2 RECUPERAR O CORPO NA PESQUISA: SITUACIONALIDADE, RELAÇÃO ENTRE PESQUISADORA E INFORMANTE E A DEPENDÊNCIA EPISTÊMICA

Ao propor realizar esta pesquisa com as mulheres no Sertão do Pajeú algumas referências afirmaram-se nesta escolha. Minha trajetória militante junto aos debates feministas e minha experiência como trabalhadora quando atuei junto à economia solidária conhecendo outras estratégias de organização do trabalho das mulheres e povos tradicionais. Interessava-me contribuir na sistematização e reflexão das estratégias e aprendizados de experiências de mulheres na economia solidária em um processo de pesquisa que envolvesse as mulheres, reconhecesse as particularidades de suas vivências, e assim, trazer ao espaço acadêmico estes resultados como um profícuo processo de troca e intercâmbio de conhecimentos.

Ao estabelecer as questões a serem problematizadas nesta pesquisa apresentou-se a necessidade de reconhecer a localização destas mulheres. Este reconhecimento reafirmaria a existência de uma mulher não universal, plural e marcada por experiências e conhecimentos específicos, considerando que sua localização social é atravessada por relações sociais de raça, classe, sexualidade, geração, que são definidoras na construção de sua experiência social. Busco a partir dos saberes específicos desta experiência discutir as implicações para a produção do conhecimento considerando sua multiplicidade, abrangência e significados. Este reconhecimento estabelecia problematizar o envolvimento com a pesquisa, as compreensões existentes de objetividade e distanciamento, e como estes poderiam ser compreendidos e estabelecidos no desenvolvimento do campo

Donna Haraway (1995) utiliza a metáfora da visão para analisar que ‘objetividade’ é necessária e possível de ser alcançada, ante os desafios e condicionantes percebidos pelas teorias feministas. Seria necessário criar condições para responder as implicações das contingências histórica sobre os conhecimentos produzidos e os sujeitos participantes destes processos, das práticas envolvidas na construção de sentidos e os compromissos necessários para a partilha de explicações fiéis a um mundo real. A objetividade necessária não buscaria a transcendência, mas a corporificação, sendo capaz, assim, de desvelar os saberes e conhecimentos localizados e parciais.

A visão como metáfora, nesta reflexão sobre os saberes localizados, torna-se de especial importância para pensar as mediações possíveis no processo de construção de conhecimento. Os olhos e a visão são uma figura clássica para exemplificar o distanciamento do sujeito e do poder exercido em sua pretensão à infinitude, amplificada por tecnologias que

a expandem tanto para a apreensão da experiência micro quanto para a macrosociológica. Para o feminismo seria necessário recuperar a visão deste lugar de apreensão ilimitada e universalista, e retorná-la aos corpos o que não apresentaria transcendência, mas localização e parcialidade quanto aos conhecimentos. A visão seria sempre “uma questão de poder de ver – e talvez da violência implícita em nossas práticas de visualização” (HARAWAY, 1995, p. 25).

Considerando estas preocupações quanto aos saberes e o reconhecimento de sua parcialidade e localização social busquei estabelecer as condições de uma pesquisa participante de forma que “as participantes também [exercessem] a função de pesquisadoras, [defrontassem-se] com os desafios em torno do conhecimento feminino; das representações das mulheres; dos modos de coleta, de análise e interpretação de dados” (OLESEN, 2006). Esta orientação permitiu não apenas que elas se apropriassem do processo, assim como buscou colocar em evidência os olhares distintos da pesquisadora e das mulheres participantes reconhecendo que estes olhares diversos são políticas de posicionamentos que exigem instrumentos de mediação da visão para serem problematizados.

O reconhecimento desta parcialidade na produção do conhecimento estabelece um lugar privilegiado para os saberes daquelas que participam do processo de pesquisa e a relação estabelecida pela pesquisadora. Esta posição não busca romantizar as posições de quem partilha suas experiências em um processo de investigação, mas estabelecer que “o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente” (HARAWAY, 1995, p. 36). Esta construção de uma objetividade corporificada e localizada seria possibilitada por uma consciência reflexiva da pesquisadora, esta consciência não seria construída por uma isenção de valores, mas pela explicitação e reconhecimento destes nos processos de interação entre pesquisadoras e interlocutoras (OLESEN, 2006; HARDING, 1993).

Por fim, uma última consequência a ser pensada aqui quanto a corporificação seria a dependência epistêmica, ou seja, a dependência e a interdependência entre os conhecimentos produzidos socialmente. Nas diversas experiências sociais estabelecemos relações que contêm aprendizados e partilhas, de forma que o conhecimento, como parte de contextos de diálogo e narrativas sociais, exige seu reconhecimento, o conhecimento se afirma em relações sociais.

“‘Conhecer’ é um verbo ..., cujo significado é determinado num contexto de crítica, concomitância, assentimento e dissensão. Pensar na atividade cognitiva desse modo é abrir caminhos para a concepção da subjetividade, do pensamento e talvez até mesmo da consciência como dialógicos e conversacionais estruturalmente, em vez de

idealmente independentes de qualquer ligação com os outros” (LONGINO, 2012, p 522-523)

Sendo o conhecimento uma elaboração que se dá com o testemunho permanente do conhecimento da outra e do outro, conhecer envolve confiança e exercício de autoridade. No caso do conhecimento da pesquisadora em relações de investigação torna-se importante refletir como este é problematizado considerando que vivemos em uma sociedade que opera numa hierarquia institucionalizada de autoridade cognitiva. Apresentarei nos tempos em campo estratégias utilizadas para estabelecer condições de que a minha posição, enquanto pesquisadora que testemunha o conhecimento das minhas interlocutoras, pudesse ser problematizado e testemunhado também por elas. Revelar a dependência e interdependência do conhecimento epistêmico problematiza as hierarquias institucionais, veladas e invisíveis, que se apoiam em narrativas de independência e autonomia. A pretensa neutralidade de juízos seria revelada assim como uma confirmação de uma subjetividade exercida de forma ocultada nas relações de poder por uma ciência masculina e branca.

2.3 OS TEMPOS EM CAMPO

O desenvolvimento metodológico e a identificação dos métodos e ferramentas utilizados buscaram considerar um conjunto de questões e critérios que implicaram no decorrer da pesquisa. Uma primeira questão refere-se à necessidade de resolver quanto tempo seria dedicado ao campo, e as condições existentes e que precisavam ser construídas para imergir na pesquisa. Para esta questão importou considerar três aspectos: as *dimensões da experiência* – a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú no semiárido pernambucano que articula cerca de 450 mulheres, em 26 grupos produtivos, em 11 municípios; a *diversidade de suas atividades* – são grupos de agricultoras, artesãs, apicultoras, costureiras, dentre outras atividades; e seu *tempo de organização e surgimento* – tem grupos anteriores à organização da rede, alguns surgem juntamente com a rede e outros que se formam depois.

Ao considerar estes três aspectos para orientar o recorte do campo considerei o *tempo de organização e surgimento dos grupos* como aquele a guiar as demais definições, porque este explicitava as diferentes estratégias de políticas públicas e organizações não governamentais mobilizadas no território do Pajeú para a organização de grupos produtivos de mulheres, as condições sob as quais estes grupos construíram seus processos de gestão e organização de

trabalhos coletivos, assim como, os processos de aprendizado vivenciados pelas mulheres animados pela experiência coletiva. Ao estabelecer este parâmetro para a resolução da primeira questão apresentou-se a preocupação em reconhecer a noção de experiência que se apresenta com muita frequência nas denúncias feministas quanto à ausência das experiências das mulheres nos conceitos e teorias das ciências.

A experiência apresenta-se como um conceito ambíguo e impreciso que poderia designar ao mesmo tempo um tipo específico de objeto teórico e um conjunto de práticas sociais características. Para Dubet (1994) a experiência evidenciaria três características relevantes das práticas sociais, sendo estas, a heterogeneidade dos princípios culturais e sociais que organizam as condutas permitindo reconhecer assim os vários ‘pontos de vista’ que incidiriam na construção das identidades. Uma segunda característica seria a problematização da distância subjetiva que os indivíduos manteriam em relação à organização social, as bases plurais e heterogêneas dos princípios culturais, o que levaria a uma busca de coerência e reflexividade fundamentada em um distanciamento e desprendimento. Por fim, um conjunto de lógicas de ação perpassando as condutas e práticas sociais que levariam a uma construção coletiva da experiência.

Assim a experiência social seria uma construção que permitiria aos indivíduos gerir uma profunda fragmentação de lógicas e ações, tornando a experiência enquanto um conjunto de práticas, uma atividade cognitiva responsável pela construção do real, permitindo verificá-lo e experimentá-lo. A experiência estaria sempre lidando com multiplicidades e incongruências e nesta perenidade, assentar-se-ia a autonomia dos sujeitos. Ao tomar as subjetividades como uma atividade social seria necessário recusar tanto a ideia de uma submissão e ingenuidade quanto de uma clarividência e plena consciência, a experiência se apresentaria não como um aspecto inerente dos indivíduos, ou origem de conhecimentos, mas sim como práticas sociais constitutivas dos sujeitos.

A autoridade atribuída a experiência adviria assim tanto por “poder confirmar o que já é conhecido, quanto perturbar o que pareceria óbvio” (SCOTT, 1998, p. 320). A experiência, sendo socialmente construída, apoiar-se-ia em definições coletivas, e sua existência exigiria o reconhecimento e a partilha com outrens. Scott reflete ainda que a experiência “é sempre e imediatamente algo já interpretado e algo que precisa de interpretação” (SCOTT, 1998, p. 324), assim compreender e analisar a experiência compartilhada por indivíduos exigiria compreender a explicação histórica, considerando que a experiência não seria reprodução ou transmissão, experiência não seria a origem da explicação, mas uma fonte a ser analisada.

Apoiada nesta compreensão da experiência como fonte a ser analisada, a escolha dos três grupos considerando seus tempos diferentes de existência e organização permitiria estabelecer condições de observar, dialogando com Dubet, as lógicas de ação que ao perpassar as condutas e práticas sociais levariam a uma construção coletiva da experiência. O primeiro grupo da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú escolhido para participar desta pesquisa é anterior à constituição da rede – o grupo produtivo Xique Xique; o segundo grupo constituiu-se ao mesmo tempo que a rede – o grupo Artesanato Pajeú; e o terceiro grupo surgiu com a rede já organizada no território – o grupo Art's Barro. Para definir com quais grupos trabalhar foi de extrema importância a primeira visita realizada a Afogados da Ingazeira para apresentação do projeto à coordenação de gestão, composta por educadoras contratadas da rede, que contribuíram imensamente neste primeiro momento para algumas definições.

Após tomar o *tempo de organização e surgimento dos grupos* como guia para o recorte do campo, um segundo critério foi a disponibilidade dos grupos para vivenciar a pesquisa e poderem me receber em alguns períodos em suas casas. Considerando que realizar a pesquisa no Pajeú, residindo em João Pessoa, significavam deslocamentos de 490 km, defini em diálogo com os grupos e a coordenação da Rede, que cada visita minha duraria cinco dias, garantindo assim que ficasse de um a dois dias com cada grupo. Os grupos Xique Xique e Artesanato Pajeú estão localizados no município de Afogados da Ingazeira e o grupo Art's Barro no município de Brejinho, e para garantir os traslados entre os municípios e entre os grupos contei em diversos momentos com o apoio das educadoras da Rede. O acolhimento nas residências das mulheres foi de uma extrema generosidade, que permitiu não apenas observar seus cotidianos, mas também aprofundar uma relação de confiança necessária para o avanço da investigação e garantir condições materiais, como hospedagem e alimentação, não previstas para a pesquisa.

Um terceiro critério importante apareceu durante a primeira visita quando estive com alguns grupos produtivos e percebi que alguns destes possuíam dinâmicas mais integradas e outros não. Por exemplo, a maior parte dos grupos de mulheres agricultoras reúnem-se para a comercialização de seus produtos, seu trabalho dá-se em seus sítios, nos seus quintais agroecológicos. As mulheres destes grupos reuniam-se apenas uma vez no mês, o que tornaria difícil reunir estas mulheres para a pesquisa. Tanto o grupo Xique Xique que beneficia frutas, quanto o grupo Art's Barro que produz artesanato com barro, trabalham coletivamente, com diferenças que discutirei em outro momento, e o grupo Artesanato Pajeú, mesmo sendo um grupo de comercialização, como as mulheres residem na cidade de Afogados da Ingazeira tinham mais momentos de integração o que possibilitava os encontros para a pesquisa.

Ao total foram seis visitas ao sertão ao Pajeú. A primeira visita teve como objetivo apresentar a proposta de pesquisa à coordenação da rede e realizar um primeiro contato com alguns grupos. É importante recuperar aqui que embora conhecesse a Rede tinha pouco contato com seu cotidiano e organização, de forma que esta primeira visita foi um momento exploratório que muito contribuiu para definir os critérios acima descritos para a escolha dos grupos com os quais realizaria a pesquisa.

A segunda visita foi a convite da Rede para participar do XVI Encontro Semestral da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú⁶ que reuniu representações de todos os grupos, sendo espaço de comemoração dos 10 anos da Rede, além de momento de definição de estratégias de organização e de prestação de contas. Participar do encontro semestral foi muito significativo para compreender melhor as dinâmicas de gestão política da Rede, o uso dos princípios da educação popular em suas dinâmicas, os símbolos evocados nas atividades de confraternização e celebração. A maior parte das atividades foram realizadas em plenária para debate e reflexão de ações estratégicas, resolução de problemas, assim como gestão do fundo rotativo solidário⁷.

Da terceira até a sexta visita deram-se os momentos de investigação com os grupos e explicitarei mais à frente as ferramentas e instrumentos utilizados. Cada uma destas quatro visitas durou cinco dias. A sétima e última visita será de devolução do trabalho realizado, para este momento buscarei reunir os três grupos e as educadoras que trabalham no cotidiano da Rede para dialogar sobre os processos vividos. Para a devolução pretendo apresentar para cada grupo uma sistematização com cerca de 15 páginas que recupere a história do grupo e compartilhe algumas análises do processo vivido e parte das fotografias produzidas.

2.4 QUAIS INSTRUMENTOS? QUAIS MÉTODOS DE COLETA E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS?

⁶ Este encontro foi realizado nos dias 09 e 10 de janeiro de 2018. Participei deste encontro a convite da rede para contribuir com a roda de diálogos com o tema “os impactos da política atual na vida das mulheres – desafios e estratégias de resistência”

⁷ Fundo rotativo solidário é uma metodologia comunitária de gestão coletiva de recursos para financiamento de iniciativas – cisterna de água, criação e circulação de animais, financiamento de iniciativas produtivas, a partir de princípios da economia solidária. Quando utilizam os Fundos rotativos solidários os grupos estabelecem a forma de uso dos recursos, como ele circula para benefício coletivo, e prestações de contas. Trata-se de uma prática pedagógica a partir da qual as participantes do processo estabelecem outras compreensões do uso e administração de finanças.

A definição das ferramentas e instrumentos de pesquisa apresentou-se como uma preocupação em todo o percurso da pesquisa. Havia aqui a necessidade de construir condições para que as ferramentas e instrumentos empregados dialogassem com as preocupações já compartilhadas pela epistemologia feminista. Para Harding (2002) as elaborações epistemológicas e metodológicas feministas levam a diferenças de procedimento que estariam na escuta atenta que buscaria registrar as informações compartilhadas pelas informantes, a observação de comportamentos aos quais não se tem dado relevo nas abordagens mais tradicionais das ciências, e por fim, a valorização de aspectos históricos não reconhecidos ou registrados experienciados pelas mulheres.

Para o processo de diálogos e construção dos dados da investigação optei por combinar um conjunto de ferramentas e estratégias de forma a estabelecer a participação das mulheres na investigação, considerando que as mulheres da Rede de Mulheres Produtora do Pajeú têm uma caminhada ligada a processos de formação orientados pela educação popular, busquei organizar os processos considerando este referencial na construção. A educação popular apresenta-se como um projeto original latinoamericano que tem como principal referência as práticas e escritos de Paulo Freire, que por sua vez se apoiam em um conjunto de princípios: a dialogicidade, a participação e horizontalidade dos processos educativos, a valorização da cultura popular e do reconhecimento dos saberes das educandas e dos educandos, a afirmação do sentido político da educação e que esta deve servir para a organização, reflexão e ação política popular e a recuperação da ludicidade (FREIRE, 1987).

A educação popular tem sido ressignificada por movimentos e experiências diversas como o Movimento Sem Terra, a agroecologia, a economia solidária e também, o movimento feminista. A pedagogia feminista tem utilizado os referenciais da educação popular de forma articulada com “ideias e dinâmicas da psicologia e reflexões oriundas da sociologia crítica e da teoria feminista” (SILVA, 2010, p. 14), buscando recriá-la “na medida em que traz para o centro de sua pedagogia a desigualdade de gênero e a ideia de movimento feminista como sujeito político, além de trazer a dimensão da subjetividade para a cena pedagógica como elemento central na construção da identidade pessoal e coletiva” (SILVA, 2010, p. 16-17).

No processo da pesquisa realizei oficinas, entrevistas, registros fotográficos, e levantamento bibliográfico. Estas estratégias foram somando-se e criando um conjunto extremamente complexo de informações a consolidar. Aqui discutirei uma a uma dessas técnicas assim como a integração destas.

As oficinas enquanto procedimento com grupos, aproximam-se do funcionamento e objetivos dos grupos focais⁸. Com este método busquei priorizar consolidações coletivas de conhecimentos e análises, observando como o grupo refletia e consolidava informações, memórias e conceitos. Destaco, no entanto, que embora a unidade de análise seja o grupo, buscarei identificar aspectos individuais – considerando divergências ou mesmo, particularidades nas experiências das mulheres. Cada oficina teve cerca de três horas e utilizei como *ferramentas* no seu desenvolvimento, linhas do tempo, painéis de consolidação, poesias e músicas.

As oficinas tiveram como participantes as mulheres dos grupos produtivos, assim eram grupos homogêneos quanto ao trabalho realizado, mas não quanto a sua memória e experiência. Ao realizar as oficinas com os grupos ocorreu um acúmulo de confiança, consensos, discordâncias, e conflitos, que se afirmaram como parte do processo. Este aspecto foi muito importante porque ponderava no início da pesquisa que os conflitos vivenciados pelas mulheres nas experiências coletivas não apareceriam no espaço das oficinas, mas com o decorrer das oficinas e com intervalo de tempo entre elas, o desenvolvimento das atividades estabeleceu uma relação de confiança que permitiu a presença das divergências e conflitos. Mais à frente discutirei os sentidos das vozes das mulheres no processo.

Realizei entre duas e três oficinas⁹ com os grupos, cada uma com cerca de 3 horas de duração. A diferença na quantidade de oficinas deveu-se a algumas diferenças quanto ao trabalho dos grupos, o que exigiu organizar algumas estratégias diferentes. Nos grupos Xique Xique e Art's Barro, foram realizadas três oficinas que aconteceram no local de trabalho das mulheres – na casa de doce e na casinha de barro, respectivamente, sempre à tarde. Utilizar os espaços de trabalho durante as oficinas permitiu o manuseio e problematização de objetos e equipamento, e que elas pudessem explicar em diversos momentos as dinâmicas e singularidades do trabalho. As dimensões de alguns equipamentos evocavam de imediato a dificuldade em utilizá-los, seja pela posição corporal necessária, ou pela força que eles solicitavam, também permitiram recuperar e discutir memórias. Com o grupo do Artesanato Pajeú realizei duas oficinas que aconteceram na casa da coordenadora do grupo, sempre à noite.

⁸ Os grupos focais enquanto procedimentos com grupos, surgem em processos de análises de propaganda, e possuem vários desenvolvimentos possíveis, se serão homogêneos ou heterogêneos quanto aos participantes conhecerem-se ou não, e em ambos os casos se terão experiências aproximadas (geração, escolaridade, sexualidade...); se o local de realização buscará simular uma experiência ou se utilizarão as vivências do grupo; se a mediadora do diálogo, tenta apresentar-se de forma mais diretiva dos diálogos e como busca equilibrar informações individuais e coletivas (GONDIM, 2003).

⁹ Os roteiros das oficinas constam nos apêndices deste texto

Diferentemente dos outros dois grupos elas não produzem juntas, quando precisam se encontrar para reuniões o fazem em suas casas, que também é o local em que produzem o artesanato, e as reuniões têm sempre uma dinâmica mais festiva.

Na primeira oficina o planejamento buscou dar conta de realizar uma apresentação da pesquisa momento em que informei ser este um processo de investigação do meu mestrado, os objetivos que buscava alcançar e que, ao final, realizaria uma devolução do trabalho ao grupo. Também foi momento de acordar com elas os encontros a serem realizados, recuperar a trajetória de organização do grupo, identificando e refletindo quanto a momentos importantes desta trajetória. Para este encontro construí um planejamento detalhado que serviu para orientar a condução da atividade, e uma programação que foi entregue para as mulheres com os objetivos da reunião e os momentos previstos no encontro. Busquei garantir elementos de integração e provocação de reflexões iniciais com o uso de músicas e poesias, além de uma avaliação ao final de cada encontro. Para recuperar a trajetória dos grupos segui caminhos diferentes. No Xique Xique e no Art's Barro utilizei uma linha do tempo¹⁰. Esta ferramenta busca retomar e organizar visualmente os momentos significativos para o grupo com o compartilhamento da memória. Como os dois grupos são compostos por mulheres que ingressaram em momentos diferentes no grupo, o momento serviu para que elas também pudessem se ouvir quanto à história do grupo estabelecendo o espaço da pesquisa como um momento de partilha de memórias entre elas.

Para a construção da linha do tempo utilizei tarjetas, pincéis atômicos e afixei para a visualização coletiva. A medida que colocava novas informações seguia consolidando com as mulheres – submetia o conteúdo da tarjeta ao grupo antes de colocá-la na linha do tempo a fim de confirmar os dados apresentados.

Com o grupo Artesanato Pajeú apresentou-se outra dificuldade, quase todas as mulheres tiveram um ingresso muito recente no grupo o que transformou o momento em uma partilha da trajetória, para as demais mulheres, pela coordenadora do grupo que acompanhou o início de sua organização. O espaço da sala da casa não permitia a construção do painel para consolidar com o grupo, assim busquei tomar notas no caderno e fazer interrupções durante as falas para recuperar com o grupo as sínteses que estava anotando.

¹⁰ A linha do tempo é uma ferramenta de reconstrução de história e memória por grupos, bastante utilizada em processos de educação popular. Para sua realização geralmente é necessário uma facilitadora ou um facilitador que estabeleça com o grupo as referências no tempo, e a consolidação das informações recuperadas deve ser realizada visualmente de forma a garantir a participação do grupo.

Na segunda oficina a questão central da atividade foi debater os trabalhos realizados por elas. Discutir como compreendiam e conceituavam o trabalho, sistematizar as etapas de realização do trabalho, considerando os diversos processos de gestão, desde a compra de materiais e produtos para o trabalho, a organização do grupo para o trabalho, os processos de aprendizado do trabalho que realizam, e por fim debater as atividades que realizam conjuntamente, quanto a produção, a comercialização e a formação.

Neste momento também tive que utilizar uma dinâmica diferente com o Artesanato Pajeú. Como cada uma delas realizava trabalhos diferentes, busquei visitá-las em suas casas para registrar os processos de trabalho. Como a articulação do grupo fundamenta-se na comercialização acompanhei o grupo em dois momentos de feira, ambos em Afogados de Ingazeira.

A terceira oficina foi marcada pela necessidade de aprofundar e aproximar alguns debates realizados. Cada grupo trouxe questões que extrapolaram os objetivos das oficinas e, que se mostraram importantes para a pesquisa. Políticas públicas, seguridade, usos da renda, e relações familiares foram questões que surgiram com dimensões diferentes em cada grupo e que percebi ser importante retomar. Além destas questões, dois outros pontos tomaram relevo na terceira oficina: refletir o significado da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú e como compreendiam sua participação neste espaço de organização, e avaliar o processo vivido. Além das oficinas com os grupos realizei uma oficina com as educadoras contratadas pela Rede que são responsáveis pelo assessoramento cotidiano aos grupos. Esta oficina foi momento de compartilhar e refletir algumas impressões e informações obtidas nas oficinas com os grupos. Foram questões trabalhadas: as linhas estratégicas de ação da rede, o significado das relações de parentesco na constituição dos grupos, como acontece o assessoramento aos grupos e as relações com outras entidades de apoio¹¹ que atuam no Pajeú.

Além das oficinas também realizei entrevistas em duas situações: entrevistas com as mulheres dos grupos que tinham a preocupação de buscar aprofundar a compreensão sobre os dissensos e conflitos, além de problematizar aspectos do cotidiano que não apareceram nas oficinas, e entrevistas com mulheres que não participavam dos grupos e que tinham um significado relevante nas experiências dos grupos ou da rede. Com o grupo Xique Xique fiz entrevistas com três mulheres em suas residências, o grupo tem cinco mulheres e uma não participou do processo de pesquisa. Já com o grupo Art's Barro realizei entrevista com a

¹¹ Ong's, associações e sindicatos.

coordenadora do grupo e com uma ex-gestora de uma política pública no município que contribuiu para o estabelecimento do grupo. Com o grupo Artesanato Pajeú realizei entrevistas com quatro mulheres das nove que compõem o grupo que aconteceram em suas residências. Estas entrevistas aconteceram, em sua maioria, após a primeira oficina, e uma parte das informações obtidas nas entrevistas acabaram por aparecer nas oficinas posteriores.

Além das oficinas e entrevistas fiz um registro fotográfico de momentos diferentes do trabalho de campo. Registrei momentos de trabalho do grupo Art's Barro e das mulheres em suas residências do grupo Artesanato Pajeú, do cotidiano do grupo Xique Xique, do Encontro Regional realizado pela Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú no início de 2018, e das feiras que visitei. Ao fazer o registro pensava inicialmente em subsidiar o texto da dissertação, não como ilustração, mas como dados complementares ao texto. É importante destacar que o uso da fotografia e de outros recursos imagéticos ainda é cauteloso nas ciências sociais, e que a produção de imagens na sociologia não é uma tentativa de produzir 'imagens propriamente sociológicas' como problematiza Martins (2013). A fotografia traria um dado polissêmico para a análise, ou seja, não existiria apenas uma imagem em si, ela não congela um tempo ou uma informação, ela teceria história. A análise poderia buscar na fotografia expressões do cotidiano.

Nos registros fotográficos deparei-me com o temor da invasão e da violência do registro. Embora tenha solicitado o registro e este tenha sido autorizado pelas mulheres preocupava-me o que o enquadramento compartilharia, em que relação elas seriam apresentadas nas fotos. O registro fotográfico não traz espontaneidade, mas um olhar preocupado em apreender uma certa expressão do cotidiano das mulheres em suas diferentes experiências. Ao começar a organizar as fotografias deparei-me com 'informações' inesperadas. Elas traziam expressões diferentes de construção cotidiana do espaço vivenciado pelas mulheres envolvidas. Ao buscar 'analisar' as fotografias pude observar melhor como as diferentes narrativas dos grupos se apresentavam. O trabalho em casa pelas mulheres do Artesanato Pajeú, na casa de Barro pelas mulheres do Art's Barro e o cuidado com os quintais e a comunidade das mulheres do Xique Xique compartilhavam representações diferentes de seus cotidianos.

Todas as entrevistas e oficinas foram gravadas e a transcrição dos áudios consumiu uma grande energia, em especial dos áudios das oficinas. Estas gravações continham vozes de várias mulheres. Nos grupos do Xique Xique e Art's Barro tinha uma menor quantidade de mulheres e variações muito marcantes nas vozes o que facilitou a transcrição, mas no grupo do Artesanato Pajeú os timbres das vozes eram muito parecidos, o que dificultou inicialmente a identificação das mulheres.

2.5 IDENTIFICAR AS MULHERES OU MANTÊ-LAS NO ANONIMATO?

Durante todo o processo de pesquisa estabeleceu-se a questão da referência às mulheres participantes da pesquisa e aos grupos, se utilizaria algum código para referenciar suas falas na dissertação, ou se explicitaria seus nomes. Opto por compartilhar aqui algumas ponderações envolvidas na pesquisa para melhor situar as preocupações quanto a esta decisão e utilizo como referência o texto de Claudia Fonseca sobre o anonimato no texto antropológico (2008). Um primeiro aspecto é o perfil da experiência, tanto a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú quanto os grupos que participam da rede e contribuíram com a pesquisa, a saber, os grupos Xique Xique, Artesanato Pajeú e o Art's Barro têm uma divulgação muito extensa de suas experiências, assim como uma exposição pública das mulheres participantes de cada grupo¹². Os trabalhos das mulheres, refiro-me ao que produzem e suas experiências, são noticiadas em documentos e estudos da academia e de órgãos governamentais, além de matérias jornalísticas, e com esta primeira constatação, apresentou-se a primeira indagação sobre o anonimato em torno da experiência. Mas outros aspectos pesaram para analisar o problema.

Uma segunda questão seria a contextualização territorial e histórica da experiência. Toda a construção da experiência dos grupos e das mulheres para ser explicada e compreendida exigia sua localização, não apenas no semiárido pernambucano, mas em um sertão específico, o sertão do Pajeú. Assumindo a afirmação de que a experiência é uma fonte para análise e que conteria características como a heterogeneidade dos princípios culturais, seria responsável por criar condições de reflexividade, e revelaria condutas e práticas sociais, elas não podem ser percebidas e identificadas sem a devida contextualização territorial e socioeconômica.

Uma terceira questão seriam os tipos de dados coletados, olhando especificamente para os registros fotográficos. Se existem questões quanto ao conteúdo, interpretação e possíveis usos das fotografias, estes aspectos tornaram-se especialmente relevante quanto estas são

¹² Existem vídeos, programa de rádio, matérias jornalísticas e outras pesquisas sobre o grupo. Alguns exemplos: <https://www.youtube.com/watch?v=VzN3I4LApCE> (vídeo produzido pela Rede); <https://www.youtube.com/watch?v=x9Ca5uz6920> (vídeo produzido pelo Brazil Foundation); https://www.youtube.com/watch?v=s_X1PctSmoY (vídeo produzido pela TV Mangue); <https://www.youtube.com/watch?v=JLEspeYDXm4> (programa Povos de Pernambuco do Núcleo de Agroecologia); <http://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/abtv-2edicao/videos/v/grupo-de-mulheres-mantem-tradicao-de-produzir-panelas-de-barro-em-brejinho/5979843/> (matéria com o grupo Art's Barro). <http://nilljunior.com.br/moda-matuta-e-lancada-em-grande-estilo-em-afogados-da-ingazeira/> (matéria sobre a Moda Matuta produzida pelo grupo Artesanato Pajeú); <https://www.funbio.org.br/projeto-transforma-vida-de-mulheres/> (matéria da Funbio com o grupo de mulheres do grupo Xique Xique).

inseridas como dados em um processo de pesquisa. Tendo este trabalho o objetivo de refletir como, a partir das práticas de trabalho das mulheres do Pajeú e estratégias econômicas vivenciadas pelas mulheres, elas mobilizam valores éticos e morais de cuidados em suas atividades, tornou-se muito singular o registro das imagens dos diversos processos envolvidos no trabalho, os ambientes de trabalho, assim como outros elementos de seus cotidianos. Como trazer estes dados sem trazer as mulheres¹³?

Por fim, trago uma última questão referente ao problema abordado. Nas reflexões sobre a ética na pesquisa, o anonimato é combinado com a preocupação quanto a preservar as informantes ante a análise realizada de suas falas, estabelecer confiança para que problemas que abordem experiências de maior intimidade possam ser compartilhados. Frente ao problema e aos conceitos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa vejo-me com uma análise que não se apoia em informações e reflexões que constriam ou criem prejuízos materiais ou imateriais às mulheres e aos grupos envolvidos.

Como muitas eram as questões, e sentia que esta não poderia ser uma decisão tomada sem que elas pudessem participar da reflexão quanto ao que significaria para elas o anonimato neste processo, busquei ouvi-las quanto à inclusão de seus nomes ou pseudônimos no texto da dissertação e o que significaria não as nomear. Isto implicou compartilhar com elas uma preocupação quanto à produção do texto compreendendo também que existem especificidades do fazer da pesquisa que elas não poderiam avaliar. Todas as mulheres reivindicaram a presença de seus nomes no texto da dissertação, e destacaram que sua ausência daria a este um caráter fictício, também apontaram o sentimento de invisibilidade e não reconhecimento, e finalmente a preocupação quanto à verdade compartilhada.

Eu não ia gostar não, tudo que a gente falou foi de verdade, se você colocar que quem falou foi Maria, não foi Maria quem disse, seria uma coisa fictícia.

Nós falamos da nossa realidade, não falamos nenhuma mentira, não falamos dos outros, apenas de nós mesmas.

Se usar outros nomes dá a entender que foi uma criatividade né? Uma coisa inventada, que você inventou.

¹³ No processo de levantamento bibliográfico identifiquei o trabalho de conclusão de curso “Grupo de Mulheres Art’s Barro de Brejinho – PE: o enfrentamento a pobreza e a luta por um espaço de inclusão social pelo trabalho” de Antônio Adriano Nóbrega. No trabalho o autor identifica o grupo e o município e utilizou fotos das mulheres, e, para não as identificar optou por colocar uma tarja sobre o rosto das mulheres o que lhes causou desconforto.

Se um dia alguém ler esse trabalho e chega aqui e tem outros nomes, o que a gente vai dizer?

Vou me sentir invisível, eu não vou existir, seria como se eu não existisse.

Significaria que nós somos fantasmas, que não existimos.

Considerando o conjunto de questões aqui explicitadas, avaliei ser importante equilibrar as preocupações apresentadas, tanto quanto aos níveis de identificação de algumas falas e a abrangência do anonimato de outras. Compreendo que o consentimento não significa compreender plenamente quais elementos da observação estarão sendo tomados como dados relevantes para a análise, assim o consentimento ou assentimento não implica necessariamente uma condição plena de assumir o texto desta pesquisa construída a partir das interpretações e análises da pesquisadora.

Assim considero estas questões para explicitar que não se trata de conferir realismo ao texto, mas que elementos do contexto, e os dados fotográficos contribuem para uma melhor condição de análise e reflexão. Quanto ao nome das mulheres buscarei ao longo do texto trabalhar com duas dinâmicas, incluir no texto falas que serão tomadas como falas do grupo, e também falas com identificação das interlocutoras que permitam compreender a contribuição das experiências individuais para a construção da experiência coletiva. Este caminho permite refletir a própria construção da pesquisa que se apoiou em estratégias de consolidação coletiva, no caso, as oficinas, assim como dialogar com falas que trazem elementos mais individuais das práticas e cotidianos.

2.6 IMAGENS DO CAMPO E DO FAZER DA PESQUISA



Figura 2 - Açude que fica no centro da Comunidade em que residem as mulheres do grupo Xique Xique

Elizabete, educadora da Rede levou-me à comunidade da Vaca Morta, em Afogados da Ingazeira, na qual residem as mulheres do grupo Xique Xique. Fui recebida na casa de Vilza, coordenadora do grupo. Após tomar café em sua cozinha ela me apresentou o seu quintal, com flores e frutos, lugar que ela cuida e que procura para ficar em paz.



Figura 3 – Vilza, coordenadora do grupo Xique Xique, no quintal de sua casa

O sertão do Pajeú, local da pesquisa, vivenciava uma estiagem de mais de 9 anos. Cheguei ao campo para a realização das primeiras oficinas em 09 de abril de 2018, momento em que sangrava a Barragem de Brotas em Afogados da Ingazeira e foi sob a animação das chuvas e águas que segui para realizar a primeira oficina com o grupo Xique Xique.

À tarde realizamos a primeira oficina na Casa do Doce, local em que as mulheres se reúnem para produzir e, ao término, as mulheres foram convidadas a observar o painel com as consolidações construídas a partir das questões que levei para orientar o diálogo e das respostas produzidas pelo grupo.

No dia seguinte acompanhei as mulheres na tarefa de arrumar a igreja do distrito de Monte Alegre – que reúne diversas comunidades como a da Vaca Morta, para a missa que aconteceria no final de semana. Findo este dia segui para Brejinho, para encontrar as mulheres do grupo Art's Barro.



Figura 4 - Visualizando o quadro de consolidação



Figura 5 - Igreja da comunidade

A temperatura à noite em Brejinho era de 17°. Elas aguardaram-me na parada do ônibus em frente a suas casas, toda a família estava acordada para me receber. No dia seguinte Desterro me mostrou os arredores, o açude cheio de água que elas utilizam para lavar roupa, os reservatórios naturais de água nas pedras, os animais do quintal, bodes e cabras, o chiqueiro dos porcos, as vacas e galinhas.



Figura 6 - Com Desterro, coordenadora do grupo Art's Barro em frente ao açude

À tarde realizei a oficina com o grupo no seu espaço de trabalho. Iniciei com uma apresentação e produzimos uma linha do tempo, com o uso de tarjetas, pincéis atômicos e fitas, recuperando a trajetória do grupo e os processos envolvidos na produção artesanal de panelas, que foi consolidada na parede, para visualização coletiva.



Figura 7 - Linha do tempo do grupo Art's Barro



Figura 8 - Moça apresentando a vasilha com a qual mensuram os materiais

Durante a oficina as mulheres apresentavam os instrumentos e equipamentos com que desenvolviam o trabalho para explicar as etapas, e as estratégias construídas por elas para uniformizar o trabalho. Esta foi uma situação que aconteceu nas oficinas com os demais grupos.



Figura 9 - Feira realizada no Hotel Brotas em Afogados da Ingazeira

No último dia estive com as mulheres do grupo Artesanato Pajeú. Elas estavam participando de uma feira o que não permitiu a realização da oficina. Assim passei este dia acompanhando a realização da feira. Cada mulher tinha uma banca para seus produtos, na qual exibiam também peças de outros grupos da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú.

Compartilho um trecho do meu diário sobre esta feira que acompanhei,



Figura 10 - produção de artesanato durante a feira

A feira está quase vazia, segundo elas, é importante a exposição das peças, a feira é lugar de encomendas. Elas aproveitam para produzir outras peças, conversam sobre artesanato, filhos, maridos e vizinhos, assistem vídeos no whatsapp. Embora façam parte de um grupo cada uma possui um cartão individual que não menciona o grupo, recebi vários cartões na feira. As mulheres trazem lanches, café, água. Quando algumas saem para almoçar, outras ficam tomando conta do conjunto das bancas. As mulheres trazem suas peças e os produtos de outros grupos de mulheres da rede. As

cadeiras são duras e desconfortáveis tornando a tarefa de permanecer com uma feira funcionando por tantas horas uma dificuldade. Metade da tarde e começam os relatos de dores nas costas, no pescoço, elas ficam em pé, movimentam-se e, em sua maioria, continuam produzindo. A produção de peças no local é para distrair, me explica uma artesã, que me diz que, se eu soubesse bordar, poderia bordar com ela. ” (Diário de campo, 13 de abril de 2018)

3. ATRAVESSANDO O BATENTE: AS POLÍTICAS PÚBLICAS E AS RESPOSTAS ORGANIZATIVAS DAS MULHERES NO SERTÃO DO PAJEÚ

Para situar os três grupos que participaram desta pesquisa, a saber, os grupos produtivos Xique Xique, Artesanato Pajeú e Art's Barro, e a partir destes grupos a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, farei um percurso que busca apresentar o Sertão do Pajeú e o papel que as políticas públicas executadas no Pajeú, além da ação de entidades e sindicatos, cumpriram para mobilizar respostas organizativas das mulheres. Desta forma discutirei neste capítulo o movimento realizado pelas mulheres para construir estratégias de acesso ao espaço público como concebido e existente hoje no sertão do Pajeú. As mulheres costumam falar sobre este processo como atravessar o batente da porta de casa. Atravessar o batente é uma ação que sempre simboliza sair de casa e acessar a rua, o espaço público, e este acesso à rua e ao espaço público toma outro sentido quando passa a ser mediado pela organização de uma experiência de trabalho das mulheres.

Esta busca pela participação no espaço público assumirá três momentos, seguindo o contexto histórico, tomando como referência políticas públicas federais e municipais, a ação de organizações não governamentais e as diferentes respostas que produziram junto às mulheres dos grupos produtivos e da própria Rede enquanto articuladora deste conjunto de iniciativas no Pajeú. O primeiro grupo a constituir-se foi o grupo Xique Xique, no período de 1993 e 2000, em resposta aos limites das políticas de combate à seca, segundo definição utilizada em políticas públicas federais e estaduais, além das ações dirigidas às famílias por entidades e sindicatos. Em seguida temos o surgimento da Rede e do grupo Artesanato Pajeú que acontece no bojo de um conjunto de políticas do Governo Federal no ano de 2005, executadas por Organizações Não Governamentais – ONG's que servem para estabelecer novas condições de organização e mobilização para as mulheres no sertão do Pajeú. Por fim, temos o grupo Art's Barro que traz em sua experiência ações desenvolvidas através de políticas mobilizadas no âmbito municipal no ano de 2007.

As políticas públicas podem ser compreendidas como uma ação desenvolvida pelo Estado, que se orienta por objetivos específicos, e refletem disputas e concepções de um determinado modelo de política do Estado (FARAH, 2004). Considerando as especificidades das relações da ação organizativa das mulheres no Sertão do Pajeú, o olhar aqui buscará responder a duas necessidades, avaliar e analisar as políticas públicas identificadas considerando a avaliação como um olhar dedicado a observar os resultados destas políticas na

relação específica das experiências investigadas. Quanto à análise, a preocupação se voltará para dar relevo às narrativas e valores que envolvem a construção da política pública, e esta análise tomará como referência as reflexões resultantes dos diálogos travados com as mulheres dos grupos, e a leitura das legislações que orientam estas políticas públicas (SERAFIM; DIAS, 2011).

Assim, pensar o movimento de acesso ao espaço público mediado por respostas diferentes à execução de políticas públicas, implica analisar o sentido atribuído a esfera pública no conteúdo destas políticas e como estas são significadas nas respostas construídas pelas mulheres em suas experiências.

3.1 O SERTÃO DO PAJEÚ EM PERNAMBUCO

Apresentar o Sertão do Pajeú busca aqui enraizar a caminhada das mulheres de forma a melhor compreender os elementos e aspectos da história, economia, trabalho e modos de vida territoriais que contribuem para a formação de sua experiência. As delimitações deste território têm desenhos diferentes considerando as políticas de regionalização federal e estadual. Para as políticas desenvolvidas pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA)¹⁴, como o Território da Cidadania¹⁵, o Sertão do Pajeú é composto por 20 municípios, já para a organização das Regiões de Desenvolvimento – RD, consideradas pelo Governo do Estado de Pernambuco, o Sertão do Pajeú é composto por 17 municípios:

	Território do Pajeú na definição do MDA¹⁶	Território do Pajeú na definição do Governo de Pernambuco¹⁷
01	Afogados da Ingazeira	Afogados da Ingazeira
02	Brejinho	Brejinho
03	Calumbi	Calumbi
04	Carnaíba	Carnaíba
05	Flores	Flores
06	Igaraci	Igaraci
07	Ingazeira	Ingazeira
08	Itapetim	Itapetim
09	Quixaba	Quixaba

¹⁴ Agora, Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário da Casa Civil.

¹⁵ BRASIL. Decreto de 25 de fevereiro de 2008. Institui o programa território da cidadania e dá outras providências. Diário Oficial da União, 26 de fev. 2008

¹⁶ BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Agrário. Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Sertão do Pajeú. 2011

¹⁷ PERNAMBUCO. Revisão do Plano Plurianual de 2018. Outubro de 2017.

10	Santa Cruz da Baixa Verde	Santa Cruz da Baixa Verde
11	Santa Terezinha	Santa Terezinha
12	São José do Egito	São José do Egito
13	Serra Talhada	Serra Talhada
14	Solidão	Solidão
15	Tabira	Tabira
16	Triunfo	Triunfo
17	Tuparetama	Tuparetama
18	Mirandiba	(SERTÃO CENTRAL)
19	São José do Belmonte	(SERTÃO CENTRAL)
20	Sertânia	(SERTÃO DO MOXOTÓ)

Os processos de definição de territórios em Pernambuco, a partir das ações estaduais, percorreram diversos critérios. Uma primeira identificação em 1946 utilizou os aspectos físicos (relevo, vegetação, clima, hidrografia), uma segunda definição em 1952 trabalhou com a junção dos aspectos físicos e as atividades econômicas predominantes estabelecendo assim, cidades polos. Em um terceiro momento em 1969, considerando polos de crescimentos em torno de cidades-sede o foco da regionalização dirigiu-se à resolução de problemas para o desenvolvimento, a regionalização passa a considerar planejamentos territoriais e define-se por uma busca de melhor organizar a atuação do Estado. A última estratégia de regionalização (1995-2003) buscou trabalhar com diversos critérios, como a divisão em mesorregiões do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, as bacias hidrográficas, ações regionais de saúde e educação, e por fim, a reivindicação apresentada pela população, líderes sindicais e outros entes da sociedade civil de também considerar a identidade cultural, política, territorial e econômica dos municípios para definir as RD's¹⁸.

Este processo de regionalização desenvolvido em Pernambuco consolida como RD o Sertão do Pajeú, delimitada como microrregião composta por 17 municípios. Já com os Territórios da Cidadania instituídos pelo Decreto Federal de 25 de fevereiro de 2008, durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva, a regionalização visava, segundo documento governamental, alcançar o “desenvolvimento regional sustentável e garantia de direitos sociais voltado às regiões do país que mais precisavam” (BRASIL, 2008, p. 2) integrando políticas e programas dos governos federal, estadual e municipal. Para definição dos territórios utilizaram-se tanto critérios de identidade sociais, culturais, geográficos e econômicos que apresentassem o território como um espaço historicamente construído e reconhecido, quanto critérios técnicos:

¹⁸ CONDEPE. Regionalização do Estado de Pernambuco.

- I - Estar incorporado ao Programa Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais, do Ministério do Desenvolvimento Agrário;
- II - Menor Índice de Desenvolvimento Humano - IDH territorial;
- III - Maior concentração de beneficiários do Programa Bolsa Família;
- IV - Maior concentração de agricultores familiares e assentados da reforma agrária;
- V - Maior concentração de populações tradicionais, quilombolas e indígenas;
- VI - Baixo dinamismo econômico, segundo a tipologia das desigualdades regionais constantes da Política Nacional de Desenvolvimento Regional, do Ministério da Integração Nacional;
- VII - Convergência de programas de apoio ao desenvolvimento de distintos níveis de governo; (Redação dada pelo Decreto de 23 de março de 2009)
- VIII - Maior organização social; e (Redação dada pelo Decreto de 23 de março de 2009)
- IX - Maior concentração de municípios de menor IDEB - Índice de Desenvolvimento de Educação Básica. (BRASIL, Decreto de 25 de fevereiro de 2008)

Estas duas estratégias de regionalização, estadual e federal de definição de microrregiões para a atuação do Estado, utilizam um conjunto de critérios diferentes para a definição de territórios. Em ambos os processos vemos a busca por fundir elementos de delimitações espaciais, geográficas com a produção cultural, social e econômica dos espaços. No entanto, o desenho das políticas públicas dos governos nem sempre correspondem às construções territoriais vivenciadas. Aqui discutirei o território como o espaço formado por identidades, conflitos e solidariedades em relação com um ecossistema produzido historicamente, atravessado por relações sociais e responsável por um processo permanente de elaboração de conhecimentos e saberes (DUBEX, et al., 2012).

Neste trabalho utilizarei a delimitação do Sertão do Pajeú apresentada pelo governo do Estado de Pernambuco, que corresponde ao território reconhecido pelas mulheres da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú. Mas é importante destacar que várias ações no sertão do Pajeú, que reverberam na organização das mulheres, são articuladas por entidades, ONGs e Sindicatos que se organizam a partir das dinâmicas do Território da Cidadania, definido pelo programa federal de regionalização.

O sertão do Pajeú abrange com seus 17 municípios uma área de 8.689,7 km², na qual vive uma população de 314.603 habitantes, sendo 199.726 habitantes na área urbana e 114.877 habitantes na zona rural. Encontra-se na depressão semiárida mais extensa de Pernambuco, uma região de caatinga, “mata branca” em tupi-guarani, um bioma que se modifica ante a realidade

das chuvas. A economia do Sertão do Pajeú está baseada na avicultura, na agropecuária, na pequena indústria, no comércio, serviços e no turismo. O nome desta microrregião deriva do Rio Pajeú, um rio efêmero que nasce no município de Brejinho e percorre 353 km margeando as cidades de Itapetim, Tuparetama, Ingazeira, Afogados da Ingazeira, Carnaíba, Flores, Calumbi, Serra Talhada e Floresta e ao final, desagua no Rio São Francisco. É neste sertão que se organiza a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú,

A Rede envolve 26 grupos de onze municípios do Pajeú, mas neste trabalho a investigação envolveu três grupos de dois municípios, o grupo Art's Barro do município de Brejinho e os grupos Artesanato Pajeú e o Xique Xique ambos do município de Afogados da Ingazeira. Assim apresentarei estes dois municípios com mais detalhes.

O município de Brejinho compreende uma área territorial de 106.276 km², limita-se ao norte e oeste com a Paraíba fazendo parte do Planalto da Borborema no trecho que compõem o Conjunto Serrano da Serra de Teixeira. Por esta localização Brejinho possui uma grande presença de rochas cristalinas e estas formações rochosas são utilizadas



Figura 11 - barragem de água nas rochas

pelas mulheres como barragens naturais para reserva de água. O clima é semiárido quente apresentando variações de temperatura que durante o dia alcança 30°C e à noite 15°C em média. Em Brejinho nasce o Rio Pajeú. Tem uma população de 7.307 segundo o censo de 2010 e população estimada pelo IBGE em 2018 de 7.486¹⁹. Brejinho é constituída pelo distrito sede e pelos povoados de Vila de Fátima, Placas da Piedade e Lagoinha.

Desta população, considerando os dados do censo de 2010, Brejinho tem uma população rural de 3.921 pessoas, e uma população urbana de 3.386. Um aspecto muito comum, segundo o grupo de mulheres do Art's Barro, é a residência na cidade e a



Figura 12 - Vista de Brejinho

¹⁹ Dados obtidos do IBGE Cidades.

manutenção de um sítio. Residir na cidade permitiria um maior acesso a serviços como educação e saúde, e aos trabalhos possíveis dentro do município que se limitam ao comércio, alguns serviços temporários, e o emprego efetivo ou temporário na estrutura municipal. Para as mulheres apresenta-se também o trabalho nas casas das famílias. Na zona rural a produção volta-se para a fruticultura e agricultura com o cultivo de caju, castanha de caju, agave, banana, goiaba, limão, manga, mandioca, batata doce, feijão e milho, além da criação de gado, aves, caprinos, suínos e ovinos (VERSYPLE, et all, 2015)

O município de Afogados da Ingazeira que antes de tornar-se um município também era conhecido como Passagem dos Afogados e Vila de Afogados, em razão de um casal de viajantes terem se afogado ao tentar atravessar o Rio Pajeú em período de cheia, tem uma área total de 377,863 km², e 35.088 pessoas segundo o censo de 2010, com estimativa de alcançar 37.111 pessoas em 2018. É formado pelo distrito sede e por quatro povoados, Queimada Grande, Carapuça, Varzinha e Nova Brasília. A população urbana deste município é de 27.402 habitantes, com 7.686 de população rural, apresentando assim 78% de sua população localizada na cidade.

A economia de Afogados da Ingazeira apoia-se em uma estrutura de comércio e serviços, assim como a bovinocultura e caprinocultura, na indústria destaca-se o polo moveleiro e a indústria de avicultura. A Indústria de Vestuário do Nordeste – INVESA, localizada na cidade, era considerada a maior planta de confecções do estado, mas se encontra neste momento desativada e respondendo a diversos processos trabalhistas. A produção da agricultura familiar tem uma lavoura permanente de banana, castanha de caju, goiaba, laranja, limão, mamão, manga, e uma lavoura temporária de batata-doce, feijão, fava, mandioca e milho.

No município também se encontra a Rádio Pajeú, primeira emissora instalada no sertão tendo suas atividades iniciadas em 1959. A Rádio tornou-se possível em razão da ação do Bispo Dom Mota que atuou na sua instalação, e do Bispo Dom Francisco que buscou na Rádio potencializar ações de formação e educação popular através dos Movimentos de Educação pela Base – MEB, e teve um importante papel na organização popular nos períodos de estiagem e das políticas de Enfrentamento à Seca como as Frentes de Emergência. Estão localizadas no município a Faculdade do Sertão do Pajeú – FASP, antiga Faculdade de Formação de Professores – FAPOPAI, mantida pela Autarquia Educacional de Afogados da Ingazeira – AEDAI que tem sido a principal responsável pela formação de professoras e professores no Sertão do Pajeú, e o campus de Cursos Técnicos do Instituto Federal de Pernambuco – IFPE instalado em 2010.

3.2 OCUPAÇÃO DO SEMIÁRIDO E OS CAMINHOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Segundo Silva (2006) a ocupação do semiárido no Nordeste demorou mais de um século após a chegada dos portugueses em razão da resistência dos povos indígenas e pela aspereza das estiagens prolongadas. As primeiras ocupações deram-se com fazendas de gado, sendo a agricultura utilizada como uma atividade secundária. Esta característica da ocupação levou a uma experiência de isolamento inicial das famílias sertanejas que se localizavam próximas a margens e nascentes de rios de forma a garantir água para os rebanhos. As pequenas roças de subsistência, responsáveis pela alimentação nos sertões, cultivavam mandioca, feijão, milho, fava e cana de açúcar utilizada para a produção de rapadura e aguardente. Ao final do século XIX utilizaram-se diversos estudos para ‘enfrentar a seca e suas consequências’ e assumiram como estratégias a construção de soluções hídricas como a açudagem, soluções florestais como o reflorestamento, implementação de uma cultura científica do solo com o dry-farming²⁰, e a abertura de estradas buscando corrigir a aspereza do semiárido nordestino.

A ênfase dada às ações de açudagem e perfuração de poços voltava-se para responder a demandas da criação de gado, e fortaleceu um conjunto de medidas posteriores que institucionalizaram ações de combate aos efeitos da seca com o estabelecimento, em 1909, da Inspetoria de Obras Contra as Secas – IOCS que passaria a ser chamada em 1919 de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS, e de Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS em 1948²¹ (SILVA, 2006, p. 48; PASSADOR, et al., 2007, p.4). O impacto das estratégias desenvolvimentistas no Nordeste teve características peculiares,

de um lado, desde o final da década de 1940, haviam sido criados novos órgãos regionais, com base no discurso da promoção da modernização da economia regional. Por outro lado, além de permitir que os novos órgãos fossem capturados pelas oligarquias regionais, o Governo Federal deu continuidade às mesmas políticas tradicionais e emergência. (SILVA, 2006, p. 56)

²⁰ “As práticas de lavoura seca (ou dry farming), utilizando um conjunto de técnicas de manejo do solo e da vegetação, de modo a preparar o terreno e protege-lo convenientemente para obter o maior rendimento agrícola com as precipitações fluviais. Trata-se de uma influência de práticas agrícolas que eram desenvolvidas nas áreas áridas e semiáridas dos Estados Unidos da América” (SILVA, 2006, p. 45)

²¹ O DNOCS é a mais antiga instituição federal com atuação no Nordeste, considerando seu surgimento como IOCS, é órgão do Ministério da Integração Nacional - <http://www2.dnocs.gov.br/>.

Em 1952 é criado o Banco do Nordeste do Brasil, primeiro banco estatal de desenvolvimento regional do Brasil, e em 1959, foi estabelecida a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE que inicialmente cumpriu o papel de promover cursos de especialização e apoiar estudos e pesquisas sobre o Nordeste. Com o golpe militar em 1964 a SUDENE teve sua autonomia reduzida. Nas décadas de 1970 e 1980 têm início os ‘programas especiais de desenvolvimento’ que compunham um conjunto de ações articuladas do regime militar voltadas para um plano de desenvolvimento nacional, como o Programa Especial para o Vale do São Francisco – PROVALE de incentivo a irrigação no Vale do São Francisco em 1971, tendo na Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco – CODEVASF, criada em 1974, as bases para sua efetivação.

No período posterior, com a redemocratização, o Nordeste vivenciou um dinamismo econômico, com ampliação da infraestrutura básica (energia, água, estradas), maior concentração de terras e riqueza, e um aprofundamento das desigualdades sociais, constituindo-se assim as ‘ilhas de prosperidade’, segundo Celso Furtado, em um sertão marcado pela extrema pobreza. A década de 90 é marcada por uma severa estiagem, e em 1993 o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada publica os três volumes do Mapa da Fome²² que identificavam que trinta e dois milhões de brasileiros viviam em situação de insegurança alimentar, estando a maior parcela no Nordeste. A este documento somou-se a criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar – CONSEA em 22 de abril de 1993²³ que foi responsável por coordenar o Programa de Distribuição Emergencial de Alimentos. Além desta ação também é criado o Programa Federal de Combate aos Efeitos da Seca, coordenado pela SUDENE em 1998, e dentre suas ações retomaram-se as Frentes de Emergência que foram estabelecidas como política pelo Estado em 1979 durante a mais prolongada e abrangente estiagem no semiárido. As políticas da década de 90 para o semiárido serão o contexto de organização do grupo Xique Xique o mais antigo grupo produtivo da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú.

3.3 AS FRENTES DE EMERGÊNCIA E O SURGIMENTO DO GRUPO XIQUE XIQUE

Era muita gente trabalhando, era um trabalho de emergência, era emergência mesmo, trabalhava mulher e homem juntos, uns carregavam pedras, outros cavavam, e as mulheres nas carroças – Josineide, Grupo Xique Xique

²² Publicados em março, maio e agosto de 1993 respectivamente.

²³ Brasil, Decreto 807/93

Para o semiárido, a década de 1990 representa um momento de cisão quanto à orientação das políticas públicas dirigidas para o semiárido. As políticas públicas até este período estruturavam-se em torno de uma narrativa de enfrentamento e combate à seca que não reconheciam as características próprias da caatinga. Nesta década, esta narrativa começará a ser confrontada por reivindicações de movimentos e organizações com atuação no semiárido, por uma narrativa de convivência com o semiárido, que considera a viabilidade da vida no semiárido a partir de ações estruturais, duradouras e comunitárias. Ações de estocagem de água e sementes, de desenvolvimento de tecnologias de captação e armazenamento de água, e a organização de processos educativos contextualizados que contribuíssem na disputa de narrativa e conteúdo para as políticas públicas na década seguinte.

Com a execução do Programa Federal de Combate aos Efeitos da Seca, restabeleceram-se em 1998, dentre suas ações, as Frentes de Emergência que consistiam em cadastramento dos sertanejos e das sertanejas para a realização de obras públicas ou privadas ante pagamento realizado com recursos federais e estaduais²⁴ e, por vezes, suplementado com a distribuição de cestas básicas.

Aí vinha aquelas secas que a gente não tinha de onde tirar dinheiro, era para fazer feira que a gente trabalhava. Recebia um valor e comprava as coisas que estava necessitando. Teve um tempo que vinha cesta básica, que era complementando o valor que a gente recebia, era uma parte em dinheiro e a cesta. Feijões que nem cozinhava mais, acho que eram os restos de alimentos da Conab [Companhia Nacional de Abastecimento]... o feijão não cozinhava, o arroz era todo ferido já com as lagartinhas, era safra antiga que tinha lá pela Conab – Grupo Xique Xique

O alistamento e as obras a serem realizadas definiam-se em comissões municipais, e o alistamento considerava que a pessoa informasse ter como ocupação principal o trabalho no campo e a idade, entre 14 e 60 anos. Além disso utilizava-se o tamanho das famílias para autorizar o alistamento, famílias com até 5 (cinco) membros tinham direito a alistar 1 (uma) pessoa; de 6 (seis) a 10 (dez) membros poderiam inscrever 2 (duas) pessoas; com mais de 10 (dez) membros poderiam alistar até 3 (três) pessoas; núcleos familiares com aposentados e com mais de 7 (sete) membros, podiam inscrever apenas 1 (uma) pessoa (MELO, 2002, p. 64;

²⁴ O valor pago era de R\$ 80,00 mensais composto de R\$ 65,00 dos fundos federais e R\$ 15,00 dos recursos estaduais.

SABINO, 2002). Ante os critérios adotados para o alistamento a presença das mulheres tornava-se extremamente difícil, e isto levou a grandes mobilizações de mulheres em Afogados da Ingazeira, desde a década de 1980, buscando garantir seu acesso às Frentes de Emergência.

A primeira grande manifestação das mulheres pelo direito ao alistamento nas frentes de emergência aconteceu em 1983, e elas passaram a se organizar como as Mulheres de Benvirá²⁵. Esta organização passou a mobilizar e articular as mulheres em Afogados da Ingazeira nas próximas décadas na luta pelo direito ao trabalho no âmbito das políticas emergenciais, mas também discutindo a violência contra as mulheres, saúde, educação e saneamento básico dentre outras pautas. As mulheres de Benvirá conquistaram uma sede construída coletivamente e passaram a organizar processos de formação e organização de grupos produtivos que se tornaram referência para a organização de diversas outras mulheres, como aconteceu com as mulheres do Xique Xique.



Figura 13 - mulheres grávidas na Frente de Emergência de 1983 (acervo Benvirá)

Para as mulheres do Xique Xique o final da década de noventa será o período em que algumas participam das frentes de emergência, e três organizações atuavam em suas comunidades, a Diaconia²⁶, o Sindicato Rural do Pajeú e as Mulheres do Benvirá, com diferenças importantes quanto as suas atuações. Segundo elas,

o Benvirá trabalhava com as mulheres. Tinha a Diaconia, mas não trabalhava com as mulheres, o foco era família, a produção da família, eles não se preocupavam com as mulheres, nem com a organização de mulheres... em potencializar a organização das mulheres. Tinha também o sindicato que fazia atividades na comunidade, mas eram atividades de defesa da mulher trabalhadora, era mais a questão sindical, só voltada mais para a luta sindical, resgatar as lutas e o enfrentamento mais na questão salarial, mais identificado com o trabalho, com o trabalhador rural, mais com essa identidade. Não era assim para organizar as mulheres, para levantar a bandeira de luta das mulheres não – Grupo Xique Xique.

²⁵ O nome do grupo deriva do LP de Geraldo Vandré, Das Terras de Benvirá

²⁶ A Diaconia é uma ONG fundada em 1967 que tem atuado no semiárido de Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte.

Esta percepção quanto a diferença da atuação da Diaconia e dos Sindicatos recupera uma reflexão que tem atravessado a organização das mulheres no campo e suas disputas com *‘organizações mistas’* – organizações com presença masculina. Em um primeiro horizonte a percepção das mulheres de que a família enquanto unidade de trabalho e organização da produção no campo invisibilizava as relações desiguais em que as mulheres estavam inseridas e dificultava o seu acesso às políticas públicas. O segundo horizonte refere-se à atuação dos sindicatos e a dimensão de trabalho reconhecido e debatido neste espaço que não abarcavam as situações específicas vivenciadas pelas mulheres quanto aos trabalhos realizados.

As mulheres discutiam a necessidade de acessar trabalho e renda, mas também de fortalecer os diálogos e trocas de experiências entre as mulheres. Elas buscavam novos aprendizados e, compreendendo estas diferenças de atuação sindical e das ONG's no território que não abarcavam questões específicas das mulheres, elas passaram a refletir a necessidade de se organizar. Este processo coincide com as frentes de emergência de 1998. Na comunidade da Vaca Morta, em Monte Alegre distrito rural de Afogados da Ingazeira, local de residência das mulheres que participam do grupo Xique Xique, tem um açude que serve a toda a comunidade e foi neste açude que se formou uma frente de trabalho com maior presença de mulheres neste período.

Eles chegavam na comunidade que tinha açude, cacimbão, e eles determinavam como separar aquele grupo, mas geralmente já pegavam os homens para encarregado, para cuidar daquele grupo. As pessoas se cadastravam e eles já tinham um olhar diferente porque, primeiro eram sempre os homens que ficavam mais como encarregado e as mulheres ficavam naquelas atividades que eles determinavam – Grupo Xique Xique.

Muitos dos trabalhos realizados pelas mulheres eram trabalhos percebidos por elas como desnecessários. Trabalhos que não cumpriam qualquer papel quanto a melhoria de suas condições de vida e da comunidade.

Nas frentes de trabalho aqui eram só as mulheres dentro do açude, e era aquele sol tão quente, tão quente, e as mulheres dentro tirando muçambê e salsa, duas plantas que crescem, tanto faz você arrancar ou não arrancar, se tiver água, se não tiver, elas crescem, elas voltam de novo quando chove – Grupo Xique Xique.

As mulheres começaram a discutir os trabalhos realizados e construíram uma mobilização para negociar com o encarregado, também denominado como *‘feitor’*, a possibilidade de mudança de orientação de seu trabalho.

O trabalho que as mulheres realizavam era sob o sol muito quente, a gente pensou em mandar uma proposta para o feitor, para ele deixar a gente fazer uma coisa produtiva, fazer os canteiros de hortaliças e com esses canteiros a gente estaria cumprindo a tarefa, e as hortaliças tanto podiam ser para alimentação das famílias, e se sobrasse alguma coisa podíamos comercializar. Estávamos já começando com a ideia de grupo e podia fazer a comercialização, mas quando chegou essa notícia lá eles ficaram foi assustado *‘Não tem isso não, não é autorizado a fazer esse tipo de coisa não, não pode fugir os critérios e o critério tem que ser lá dentro do açude mesmo’* não apoiaram de jeito nenhum a ideia. – Grupo Xique Xique

No entanto, a mobilização das mulheres para refletir o trabalho realizado, sua falta de autonomia quanto ao desenvolvimento da atividade, além das condições impostas para sua realização, levou-as a consolidar uma articulação. Elas passaram a se organizar para trabalhar no açude mais cedo de forma que, quando o sol estivesse mais alto, elas se reuniam na calçada da casa da mulher que morava mais próxima do açude e lá elas passaram a compartilhar aprendizados.

Quando esquentava o sol a gente ia para a calçada de Totô, que ela morava aqui, aí a gente ia trocando experiência de saberes, a gente sabia ponto de cruz, bordado, tinha umas linhas em casa, e fomos nos ensinando, quando pensou que nada, a gente tava fazendo jogo de cozinha, guardanapo, pano de prato um monte de coisa produzida e nós: *‘Eita a gente parecia um grupo’* – Vilza do Grupo Xique Xique

No processo de críticas ao programa das Frentes de Emergência iniciou-se a organização das mulheres do Grupo Xique Xique. Elas destacaram a humilhação e a subordinação que o caráter do programa envolvia e que buscaram superar construindo outras estratégias. A humilhação estaria ligada a diversos elementos que comporiam a política pública quanto a sua direção e conteúdo, como a impossibilidade de reverter o trabalho na própria comunidade a partir de prioridades identificadas localmente, a exigência por uma definição de tempo de trabalho que não correspondia ao tempo que, em geral, dedicavam ao trabalho, a realização de ações não estratégicas que reduziam as possibilidades de organização produtiva e

coletiva das mulheres do campo. A política não era dirigida a atendê-las de forma plena, sequer as reconhecia como público da política, mas se inscrevia em um desenho que as desqualificava no processo ao não lhes conferir participação e incidência quanto a sua execução e resultados.

É no bojo desta experiência conflituosa com a política pública que se organizou o grupo Xique Xique. O período de organização do grupo atravessou os anos de 2001 a 2003, o nome do grupo surgiu em uma reunião na qual buscavam uma referência que melhor representasse os objetivos das mulheres.

Numa reunião, a gente procurando o nome, procurando uma coisa que marcasse, uma coisa que ficasse marcado como nossa região, a gente pensou no Xique Xique, porque é um cacto daqui do Sertão que é resistente, é resistente como a gente também... que ia resistir sempre, não ia fugir da luta. – Grupo Xique Xique

Outras experiências de organização de mulheres brotam neste período no Pajeú, mas enquanto ações locais, sem uma articulação territorial. Em 2002 a Casa da Mulher no Nordeste – CMN inicia um conjunto de ações no Sertão do Pajeú que viriam a estabelecer as condições para uma articulação regional dos diversos grupos de mulheres no território.

3.4 ASSESSORIA TÉCNICA DA CASA DA MULHER DO NORDESTE E O SURGIMENTO DA REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ E DO GRUPO DE ARTESANATO PAJEÚ

A Casa da Mulher do Nordeste – CMN é uma organização não governamental fundada na década de 80 com sede em Recife e escritório no Pajeú, considerada a primeira entidade feminista no Brasil a dedicar-se a problematização de questões relativas a gênero, geração de renda para as mulheres e autonomia econômica (COSTA, 2014). A CMN atua através de duas linhas de programas e políticas: Mulher, Trabalho e Vida Urbana; e Mulher, Trabalho e Vida Rural tendo como estratégias de ação na execução destas linhas, a formação econômica e política das mulheres, a assessoria técnica e social e a auto-organização e participação política das mulheres. Ambas as linhas de ação se orientam pelo feminismo e a igualdade racial afirmando estrategicamente a economia solidária e a agroecologia. A CMN tem atuado nos

estados do Maranhão, Piauí, Paraíba, Pernambuco e Bahia a partir das dinâmicas da Rede de Mulheres Produtoras do Nordeste.

Com uma equipe formada apenas por mulheres, a Casa realiza ações de assessoria às mulheres a partir da execução de projetos viabilizados por editais e convênios com o poder público e outras organizações da sociedade civil, como a Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres - SPM, Ministério do Desenvolvimento Social – MDS, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, Petrobrás, Associação Programa 1 Milhão de Cisternas para o Semiárido – AP1MC, Projeto Dom Hélder Câmara - PDHC, além de parcerias com a Marcha Mundial de Mulheres – MMM, Articulação de Mulheres Brasileira – AMB, Fórum de Mulheres de Pernambuco – FMPE, Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES, Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento – AECID, Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, Articulação do Semiárido Brasileiro – ASA, e a Acionaid.

A CMN chegou ao Pajeú por meio da execução do convênio do Projeto Dom Hélder Câmara – PDHC. O PDHC é um acordo de empréstimo firmado entre a República Federativa do Brasil e o Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Agricultura – FIDA das Nações Unidas, assinado em 1998 tendo suas ações iniciado em 2002, com uma unidade gestora sediada em Recife. Esta ação operacional descentralizada do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA no semiárido brasileiro conta com o apoio do Fundo Global para o Meio Ambiente – GEF (PDHC, 2010).

A partir deste primeiro convênio com o PDHC, a Casa da Mulher do Nordeste desenvolveu o diagnóstico socioeconômico intitulado – *As relações de gênero na agricultura familiar – diagnóstico do Pajeú*, no período de 2002 que ficou conhecido como o marco zero de seu trabalho na região. Como resultado deste diagnóstico destaco dois aspectos que foram utilizados para orientar a ação da CMN no território: a percepção da invisibilidade e desvalorização do trabalho das mulheres no espaço rural e de uma Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER ‘*masculinizada*’ que operava a assistência às famílias com equipes mistas, nas quais os homens tinham formação técnica em agricultura e atuavam junto aos homens agricultores e as mulheres tinham formação em serviço social ou economia doméstica para atender às mulheres agricultoras (COSTA, 2014). Esta ação da ATER voltada para a família foi problematizada por reforçar um modelo de divisão das tarefas entre as agricultoras e agricultores.

Após a realização deste diagnóstico a CMN iniciou um processo de ATER dirigido às agricultoras tendo como elementos metodológicos a auto-organização das mulheres, ou seja, os espaços de formação eram compostos apenas por mulheres como estratégia para o fortalecimento delas, assim como, a proposição de realização de ações em rede. Este processo de formação e mobilização das mulheres levou à constituição de novos grupos de mulheres no sertão do Pajeú, além de estabelecer as primeiras condições para a constituição da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú.

A Casa [CMN] ajudou a identificar em que a gente queria trabalhar e os outros grupos nasceram a partir daí, em cada comunidade foi se organizando e formando seus grupos de mulher, a gente se encontrava e foi surgindo a necessidade da gente estar em rede
– Grupo Xique Xique.

Somou-se a este processo de articulação e mobilização, as dinâmicas de organização da Economia Solidária em Pernambuco. Em 2005 o Fórum Estadual de Economia Solidária de Pernambuco realizou no sertão do Pajeú, em Afogados da Ingazeira, o 1º Festival de Economia Popular e Solidária do Pajeú, o que permitiu o encontro de oito grupos produtivos de mulheres, dentre eles o grupo Xique Xique, que participa desta pesquisa. A partir deste encontro no Festival as mulheres construíram uma agenda para pensar a formação de uma rede, tendo a comercialização coletiva de seus produtos como principal preocupação naquele momento. Após o Festival o encontro para consolidação da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú aconteceu em janeiro de 2006, assessorada pela CMN.

Um aspecto importante deste momento inicial é que a Rede se constituiu como ação da CMN que estabeleceu seu escritório no Pajeú passando a buscar recursos e editais para a manutenção de equipe e realização de atividades específicas para a Rede. Apenas em 2008 a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú constituiu-se como pessoa jurídica, deixando de ser uma ação da CMN, para constituir-se como uma articulação independente com equipe própria.

Após a criação da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú em 2005, duas atividades foram desenvolvidas pela CMN que levaram a articulação de novos grupos: a primeira, a realização de oficinas de formação com as mulheres que já faziam parte de grupos, e outras que começavam a ouvir falar sobre a rede, e a segunda, o estabelecimento de uma loja coletiva para comercialização dos produtos da Rede na praça central de Afogados da Ingazeira. As oficinas de formação cumpriram o importante papel de contribuir na definição das orientações e

princípios políticos da Rede. É através da CMN que a Rede entra em contato com as referências da economia solidária, da agroecologia e do feminismo, considerando que estas referências trazidas pela Casa da Mulher do Nordeste foram problematizadas e definidas a partir das experiências já vivenciadas pelas mulheres nos grupos produtivos.

A loja foi a primeira estratégia de comercialização adotada pela CMN e mostrou-se de extrema importância para o diálogo com outros grupos de mulheres e a constituição de novos. É a partir da loja que começa o diálogo com as mulheres que viriam a constituir o Grupo Artesanato Pajeú.

Quando a rede começou a se formar, bem no centro da cidade, começou a pintar um prédio de rosa, e depois um rapaz desenhou umas mulheres de mãos pegadas... aí meu irmão que tinha uma conhecida que trabalhava na Casa da Mulher do Nordeste me disse que ali ia abrir uma loja de artesanato, ‘tu gosta tanto dessas coisas, e tu faz, por que tu não procura para botar tuas coisas para vender?’ – Elaine, Grupo Artesanato Pajeú.

Elaine foi uma das primeiras artesãs do grupo a procurar a loja para vender seus produtos. Ela sempre trabalhou com costura e, na época, produzia bonecas de pano que não conseguia comercializar, achava difícil definir preço e vender, e ao procurar a loja ela foi informada que era uma Rede de Mulheres Produtoras que estava em formação. Além de começar a vender na loja também enviou seus produtos para a 7ª Feira Nacional de Negócios do Artesanato – FENEART²⁷ em 2006. As artesãs começaram a participar de oficinas e momentos de formação promovidos pela Rede.

Teve uma oficina de trabalhos em grupo, da importância de trabalhar em grupo, e eu e outras mulheres participamos também dessa oficina. Na época ia ter a semana dos jogos regionais [em Afogados da Ingazeira] e era muito movimentado, por que além dos jogos tinha bandas, era uma semana de festa, dia e noite. Todo mundo queria botar uma barraca, só que não tinha condições, eles cobravam caro pelo chão para botar a barraca, e como é que eu ia botar uma barraca e passar o dia e a noite ali? Aí foi dentro dessa oficina que a gente começou a perceber que a gente podia formar um grupo ali, para dividir o pagamento do chão, e fazer uma escala para ficar na barraca. E isso a

²⁷ É considerada a maior feira de artesanato da América Latina, e acontece durante 11 dias no Centro de Convenções de Pernambuco.

gente fez, foi a primeira barraca de artesanato que teve aqui em festa, foi bom de vendas. – Elaine, Grupo Artesanato Pajeú.

A primeira formação do grupo contava com seis artesãs, que produziam artesanatos diferentes e o principal objetivo do grupo era a comercialização conjunta. O grupo passou por várias formações e do grupo original apenas Elaine permaneceu. Segundo sua narrativa, o Artesanato Pajeú é '*cria*' da Rede de Mulheres. O processo de execução de políticas pela Casa da Mulher do Nordeste no sertão do Pajeú catalisou a articulação de vários grupos produtivos de mulheres ao problematizar a assessoria realizada e estabelecer uma orientação feminista à execução das ações. Esta tem sido uma questão nevrálgica para as entidades feministas quanto as políticas dirigidas às mulheres. A metodologia que orienta a política pode vir a fortalecer a ação das mulheres, mas elas destacam que várias entidades mistas, por vezes, sem qualquer acúmulo sobre o feminismo, ao assumirem as políticas dirigidas às mulheres, ou que se pronunciam como políticas com recorte de gênero, não garantem qualquer perspectiva problematizadora ou emancipadora às mulheres.

3.5 A ASSISTÊNCIA SOCIAL DE BREJINHO E O SURGIMENTO DO GRUPO ART'S BARRO

Para as mulheres em Brejinho existem poucas opções de trabalhos remunerados para além dos trabalhos gratuitos que realizam no âmbito de suas casas. Além do trabalho como agricultoras, restavam trabalhos no pequeno comércio da cidade, no serviço público da prefeitura e nas casas de família, como domésticas. É neste cenário que em 2007 a Secretária de Educação, Janete Costa, mobilizou a Secretaria de Ação Social, parte da gestão pública municipal responsável por gerenciar ações do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, para realizar um curso de produção de painéis de barro com as mulheres do município através do Programa Mãos de Brejinho, que reunia ações de formação e assessoria a agricultores e agricultoras para produção de doces e criação de pequenos animais, dentre outras atividades.

Eu vendo a necessidade de um trabalho para pessoas que precisavam de uma renda, de sobrevivência, de desenvolvimento sustentável na região, eu pensei em criar um grupo aqui na cidade. Ter uma arte destaque para a cidade, e aqui tinha o barro e a pedra [pedra-sabão] – Janete Costa, ex-secretária de educação de Brejinho.

A escolha pelas panelas de barro deu-se pelo contato de Brejinho com a cidade de Maturéia no Cariri Paraibano, que tinha uma forte presença de mulheres e homens que trabalhavam com a produção de panelas de barro, as mulheres a partir da modelagem e os homens da produção com tornos. Para Janete Costa, que já conhecia o trabalho das loiceiras ou paneleiras da Maturéia, as panelas de barro apresentavam-se como um trabalho possível, considerando os materiais necessários para sua produção. A Secretaria de Assistência Social realizou dois cursos facilitados por uma artesã da Maturéia, que moldava manualmente as panelas, o primeiro na Vila Mariana com cerca de trinta mulheres e o segundo curso com dezoito mulheres no Sítio Tamboril, e parte destas mulheres do segundo curso viriam a compor o grupo Art's Barro.

O segundo curso, que durou três meses, foi realizado na casa cedida pela sogra de Desterro em que hoje funciona o grupo Art's Barro. A casa tinha dois cômodos na época (hoje tem um galpão grande em que elas trabalham) e todos os materiais necessários para o curso foram trazidos para esta casa e ficaram para o grupo: mesa, cadeiras, panos para cobrir as panelas, dentre outros itens. A primeira produção resultante do curso foi comercializada em uma feira na cidade,

O curso terminou no mês de dezembro, e janeiro já foi a festa de São Sebastião que é o padroeiro daqui. Aí ela falou 'vamos fazer uma feirinha, vamos botar na festa'. Só que a gente não tinha esperança que fosse vender, e quando a gente viu, ela vendeu as peças tudinho na feira. Aí foi quando a gente começou a se organizar mesmo – Desterro, Grupo Art's Barro

O grupo foi formado em 2008 inicialmente com 10 mulheres que aos poucos foram saindo por diferentes motivos, como o fato da produção ser lenta e o retorno financeiro depender das vendas, além da estrutura inicial precária para a produção o que tornava o trabalho bastante árduo. Do grupo original ficaram Desterro, Aparecida e Jucineide conhecida por Moça (cunhada de Desterro), outras mulheres chegaram depois: Josileide conhecida por Neném, Maria Madalena conhecida por Preta, Jucileide conhecida como Galega. Todas as mulheres, exceto Aparecida, são parentes, mas este aspecto apresentarei melhor no quarto capítulo. Neste período a CMN atuava em Brejinho na execução das cisternas como parte das ações da AP1MC, e desta forma estabeleceu-se o contato com o grupo.

Primeiro chega a Casa [CMN], que é quando as meninas estão passando para fazer as cisternas e a gente está produzindo aqui nesse cantinho de nós – Desterro, Grupo Art's Barro.

A construção de cisternas faz parte de uma política conquistada pela Articulação Semiárido Brasileiro – ASA, que é uma rede que defende, propaga e põe em prática, inclusive através de políticas públicas, o projeto político da convivência com o Semiárido. A ASA é uma rede formada por mais de três mil organizações da sociedade civil de distintas naturezas – sindicatos rurais, associações de agricultores e agricultoras, cooperativas, ONG's, Oscip, dentre outras. Em 1999 têm início as ações de construção de cisternas que passam a ser executadas diretamente pela AP1MC, a partir de 2002²⁸. Em uma destas passagens de mobilização para construção das cisternas um dos técnicos da Casa da Mulher do Nordeste vê as panelas do grupo e leva algumas para apresentar a Marli Almeida²⁹, na época, técnica da CMN, responsável por coordenar as ações da rede pela CMN no Pajeú.

Ela chegou aqui, a pobrezinha passou 2 horas e meia aqui e nós não oferecemos nem café pra ela, tu acredita? Aí ela fez a reunião, nós nem conhecia a mulher, enchemos o carro dela de panela, mandamos pra lá, pra vender lá [na loja em Afogados da Ingazeira]. A gente confiou na mulher pela conversa. A professora que ensinou a nós a fazer disse que aconteceu a mesma coisa com ela, só que até hoje a mulher [que levou as panelas] não foi lá devolver nem as panelas, nem o dinheiro. Aí nós, 'eita e agora?', aí nós fomos atrás conhecer, e lá tavam as panelas e foi do jeito que ela tava dizendo, nós vimos tudo e fomos simhora. - Grupo Art's Barro

A partir dos diálogos com as técnicas da CMN, Marli e Elizabete, as mulheres do Grupo Art's Barro passam a se organizar na Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú e conhecem os demais grupos produtivos de mulheres da região entre 2008 e 2009. Este momento de chegada de novos grupos produtivos de mulheres na Rede coincide com o momento de estabelecimento da Associação da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú enquanto pessoa jurídica, o que permitiu à Rede dar um novo passo organizativo, passando de um projeto de ação da CMN para uma Rede com dinâmicas próprias, quanto a sua organização, captação de recursos e definição de estratégias.

²⁸ SOBRE NÓS – HISTÓRIA. ASA Articulação do Semiárido Brasileiro. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/sobre-nos/historia>.

²⁹ Uma das fundadoras da Rede de Mulheres do Pajeú

4. AS PRÁTICAS DE TRABALHO DAS MULHERES NOS GRUPOS PRODUTIVOS

Neste capítulo busco apresentar e debater aspectos da experiência de trabalho das mulheres dos três grupos produtivos, o Xique Xique, o Artesanato Pajeú e o Art's Barro, de forma a refletir como elas se organizam e orientam em suas experiências de trabalho. Um primeiro aspecto será a composição dos grupos e como esta composição apresenta um conjunto de condições para a criação e manutenção das relações necessárias de trabalho. Esta composição será analisada pelo perfil das mulheres que participam dos grupos.

Um segundo aspecto a ser discutido será como compreendem e definem os trabalhos por elas realizados a partir de suas experiências nos grupos produtivos. Um terceiro aspecto a ser analisado serão os processos envolvidos nos trabalhos realizados pelas mulheres. Aqui busco debater como definiram qual trabalho realizar, e como a produção ou a comercialização apresentam-se como estratégia de atividade coletiva que as reúne. Neste ponto apresentarei as etapas e divisão do trabalho dentro dos grupos e discutirei quais as condições necessárias para a realização do trabalho quanto a equipamentos e matéria prima.

Ao final trarei a reflexão construída com as mulheres dos grupos quanto aos impactos produzidos pelo trabalho em suas relações com a comunidade e as famílias. Estes serão observados a partir de suas falas quanto aos sentidos que tem a renda, o uso do tempo, a percepção de reconhecimento e acesso a novos conhecimentos.

4.1 AS MULHERES DOS GRUPOS PRODUTIVOS

O perfil das mulheres dos grupos Xique Xique, Artesanato Pajeú e Art's Barro, trazem um conjunto de elementos que chamam a atenção quanto a possíveis explicações para ajudar a compreender a organização dos grupos e suas experiências de trabalho. Trago um conjunto de dados sobre as mulheres que participaram desta pesquisa e, quanto a este perfil, chamo a atenção para as idades das mulheres e, como este aspecto, provoca o olhar para um encontro de trajetórias pessoais das mulheres. Também discutirei as relações de parentesco existentes nos grupos e como elas contribuem no espaço do trabalho para modificar as relações de reciprocidade entre as mulheres. Por fim, proponho refletir os significados que podem ser

auferidos das informações quanto aos deslocamentos das mulheres de suas comunidades em razão dos casamentos.

Do grupo Xique Xique participaram desta pesquisa quatro mulheres, Vilza, Josineide, Fátima e Nara, com 53, 46, 60 e 23 anos respectivamente, sendo todas agricultoras. Todas têm filhos, Vilza é sogra de Nara, e cunhada de Josineide. Apenas Fátima não possui parentesco com as demais



Figura 14 - mulheres do grupo Xique Xique - da esquerda para a direita - Nara, Vilza, Fátima e Josineide

mulheres, é vizinha de Vilza. As terras que Josineide e Vilza e seu esposo possuem foram herdadas de Seu Nicodemus, pai de Josineide e do esposo de Vilza. A Casa do Doce, na qual as mulheres produzem, e a Escola da Comunidade foram construídas em terras cedidas por ele. Tanto Vilza, que morava em Iguaraci, quanto Nara que morava em Itabira, ambos municípios do Pajeú, passaram a residir na comunidade da Vaca Morta, distrito de Monte Alegre, a partir do casamento. Fátima morava em Pesqueira e ao casar-se passou a morar em São Paulo acompanhando seu esposo que já trabalhava lá. Retornou para o Pajeú para morar nas terras deixadas por seu pai e cuidar da irmã que tem 93 anos.

Os filhos nasceram lá [São Paulo], e por lá ficaram. Já vieram aqui, mas não tem condição de ficar, não tem trabalho, aí voltaram para lá. Eu queria morrer por aqui, mas os filhos não querem deixar não. Aqui eu não tenho família. – Fátima, Grupo Xique Xique

Do grupo Art's Barro participaram as seis mulheres que hoje integram o grupo, Desterro, Jucileide conhecida como Galega, Aparecida conhecida como Cida, Josileide conhecida como Neném, Maria Madalena conhecida como Preta, e Jucineide conhecida como Moça. Elas têm respectivamente 42, 50, 47, 46, 49, e 58. Desterro é casada com o irmão de Neném, Preta e Moça, que são primas carnais de Galega, apenas Cida não tem relação de

parentesco com as demais. Primas e primos carnais, como conhecido no Pajeú, são extremamente comuns nas comunidades. Tratam-se de primos cruzados bilaterais quando a mãe é irmã da mãe das primas, e o pai irmão do pai das primas. Segundo Galega, os primos



Figura 15 - mulheres do grupo Art's Barro, da esquerda para a direita, Cida, Neném, Moça, Galega, Preta e Desterro

carnais são 'irmãos' e não podem se casar entre si. Cida, Galega e Desterro são casadas e têm filhos, Neném, Preta e Moça moram com a mãe e mais duas irmãs, Branca e Maria, nenhuma das mulheres da família casou. Desterro é coordenadora do grupo e vem de Catingueira, município da Paraíba, e passou a morar em Brejinho depois de casar-se a 17 anos. Cida é de Teixeira, também município da Paraíba, passou a morar em Brejinho após o casamento. Todas foram agricultoras, hoje moram na rua (forma como mencionam a cidade de Brejinho) e suas famílias mantêm um sítio do qual cuidam, algumas diariamente, outras nos fins de semana. Moça, Preta e Neném antes de trabalharem no grupo, além de trabalharem como agricultoras, trabalharam em engenhos, em casa de farinha e em casas de família. A sede do grupo Art's Barro, a Casa de Barro, é uma casa cedida pela mãe de Neném, Preta e Moça.

Do grupo Artesanato Pajeú participaram sete mulheres, Elaine, Elane, Raelita, Luciete conhecida por Fita, Maria de Lourdes conhecida como Lurdinha, Edleuza e Eleide. Elas têm respectivamente 50, 32, 71, 53, 60, 55 e 48 anos. Elaine era a coordenadora do grupo³⁰, e irmã de Eleide, filha de Raelita e mãe de Elane. As demais três mulheres não têm relações de parentesco, mas tanto Luciete quanto Edleuza já haviam trabalhado com Elaine em momentos anteriores. Todas têm filhos, Raelita é viúva; Elane, Lurdinha e Edleuza são casadas; Elaine e Fita são divorciadas, e Eleide é solteira. Edleuza é a única que veio para Afogados em razão do casamento, ela é da Paraíba, todas as demais nasceram e casaram em Afogados da Ingazeira. Todas sempre trabalharam com diferentes tipos de artesanato, Elaine é costureira e aprendeu a costurar observando sua mãe Raelita, que hoje faz almofadas. Elane trabalha com biscuit, ou porcelana fria, uma massa que após modelada seca ao ar livre, e produção de doces

³⁰ Ao final da pesquisa Elaine decidiu, junto com as mulheres, não mais coordenar o grupo. Mais à frente apresentarei a forma como esta decisão foi construída

personalizados como única forma de renda. Eleide não produz um artesanato específico, ajuda no acabamento das peças de roupa produzidas por Elaine. Fita é tesoureira do grupo, e além de costurar, faz crochê e bordado. Lurdinha trabalha com decoupage, que é uma técnica de revestimentos de peças com materiais diversos, hoje trabalha mais com revestimento de peças com filtro de café, também costura e faz decoração. Edleuza faz crochê e bordado, também costura e faz pintura em vidro, além de produzir peças de patchwork que é a produção de peças variadas com retalhos de tecido. Como cada mulher produz peças diferentes o elemento central de sua articulação é a comercialização, quando necessário elas reúnem o grupo nas casas das mulheres que residem todas na área urbana de Afogados da Ingazeira.

Tanto as idades, que, de forma geral apresentam-se em faixas etárias bastante homogêneas, quanto as relações de parentesco, que em menor ou maior proporção estão presentes em todos os grupos produtivos da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, parecem ser elementos importantes para entender as condições para a consolidação dos grupos produtivos de mulheres no Pajeú.

Segundo Elizabete, técnica da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, a presença das relações de parentesco dá-se em todos os grupos da Rede e uma possibilidade é por tratar-se de uma característica dos arranjos familiares no território,

Eu vejo como uma questão cultural, porque aqui, dentro das comunidades rurais, dos territórios, as pessoas vão se juntando, as próprias famílias ali vão se casando, vão juntando, então isso é muito cultural, eu acredito que dentro destes territórios não se formaria grupo se não tiver parente.

Estas relações de parentesco e de proximidade na constituição e no cotidiano dos grupos sempre aparecem como um aspecto que ajuda a garantir confiança entre as mulheres que participam dos grupos. “É aquela amizade, que não é só amizade, é algo mais que a gente tá sempre próxima, de estar sempre se preocupando uma com a outra” Edleuza, Grupo Artesanato Pajeú.

Mas o parentesco e a proximidade também se traduzem em conflitos e dificuldades na gestão do trabalho dos grupos que são mediadas pelas educadoras da Rede de Mulheres.

As mulheres não compreendem que aquilo ali é um negócio e minha relação dentro dela é profissional, e não pessoal, aí não trata dos conflitos. Preferem jogar pra baixo

do tapete, deixar pra lá por que é minha mãe, é com minha sobrinha, é com minha irmã, então prefere não enfrentar as dificuldades. – Ana Cristina, técnica da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú

Este é um desafio que as educadoras da Rede buscam enfrentar, e elas observam que alguns grupos também têm buscado construir respostas e soluções.

Tem grupos que já conseguem, não só enxergar essa situação, mas conseguem também discutir estratégias de avançar nisso. De entender que na atividade coletiva, elas estão lá para gerar renda, então elas têm ciência de que o que estiver errado elas têm que discutir, independentemente de serem parentes. – Ana Cristina, técnica da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú

Estas falas compartilham a apreensão de uma dicotomia na experiência de trabalho. As relações familiares e comunitárias que evocam confiança para a construção do trabalho coletivo no espaço público, é confrontada com uma impessoalidade associada a esta experiência de trabalho. Estas experiências de trabalho estão em divisa, com definições bastante difusas do trabalho que se estende da casa e da família. Molinier e Paperman (2015) discutem a necessidade de perceber a coexistência de diferentes fases e momentos morais mobilizadas por indivíduos e grupos nas relações de trabalho. “A análise do cuidado como processo, e não apenas como relação interindividual ou trabalho de proximidade, permite se debruçar sobre a organização e a distribuição das responsabilidades entre suas diferentes fases” (MOLINIER; PAPERMAN, 2015, p. 46).

Os conflitos oriundos da confiança, mobilizada pelas relações interpessoais no trabalho realizado pelas mulheres no trabalho remunerado que atravessava o batente, apontam para a construção de um exercício de compartilhamento de responsabilidades quanto às transformações da gestão e construção do trabalho. As responsabilidades com a produção do espaço de trabalho não adviriam de uma negação das relações comunitárias ou de parentesco, mas de reconhecer “as potencialidades de uma concepção alternativa da responsabilidade *em termos relacionais*” (MOLINIER; PAPERMAN, 2015, p. 48 – grifo da autora). Reconhecer as relações existentes nos processos de trabalho permitiriam compreender que estas constroem-se em meio a tensões, conflitos e dificuldades.

Outro aspecto possibilitado pelas relações de parentesco nos grupos é como possibilitam estratégias no enfrentamento coletivo às situações de violência doméstica.

Segundo as educadoras da Rede, estar em grupo tem permitido às mulheres realizarem momentos de reflexão e de construção de saídas das situações de violência com outras mulheres. Estas alianças e exercícios de ruptura construído pelas mulheres reforçam a compreensão das múltiplas formas que as relações entre as mulheres podem ser mobilizadas. As próprias condições para a realização das atividades de trabalho têm sido conquistadas a partir do envolvimento e convencimento de parentes, como vimos nos dois grupos Xique Xique e Art's Barro, quanto ao espaço em que elas trabalham, e esta é uma situação que se repete em diversos outros grupos.

Assim estas relações pré-existentes entre as mulheres aparecem nesta experiência como condições significativas para que os grupos tenham se constituído e desenvolvido suas atividades. Gaiger (2008, p. 16) ao discutir o lugar das relações vinculantes na economia solidária discute que estas espelhariam “a presença de outros princípios de vida, historicamente encobertos pelo espírito individualista do interesse próprio”. As relações mobilizadas pelas mulheres assumem múltiplos significados na experiência de trabalho, tanto na construção de rupturas como aparece nas situações de violência, quanto de fortalecimento na garantia dos espaços de realização do trabalho.

Aqui retomo o elemento da idade e dos deslocamentos das mulheres no momento do casamento. Como já apresentei as idades são muito homogêneas reafirmando os laços e vínculos entre as mulheres. Elas falam que buscam mulheres mais jovens para participar dos grupos, mas vários limites dificultam esta participação. As principais dificuldades estão relacionadas ao casamento e aos filhos pequenos.

Entre as mulheres participantes vemos que tanto no grupo Xique Xique, quanto no grupo Art's Barro as mulheres deslocaram-se de suas comunidades com o casamento. Este é um momento de construção de novos laços e estabelecimento da própria família, com a mudança da rotina, a vivência de novas dimensões do trabalho e maior tempo dedicado ao trabalho doméstico e de cuidados, além da vivência da solidão, como demonstra o relato de Nara que se casou aos 18 anos e passou a morar na comunidade da Vaca Morta,

É sempre a mesma coisa, às vezes os homens dizem ‘ah, também vocês se estressam por tudo’, eu digo ‘a vida de vocês é diferente’. Como ele trabalha no serviço de carregar [transportar] estudante, pegou, entregou os estudantes, e fica lá esperando a hora deles largar. E a gente não, já começa o dia e começa a rotina, ajeita menina pra ir para a escola, vai, só que a gente em casa não fica parada, sempre tem o que fazer. Mas eu já me acostumei assim, o pessoal dizia: ‘tu vai se acostumar mulé?’ porque

quando eu era solteira eu trabalhava na padaria, ‘tu vai se acostumar a ficar em casa?’, ‘eu me acostumo’, fui eu que escolhi viver assim né? Eu vou ter que me acostumar. Foi tanto que assim que casei eu arrumei ela [a filha], ‘por que mulher, tu engravidasse já? Tão pouco tempo’, é que eu precisava de um entretenimento. – Nara, grupo Xique Xique

Nara pretendia participar do grupo, mas não era possível trabalhar com a criança pequena ante a falta de estruturas locais e familiares para tal, assim ela aguardou sua filha ir para a escola para poder entrar no grupo.

Eu sempre tive vontade só que no período que eu entrei, eu engravidei de Bianca, aí tem que pegar balde, tem que pegar aquilo e é pesado, aí eu disse ‘Vilza quer saber de uma, eu volto quando Bianca já tiver maiorzinha, que ela estiver indo pra escola’. Por que não adianta ir com criança trabalhar por que não faz nada, aí eu disse ‘quando ela estiver na escola eu entro’. Aí quando eu botei ela na escola, eu disse a Vilza ‘agora eu tô pronta para entrar’, até por que a gente trabalha mais no grupo a partir de meio dia, é o tempo que eu tenho feito almoço, por que a maioria dos homens trabalham fora. – Nara, grupo Xique Xique

Esta também é a realidade apresentada por Galega do grupo Art’s Barro,

Eu disse, ‘ô Neném como é aquele serviço lá de vocês? Como é que vocês trabalham?’ Ela me explicou aí eu disse ‘ô Neném, eu vou trabalhar mais vocês, vocês me querem?’, eu morava no sítio nessa época, meu minino tinha uns quatro a cinco anos, aí ela perguntou até assim, ‘e Isaque?’, eu vou poder trabalhar na parte da tarde quando botar ele na escola, e aí pronto, estou desde esse tempo. – Galega do grupo Art’s Barro

Observar esta relação que envolve a necessidade de resolver os cuidados com as filhas e os filhos como condição para participar de outros trabalhos coletivos, fala das estratégias de organização dos trabalhos para as mulheres e que enfrentam a falta de aparelhos públicos como creches. Atravessar o batente torna-se possível para as mulheres mais velhas por terem outras formas de gestão dos lares, a escola que assume os cuidados com as crianças por determinados turnos, o enraizamento maior na comunidade e nas relações de vizinhança. As mulheres equilibram trabalhos para poderem participar dos grupos produtivos, os tempos das casas e dos grupos se apresentam como uma extensa jornada que se imbrica e reorganiza.

4.2 TRABALHO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DAS MULHERES NOS GRUPOS PRODUTIVOS

Ao propor que o trabalho na economia solidária se apresentava estratégico para as mulheres surgem um conjunto de questões. Uma primeira questão é que a economia solidária se localiza como uma experiência de resistência dentro da lógica econômica hegemônica. A resistência aqui traduz-se pelos valores defendidos pela economia solidária, como a solidariedade e a autogestão, sua estratégia associativa ou cooperativa que fortalece as redes de relações comunitárias e de parentesco mobilizadas pelas mulheres, assim como, o enraizamento territorial do trabalho que articula o trabalho com as vivências e experiências locais das mulheres fortalecendo e protegendo modos de vida (HILLENKAMP; GUÉRIN; VERSCHUUR, 2016).

Segundo Guérin (2005) as iniciativas da economia solidária atuam na criação de experiências intermediárias de trabalho, estabelecendo uma problematização quanto aos sentidos da cisão dos espaços públicos e privados. Estas iniciativas, enquanto espaços intermediários, poderiam contribuir para a problematização das raízes das desigualdades vivenciadas pelas mulheres quanto ao trabalho e a experiência econômica. Estes espaços seriam lugares de reapropriação da fala, da reflexão, e da construção de decisões coletivas, e ao estabelecer-se como lugar de uma *'justiça de proximidade'* contribuiria para uma rearticulação de dimensões da vida pública e privada tornando possível novos arranjos quanto ao trabalho realizados nos âmbitos público e privado.

Torna-se central aqui recuperar a definição de Coraggio (2009, 2011) da economia solidária como uma estratégia ética de reprodução ampliada da vida ou uma ética da responsabilidade que orientariam as ações de mulheres e homens, em iniciativas da economia solidária, na reivindicação de uma vivência solidária, baseada no reconhecimento da outra, do outro e, da natureza. Essa experiência ética mobilizada por ações e redes locais apontaria para a insustentabilidade da vida nos marcos da experiência ética alimentada pelas lógicas do lucro, da eficiência da economia do capital e da exploração do meio ambiente.

As experiências das mulheres dos grupos produtivos compartilham leituras e reflexões que contribuem na problematização do trabalho. Em sua experiência o trabalho se apresenta em atividades diversas mobilizando valores diferentes. Também problematizam as mudanças nas suas vivências do trabalho e a percepção de desigualdades e diferenças na experiência de

trabalho junto àquelas e àqueles que conformam suas relações mais próximas, esposos, filhas e filhos e outros parentes.

Destaco abaixo duas falas em que toma relevo como as mulheres percebem a relação estabelecida entre trabalho e remuneração, e sua compreensão de um limite presente nesta definição considerando o conjunto de trabalhos que elas realizam. Esta definição, em suas falas, desconsideraria outras dimensões do trabalho quando estes não são realizados ante uma remuneração.

É considerado trabalho o desempenho de uma função, que você se dedica a ela, e tem uma remuneração, mas tirando o dinheiro fora, tudo é trabalho. – Fátima, grupo Xique Xique

É uma atividade que a gente faz sempre, é tudo, é varrer casa, é lavar troço, fazer panela, tudo é trabalho. Só que trabalho de casa a gente não ganha dinheiro, mas é trabalho também – Cida, grupo Art's Barro

Trabalho não seriam apenas as atividades remuneradas, mas todas aquelas atividades em que dispendem tempo e energia para realiza-las, remuneradas ou não. Esta definição apresentada pelas mulheres recupera a denúncia feminista dos trabalhos doméstico e de cuidados produzido pelas mulheres de forma gratuita e invisibilizada (KERGOAT, 2009). Ao continuarem a reflexão, suas falas desvelam implicações assumidas pelo trabalho doméstico, um trabalho que não remunerado e não reconhecido. Um trabalho de jornadas extenuantes, repetitivo, invisibilizado e adoecedor, que se apresenta fortemente em seus territórios como obrigação e responsabilidade exclusiva das mulheres.

Trabalho doméstico é um trabalho sem fim. Todo trabalho tem fim, menos esse. – Raelita, Grupo Artesanato Pajeú

Trabalho em casa é trabalho, e demais da conta, eu levanto cinco horas da manhã, dá dez da noite e eu tenho o que fazer – Fátima, Grupo Xique Xique

Ele chega em casa e diz que tá cansado porque estava trabalhando e nós não. Aí eu digo *'e eu não tava trabalhando? Tinha um empregado cuidando da casa?'* – Vilza, Grupo Xique Xique

O trabalho de casa é um trabalho que eu não adquiero nada, só cansaço – Cida, Grupo Art's Barro

É estressante, e acho que o que mais estressa é a repetição, todo dia é a mesma coisa – Edleuza, Grupo Artesanato Pajeú

Tem que fazer alguma coisa para mudar a rotina, senão você fica doida, lava, passa, cozinha e lava, passa, cozinha e faz a mesma coisa no outro dia – Fátima, Grupo Xique Xique

Um outro aspecto importante destacado ao discutir as múltiplas dimensões do trabalho as mulheres refletiram sobre o lugar do permanente trabalho *mental* realizado pelas mulheres. Ao pensarem sobre o trabalho intelectual, como o dedicar-se a estudar, as mulheres também discutiram o permanente planejamento do trabalho doméstico como uma ocupação exaustiva e difícil de ser interrompida.

Estudar é trabalho, você tem que trabalhar com a mente, tem que pôr a mente para trabalhar. Tudo que você põe a mente para trabalhar é trabalho. Às vezes a mente trabalha mais que o resto do corpo. Eu termino de lavar a louça do almoço e estou planejando o que vou fazer pra janta – Fátima, grupo Xique Xique

Considerando estas dimensões da rotina do trabalho doméstico e do envolvimento das mulheres no permanente planejamento deste trabalho, outros trabalhos realizados na comunidade ou nos jardins são identificados por elas como momentos prazerosos, em que trabalho se traduz em alívio e descanso.

Para eu sair de nove horas, eu só falto morrer, cuidando. Mas eu vou para atividade, vou tão em paz, porque eu sei que quando eu chegar lá, eu vou estar numa atividade, em paz, que eu volto aliviada, sem peso. – Vilza, grupo Xique Xique relatando o trabalho realizado na igreja da comunidade

Às vezes preciso fugir de casa para trabalhar descansando – Vilza, grupo Xique Xique

Eu mesma quando estou muito nervosa, eu largo a casa e vou cuidar do jardim, é uma terapia maravilhosa – Fátima, grupo Xique Xique

Eu faço meus crochês e relaxo – Josineide, grupo Xique Xique

Estas percepções quanto as diferentes realidades de trabalho que vivenciam e compartilham também trazem outros elementos sobre o trabalho que realizam nos grupos produtivos. Um primeiro aspecto está na percepção de que a partir do trabalho que mobiliza renda financeira é possível garantir dignidade e autonomia. Elaine, do grupo Artesanato Pajeú, relata a importância da autonomia financeira ante a família e ao companheiro.

Quando a gente não tem um trabalho, não consegue se manter, como eu já fiquei dependente totalmente da ajuda dos outros, a gente se sente pequeno, inferior, é ruim. Trabalho é dignidade, é me sentir dona de mim mesma, das minhas coisas – Elaine, grupo Artesanato Pajeú.

Mas o trabalho para além deste horizonte da autonomia assume também o lugar de ocupação ou de ter algo para fazer ou construir e assim, apresenta-se como um fazer-se cotidiano. Enquanto que para Elaine o trabalho caracteriza-se pela apropriação dos diversos processos envolvidos na produção dos biscuits, o que lhe permite ter a '*satisfação*' de acompanhar as transformações produzidas pelo seu trabalho até a etapa final.

Mesmo quem não depende do trabalho, como eu não dependo, mas eu tenho que ter alguma coisa pra fazer – Edleuza, grupo Artesanato Pajeú

O meu trabalho com os biscuits além de uma satisfação, não só pelo dinheiro, mas por que eu gosto, que quero ver aquilo quando está pronto no final – Elaine, grupo Artesanato Pajeú

O trabalho nos grupos produtivos permite às mulheres ultrapassar o espaço da casa e construir outras sociabilidades e solidariedade, apontando o trabalho como resistência às formas como se organizam as relações de gênero no espaço rural, sendo este no campo ou cidade, como lugar no qual se adquire outras percepções do mundo e da vida, e meio de superar a solidão e o adoecimento

Para mim foi mais o conhecimento. A gente só era acostumada a viver dentro de casa, e os conhecimentos, o que aprendemos foi o mais importante, o que você aprende é coisa que ninguém toma da gente. Mesmo depois de casada, teve um tempo que meu irmão, achava que era para mim só cuidar de pai, da casa e não podia nem ir em uma reunião. Teve um dia que eu fui até escondida, por que se passasse ali no campo e eles vissem... - Josineide, grupo Xique Xique

Para mim a importância daqui, certo o dinheiro faz parte, mas pra mim foi mais por uma parte psicológica, por eu ter minha mãe que era doente e vivia na cama, e eu comecei a me estressar e ficar desesperada e aí foi uma mudança sair daquela rotina, entendeu? O dinheiro faz parte, mas o que foi muito importante pra mim, foi que no dia que vinha pra cá, o problema ficava lá no batente da porta. – Fátima, grupo Xique Xique

Segundo Pérez-Bustos, Tobar-Roa e Márquez-Gutiérrez (2016), em estudo no qual abordam os conhecimentos produzidos com o bordado, o trabalho coletivo das mulheres no bordado traduzia-se em um ato de cuidado ao pausar as rotinas domésticas tornando-se uma experiência terapêutica de dimensão reparadora na qual se permitem refletir sobre suas próprias vidas. Estas compreensões nos levam aos estudos de Guérin (2003) que, ao discutir a participação das mulheres na economia solidária na França e no Senegal, propõe que a finalidade econômica deveria ser “acompanhada por uma finalidade social: produzir vínculos sociais e solidariedade, não uma solidariedade abstrata e institucionalizada, mas uma solidariedade de proximidade; o auxílio mútuo e a reciprocidade no âmago da ação econômica” (GUÉRIN, 2003, p. 80).

4.3 O FAZER COTIDIANO DOS TRABALHOS

Os três grupos vivenciam processos diferentes de construção social de seus trabalhos, considerando que o grupo Xique Xique trabalha com o beneficiamento de frutas que implica em ter tempos diferentes de produção considerando a sazonalidade das frutas, estoque das polpas processadas e comercialização ao longo do ano. Os outros dois grupos trabalham com o artesanato, o grupo de mulheres Art's Barro e o grupo de mulheres Artesanato Pajeú. Para as artesãs o processo de produção é contínuo, atravessado por momentos de comercialização. Nos próximos passos refletirei sobre os caminhos e estratégias diferentes na construção dos trabalhos, considerando as etapas de desenvolvimento dos trabalhos, as condições de comercialização acessadas, assim como as práticas e os conhecimentos mobilizados.

4.3.1 As práticas no beneficiamento de polpa de frutas do grupo Xique Xique

O beneficiamento de polpa de frutas apresentou-se para as mulheres do grupo Xique Xique, após tentarem trabalhar com outras estratégias como artesanato ou produção de doces para as feiras, como uma prática viável por ser realizada com recursos que elas já possuíam, as fruteiras estavam em seus quintais. A organização da atividade envolve toda uma mobilização e organização de rede na comunidade que envolve as mulheres e seus quintais. Para a produção elas mobilizaram as mulheres da comunidade a retornarem a seus quintais já que suas frutas passaram a ser compradas pelo grupo, a protegerem árvores como os umbuzeiros que em

períodos de maior estiagem tinham suas raízes retiradas para alimento. Mas até chegar ao beneficiamento de polpas de frutas na Casa do Doce, em que hoje elas trabalham, o grupo atravessou diferentes fases de organização do trabalho coletivo, desde experiências do que produzir, até diferentes estratégias de comercialização. Elas começaram a pensar na possibilidade de beneficiar frutas ao participarem de um curso da Diaconia.

Elas destacaram que o curso realizado pela Diaconia era uma ação que não se voltava para os grupos de mulheres, mas para as esposas dos agricultores experimentadores³¹ que participavam das ações da entidade. Esta foi uma crítica persistente, que atravessou os diferentes momentos das oficinas em que tínhamos esta retomada da trajetória: o fato de que as ações de capacitação não eram dirigidas às mulheres e, quando isto acontecia, era como uma estratégia dependente do trabalho realizado junto aos homens, ou seja, voltada para a família, mas esta compreendida e organizada em torno do chefe de família, o agricultor.

A partir da capacitação sobre beneficiamento de frutas e legumes, elas começaram a identificar esta atividade como um trabalho coletivo possível para seu grupo.

Em um encontro saiu a proposta da Diaconia organizar algumas atividades para as mulheres aí eles abriram para fazer essa capacitação para as mulheres, para as esposas dos agricultores da pesquisa que tinham atividades com eles. Pra gente aprender para fazer em casa com as famílias. Eles não estavam pensando em grupo nem nada. Não tem nada a ver com grupo da gente. Eu estava lá porque era esposa de um agricultor da pesquisa. Aí eu trouxe a ideia, eu a outra menina que era esposa de outro agricultor que estava lá agente trouxe a ideia para o grupo aqui a gente produziu lá na capacitação e trouxemos as amostras para elas verem, e quando elas viram a produção, disseram: “É isso mesmo que a gente vai fazer, é com isso que a gente vai trabalhar”. Foi antes de 2005. Fizemos uma produção do tamanho do mundo de cocada - rsrs - de doce de tudo que a gente tinha, a gente fez, aí tivemos que vender, aí foi a nossa primeira experiência de venda, a gente foi para a feira para vender essas coisas (...) A gente se identificou com a atividade porque era nossa vida dentro do campo e as frutas a gente tinha. Tinha desperdício de frutas. A gente podia trabalhar com uma atividade agroecológica e era mais fácil das mulheres participar, foi mais por aí... - Vilza, Grupo Xique Xique.

³¹ As organizações que atuavam no fortalecimento de políticas para o semiárido passaram a organizar nos territórios encontros de agricultores experimentadores, que se caracterizavam como momentos de intercâmbio entre os agricultores de práticas realizadas em seus fazeres, buscando evidenciar os processos de elaboração de conhecimentos no cotidiano dos agricultores.

A partir do contato com a oficina e a definição por qual trabalho realizar coletivamente elas experienciaram quatro fases do trabalho, que são marcadas por mudanças na composição do grupo, dos produtos produzidos, do local de produção e dos processos de comercialização.

1ª fase da produção do grupo

Nesta primeira fase, em 2005, elas produziam em suas casas, a construção da Casa do Doce só será conquistada entre 2006 e 2008. Elas fizeram uma primeira produção de cocadas de maracujá que foram vendidas na feira agroecológica organizada pela Diaconia.

A primeira vez que a gente foi vender as cocadas, fui eu sozinha. Eu vendi as cocadas todinha, não ficou uma. – Josineide, Grupo Xique Xique

Aí nós, *'Eita, o negócio é cocada, é cocada que nós vamos fazer'*. – Vilza, Grupo Xique Xique

Além de cocada elas passam a produzir bolos de jerimum, de batata, de leite, além de doces, como o doce de mamão. Como nesta fase elas ainda não possuíam o espaço comum de trabalho a produção era realizada na cozinha de cada uma, e elas reuniam os produtos para as feiras aos sábados. Apresentou-se neste momento para o grupo algumas questões referentes a qualidade e características dos produtos a partir de suas experiências de comercialização nas feiras. Cada produto era diferente, tendo destaque os doces de mamão que se tornaram um exemplo disso, já que tinham cor e pontos diferentes (alguns mais sólidos que outros) e elas começaram a discutir a necessidade de produzirem juntas.

Começaram a cobrar da gente, as pessoas queriam saber como era que foi feito, a procedência, o local, e a gente não podia garantir porque era um produto feito pela outra integrante – Vilza, Grupo Xique Xique.

Fazia doce de mamão, uma fazia de uma forma, a outra de outro jeito. Aí um ficava mais verde, os pontos eram diferentes. Não conseguia fazer igual né? – Josineide, Grupo Xique Xique.

Neste momento o grupo era composto por sete mulheres. Elas passaram a trabalhar na Casa do Doce que vai sendo adaptada para as normas sanitárias de produção de alimentos por

meio de um projeto da CMN que, neste momento, coordenava a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú recém-criada.

2ª fase da produção do grupo

Nesta segunda fase a produção passa a ser realizada em um único local, na Casa do Doce. É uma casa construída em um terreno entre a casa de Vilza e Josineide e defronte para o açude. Conta com 4 salas e, na época, ainda com poucos equipamentos. Este foi um período de amadurecimento do grupo quanto aos processos de autogestão do trabalho, e elas passaram a produzir polpas de frutas para fazer outros tipos de doce. Neste período os equipamentos e utensílios vieram das casas das mulheres, ainda pouco adequados a uma produção em uma escala maior.

A gente usava um liquidificador que dava trabalho para encaixar. Era daquele que encaixava a parte de baixo, a borracha era um sacrifício tão grande para colocar. – Josineide, Grupo Xique Xique.

O grupo precisou organizar a produção conjunta com os materiais e frutas que cada uma trazia. As mulheres tiveram que ajustar a forma de produzir, já que cada uma tinha um método para preparar os doces, assim como foram testando novas receitas para os doces. Aqui a base da organização do trabalho se apoiava em uma experiência de relacionalidade estruturada na produção coletiva da forma de trabalho. É importante também recuperar que enquanto uma experiência de economia solidária ela era marcada por saberes já existentes para as mulheres o que exigia estabelecer uma mediação dos conhecimentos individuais para um saber coletivo que permitisse a produção em grupo.

Também quando a gente começou a produzir aqui foi outra experiência, produzir todo mundo junto... a gente fazia cada uma nas suas cozinhas. Você traz a sua matéria prima, eu trazia a minha e juntava pra fazer aquilo ali, e juntar as ideias, “*ah eu fazia em casa assim*”, “*mas eu fazia assim*” ... Tinha diferenças de ideias, era cada uma do seu jeito, mas cada uma conseguiu ceder um pouquinho para chegar num acordo, mas com Fabíola a gente não conseguiu, ela não vinha para a beira do fogo fazer as coisas, não pegava peso, não fazia nada. Ela só era isso, chegava perto, levantava o doce para ver se tava no ponto e criticar – Vilza, Grupo Xique Xique.

Fomos criando as receitas, doce de goiaba, a gente sabia que era aquela quantidade de açúcar por cada quilo de polpa. Mas a gente achava aquilo forte demais e o povo não gostava do doce, por que era aquela coisa gastureta de forte e a gente foi dizendo: vamos diminuir aqui. Chegamos a uma quantidade de açúcar boa, que dava para vender, e o povo comprava porque era menos açúcar. O doce de leite foi do mesmo jeito – Vilza, Grupo Xique Xique.

A venda continuava a ser realizada na feira aos sábados. Tudo que o que elas produziam conseguiam vender, mas ainda não conseguiam ter um retorno financeiro da atividade. Elas lembram deste momento como um momento de aprendizado em que começaram a calcular melhor as despesas envolvidas no processo de produção para construir o valor dos produtos de forma a permitir-lhes ter retorno com as vendas.

3ª fase da produção do grupo

Na terceira fase o grupo diminui para quatro mulheres. Elas continuam a produção de vários produtos e incorporam o fubá – que é o milho torrado e pilado com açúcar. Nesta fase elas conseguem uma despoldadeira – uma máquina que permite separar a parte carnosa das frutas das sementes, o que melhorou seu trabalho, reduzindo bastante o esforço. Elas conheceram neste período a experiência da Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (Coopercuc)³² da Bahia, a partir deste intercâmbio elas adotam outras formas de produzir.

A polpa era para fazer o doce, não era para congelar, tanto que era pré-cozida, a gente armazenava nos baldes, durava seis meses até um ano, a de umbu durava um ano. Todos os produtos a gente fazia junto, também fazia suco, a gente fazia suco na garrafinha, a ideia veio da COOPERCUC da Bahia. – Vilza, Grupo Xique Xique.

Para melhorar a renda obtida nas feiras as mulheres costumavam “agregar o que tinham em casa e nos quintais” segundo Vilza. Assim, além da produção coletiva elas levavam para feira outros produtos de seus quintais, sendo importante ressaltar que estes produtos dos quintais

³² A COOPERCUC – Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá foi criada em 2004, e é formada por 204 cooperadas e cooperados, e atua no semiárido da Bahia. <http://www.coopercuc.com.br/>

fazem parte da produção das mulheres, os alimentos cotidianos que garantem a alimentação das famílias e a segurança alimentar nos territórios.

A gente matava a galinha de capoeira e levava para comercializar, ovo, fazia o queijo.
– Josineide, Grupo Xique Xique

Era isso que segurava a gente, a gente sabia que não sobrava dinheiro, mas quem vendia essas coisas sobrava, e a gente se segurava com isso. A diversidade de coisas era boa, porque tinha época que não era boa pra doce, mas era bom pra farinha. Era bom para as outras coisas, tinha um produto que segurava o outro. – Vilza, Grupo Xique Xique.

Esta terceira fase encerra um período de experimentos quanto ao que produzir e como produzir, assim como de mobilização de estratégias para garantir sustentabilidade para o grupo enquanto elas amadurecem a experiência de trabalho coletivo. O processo era marcado por constantes avaliações que conduziram a decisão de reduzir a quantidade de produtos. Elas definiram trabalhar com um único produto: as polpas congeladas de frutas.

4ª fase da produção do grupo

Esta fase teve início em torno de 2011, e o grupo manteve a participação de quatro a cinco mulheres. Elas passaram a produzir exclusivamente a polpa de frutas congelada e conseguiram toda a estrutura para produção e estoque a partir de um projeto mobilizado pela Associação da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú.

O beneficiamento de frutas para a produção das polpas envolve uma série de etapas, e a primeira é conseguir a matéria prima. As frutas são compradas das mulheres do próprio grupo que têm fruteiras, mas elas também adquirem frutas das mulheres da comunidade, e a definição do preço das frutas é pelo que elas veem no comércio local. Elas fazem polpa de goiaba, umbu, manga, acerola, caju, graviola e maracujá.

É tudo daqui da comunidade, a proposta da gente era assim, de potencializar as famílias da comunidade e incentivá-las a produzir, conservar mais as fruteiras, e a gente é prova, por que os pés de umbu não valiam nada. Naqueles tempos, ninguém se importava, ninguém zelava pelos umbuzeiros, o povo que fazia doce levava as batatas [raiz do umbuzeiro] pra ralar e fazer doce. – Vilza, Grupo Xique Xique.

As etapas de produção envolvem:

- Levar as frutas para a Casa do Doce onde são lavadas em pias que ficam no lado externo da casa. Elas já entram no espaço de processamento higienizadas.
- Vestir o uniforme, touca, bota e luva.
- Higienizar o espaço com a lavagem das paredes, mesas, equipamentos e piso. De uma sala para outra tem uma depressão no chão em que colocam uma mistura de água e água sanitária para limparem as botas antes de passarem para a sala seguinte.
- Algumas frutas tem uma etapa a mais no processo de preparo das polpas: manga e graviola precisam ser descascadas; goiaba, maracujá e caju precisam ser cortados; umbu precisa ser cozinhado.
- Após estes processos elas seguem para a despulpadeira; a acerola não tem etapa prévia.
- Elas utilizam baldes grandes para coletar a polpa e colocar na dosadora.
- A dosadora é utilizada para colocar a polpa nas embalagens.
- Após embalar elas pesam as polpas em uma balança digital.
- Em seguida as embalagens são seladas e rotuladas.
- As polpas são armazenadas no freezer.

Os equipamentos obtidos através de projetos foram feitos em uma metalúrgica local e têm vários problemas de adaptação para o trabalho: são difíceis para lavar após o uso; não têm mobilidade o que exige maior esforço das mulheres para elevar os baldes; a dosadora não tem um controle de volume por isso o uso da balança digital. As mulheres participam de quaisquer etapas e cada etapa envolve pelo menos duas mulheres para serem realizadas.

Equipamentos utilizados na produção de polpas de frutas:



Figura 16 - Despulpadeira



Figura 17 - Balança digital



Figura 18 - Dosadora



Figura 19 - Seladora

Segundo as mulheres, o trabalho com a produção de polpa é menos desgastante, quando comparam com os momentos em que produziam diversos produtos, quando tinham que lidar também com a temperatura dos fornos para a produção dos doces e bolos. Mas fazer polpas é um trabalho pesado que envolve muito esforço.

É pesado levantar os baldes para derramar na dosadora – Vilza, Grupo Xique Xique.

Selar duzentos, trezentos quilos de polpa, é pesado, e você ainda tem que fazer limpeza do espaço todinho depois – Josineide, Grupo Xique Xique.

As mulheres trabalhavam no início desta fase com uma maior frequência, até três tardes por semana. Elas definiram por realizar o trabalho à tarde para garantir-lhes o tempo para os outros afazeres em suas casas e quintais. As manhãs para as mulheres são voltadas para responder aos trabalhos da casa: produção de refeições, alimentação dos pequenos animais e cuidados dos quintais, ordenamento e cuidados com a casa. Assim, para todas elas as tardes são o período em que dispõem de maior tempo para redirecionar suas energias e trabalhos.

Com o projeto que financiou a compra de novos equipamentos, os freezers foram muito importantes. Elas produzem polpas com frutas sazonais, o que exige aproveitar a safra e armazenar as polpas para continuar vendendo ao longo do ano. Hoje elas possuem vários freezers que lhes permitem ter sempre uma produção armazenada, assim, elas trabalham quando tem frutas, sem um cronograma pré-estabelecido.

Elas comercializam as polpas exclusivamente para o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA, estabelecido através do Decreto 7.775 de 4 de julho de 2012, e o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, estabelecido através da Lei 11.947 de 16 de junho de 2009. O PAA integra o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN, instituído pela Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006 que tem por finalidades,

Art. 2

I - Incentivar a agricultura familiar, promovendo a sua inclusão econômica e social, com fomento à produção com sustentabilidade, ao processamento, à industrialização de alimentos e à geração de renda;

II - Incentivar o consumo e a valorização dos alimentos produzidos pela agricultura familiar;

III - promover o acesso à alimentação, em quantidade, qualidade e regularidade necessárias, às pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional, sob a perspectiva do direito humano à alimentação adequada e saudável;

IV - promover o abastecimento alimentar por meio de compras governamentais de alimentos, inclusive para prover a alimentação escolar nos âmbitos municipal, estadual, distrital e federal, e nas áreas abrangidas por consórcios públicos;

IV - promover o abastecimento alimentar por meio de compras governamentais de alimentos, inclusive para prover a alimentação escolar e o abastecimento de equipamentos públicos de alimentação e nutrição nos âmbitos municipal, estadual, distrital e federal, e nas áreas abrangidas por consórcios públicos; (Redação dada pelo Decreto nº 9.214, de 2017)

V - Constituir estoques públicos de alimentos produzidos por agricultores familiares;

VI - Apoiar a formação de estoques pelas cooperativas e demais organizações formais da agricultura familiar;

VII - fortalecer circuitos locais e regionais e redes de comercialização;

VIII - promover e valorizar a biodiversidade e a produção orgânica e agroecológica de alimentos, e incentivar hábitos alimentares saudáveis em nível local e regional; e

IX - Estimular o cooperativismo e o associativismo. (Brasil, Decreto 7.775 de 4 de julho de 2012)

Os alimentos adquiridos através do PAA são destinados para,

Art 9

I - o consumo de pessoas ou famílias em situação de insegurança alimentar e nutricional;

II - o abastecimento da rede socioassistencial;

III - o abastecimento de equipamentos de alimentação e nutrição;

IV - o abastecimento da rede pública e filantrópica de ensino;

IV - o abastecimento das redes públicas de ensino e de saúde, das unidades de internação do sistema socioeducativo e dos estabelecimentos prisionais; (Redação dada pelo Decreto nº 9.214, de 2017)

V - a constituição de estoques públicos de alimentos, destinados a ações de abastecimento social ou venda; e

V - a constituição de estoques públicos de alimentos, destinados a ações de abastecimento social ou venda; (Redação dada pelo Decreto nº 9.214, de 2017)

VI - o atendimento a outras demandas definidas pelo Grupo Gestor do PAA – GGPAA.

VI - o abastecimento dos órgãos e das entidades da administração pública, direta e indireta; e (Redação dada pelo Decreto nº 9.214, de 2017)

VII - o atendimento a outras demandas definidas pelo GGPAA. (Brasil, Decreto 7.775 de 4 de julho de 2012)

Para cumprir as finalidades do PAA os alimentos são fornecidos pelas agricultoras e agricultores que possuam uma Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – DAP / PRONAF. A DAP é utilizada para identificar e qualificar as Unidades Familiares de Produção Agrária – UFPA³³. Cada UFPA tem uma DAP principal e para as mulheres e jovens existem as DAPs acessórias³⁴ que precisam estar vinculadas a DAP principal, estabelecendo uma relação de dependência para mulheres e jovens que é tema de debate contínuo quanto a forma de execução desta política pública. Para a comercialização no PAA, as mulheres do grupo Xique Xique utilizam suas DAPs em sistema de rodízio, ou seja, a cada venda uma delas ‘*empresta*’ sua DAP e isto implica fazer negociações familiares quanto as demais vendas da casa.

³³ <http://www.mda.gov.br/sitemda/saf/dap>

³⁴ <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/declaração-de-aptidão-ao-pronaf-tem-categorização-do-agricultor-familiar>

O PNAE efetiva o Programa Dinheiro Direto nas Escolas e recebe recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, que transfere os recursos da alimentação escolar diretamente para Estados e Municípios. Estes devem compor um Conselho de Alimentação Escolar para gerir os recursos. A Lei estabelece que

Art. 14. Do total dos recursos financeiros repassados pelo FNDE, no âmbito do PNAE, no mínimo 30% (trinta por cento) deverão ser utilizados na aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas. (Brasil, Lei 11.947 de 16 de junho de 2009)

Uma prioridade nos municípios do Pajeú é o consumo nas escolas das polpas de umbu, mas as mulheres relatam as dificuldades de venderem as polpas porque as merendeiras não sabem prepará-las. Embora elas tenham se oferecido para ensinar outras receitas como a umbuzada, o mousse, não conseguiram retorno e as polpas de umbu tem tido pouca compra.

Cada grupo produtivo cria sua própria forma de administrar os recursos obtidos das vendas. No grupo de mulheres Xique Xique elas seguem a seguinte forma de administrar os recursos: primeiro pagam as despesas existentes – estas podem ser com matéria-prima que estejam devendo, transporte das entregas; reservam um valor para os gastos com energia da Casa do Doce, ou conserto de algum equipamento; por fim, o que sobra dividem igualmente entre as integrantes do grupo. Elas optaram por sempre dividir igualmente por, segundo definição delas, uma questão de *'justiça'*, embora este arranjo apresente dificuldades que discutirei no quinto capítulo. Elas compreendem que além do tempo presente na produção os momentos de formação fazem parte do trabalho do grupo, assim como viagens e reuniões da Rede. Mesmo quando alguma delas atrasa nos dias de produção avaliam que buscam compensar trabalhando com mais intensidade. Assim a justiça compreendida e afirmada pelas mulheres busca reconhecer as diferenças em suas vidas, compreendendo que esta não foi uma construção consensual para elas.

4.3.2 As práticas na produção artesanal de panelas de barros do grupo Art's Barro

O fazer panelas de barro é um trabalho artesanal comumente realizado por mulheres conhecidas como Loiceiras ou Paneleiras e as técnicas utilizadas, em geral, remontam as práticas dos povos indígenas. O ofício de paneleiras, a partir do trabalho das paneleiras de Goiabeiras – Espírito Santo, foi o primeiro registro de um bem cultural realizado pelo Iphan, que inaugurou os instrumentos legais para o reconhecimento e preservação de bens culturais de natureza imaterial (IPHAN, 2006).

A técnica de produção de panelas de barro de Brejinho foi herdada de uma Loiceira da Maturéia que lhes ensinou os *'mistérios do barro'*, um conhecimento que é compartilhado entre gerações de loiceiras. Elas produzem da mesma forma que lhes foi ensinado pela professora e se reconhecem como *'paneleiras'*. A produção realizada pelas mulheres caracteriza-se pela moldagem manual das peças, sem o uso de torno, que geralmente é utilizado por homens e permite a criação das peças em uma maior escala e padronização. A produção das mulheres de Brejinho tem duas singularidades: elas inserem pedra sabão no barro para produzir as panelas, e a produção das panelas tem uma etapa a mais de polimento, para terem um acabamento mais *'fino'*, de acordo com elas.

A produção acontece na Casa de Barro, sempre às tardes. Elas escolheram trabalhar apenas neste turno para dar tempo de realizarem os afazeres da casa o que coincide com a experiência das mulheres do Grupo Xique Xique. Desterro, Moça, Preta e Neném moram ao lado da Casa de Barro. São três casas conjugadas. Na casa de Desterro o dia inicia cedo com os



Figura 20 - da esquerda para a direita: casa de Moça, Neném e Preta, casa de Desterro e a Casa de Barro

trabalhos da casa e a saída de seu esposo para trabalhar em Teixeira, município da Paraíba. Moça, Preta e Neném residem com duas irmãs, Maria e Branca, e a mãe com uma divisão de trabalhos domésticos e de cuidados bem definida: os cuidados com a mãe e com Branca que tem deficiência mental são atribuições de Moça; os bodes, porcos, galinhas e vacas são cuidadas por Preta; a limpeza da casa é tarefa de Neném, e a alimentação da família é responsabilidade da sua irmã mais velha Maria. Cida e Galega residem na rua, como elas nomeiam o centro de Brejinho.

As mulheres trabalham com a produção de peças de barro desde o início do grupo com poucas mudanças quanto aos equipamentos. O tamanho do grupo variou bastante, algumas mulheres saíram para trabalhar na roça. Com o aumento das vendas, que acontece após a entrada na rede, o grupo conseguiu uma maior estabilidade com as mulheres que hoje o compõe. As peças de barro para ficarem prontas levam 22 dias. Apresentarei as etapas necessárias para a produção das panelas de barro, quanto aos materiais e instrumentos de trabalho necessários. Elas dividem-se entre as diversas etapas de produção e algumas só trabalham em algumas destas etapas. A divisão deu-se por escolha delas: algumas delas acham difícil modelar as peças, outras preferem lidar com o maquinário que mistura o barro e a pedra sabão.

A matéria prima e as etapas de produção

Para a produção das panelas de barro as mulheres utilizam o barro e a pedra sabão. Elas vão juntas no ‘mato’ com um homem que ‘arranca’ o barro e elas colocam em sacos plásticos e carregam para colocar no carro. No início elas compravam o barro na Maturéia – município da Paraíba, mas ficava muito caro para pagar o carro, o homem que ‘arrancava’ e o barro. Assim elas começaram a procurar barros em locais mais próximos, e para isso elas foram testando o barro,

Fazendo um teste, pega um barro parecido com o que a gente já usa, vê a cor dele, se ele é ligado, que a gente sabe que é barro de louça, a gente faz um teste fazendo uma peça, se quando queimar não quebrar, o barro presta – Cida, Grupo Art’s Barro

A partir destes testes elas identificaram locais mais próximos para a extração do barro

O barro hoje vem de um sítio aqui em Serrinha, e é mais ou menos uns três quilômetros daqui. A gente vai numa camioneta e traz uns quinze sacos cada vez. O dono da terra doa [o barro] pra gente – Cida, Grupo Art’s Barro

O outro material que elas utilizam é a pedra sabão que elas obtêm gratuitamente em Santo Aleixo na Paraíba, município também na divisa com Pernambuco. Elas vão acompanhadas de um homem para ajuda-las a colocar as pedras na caminhoneta, as pedras já vêm quebradas, em tamanhos que podem manusear.

Quando chegam na Casa de Barro elas vão trabalhar o barro e a pedra. O barro precisa estar seco e a pedra-sabão umedecida para serem quebrados com uma marreta.

O barro tem que quebrar com a marreta para ficar bem miudinho e tirar todo pau, pedrinha, seixos, a gente tira tudo – Cida, Art's Barro



Figura 21 - Barro já quebrado com a marreta



Figura 22 - Pedra sabão umedecida para ser quebrada com a marreta



Figura 23 - uso da marreta para quebrar a pedra sabão

Após quebrarem a pedra e o barro elas colocam, cada uma separadamente, na forrageira, máquina geralmente utilizada para triturar produtos para serem utilizados na alimentação de animais ou revestimento de locais onde os animais dormem. Antes, quando não tinham a máquina elas utilizavam um pilão e precisavam pagar um homem para *‘pisar’*³⁵ tanto o barro, quanto a pedra.

A forrageira foi obtida a partir do fundo rotativo solidário da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú. Após alguns testes buscando melhorar o processamento do barro e da pedra elas chegam à forrageira. Com a forrageira elas diminuíram o trabalho, evitam ter que pagar para pisarem o barro e a pedra, e conseguem preparar mais barro para produzir.

Após passar na forrageira elas peneiram e só então elas vão misturar o barro com a pedra sabão em uma proporção de três partes de barro para uma de pedra sabão. Elas misturam o barro com a pedra com as mãos em uma bacia e colocam água para formar o *‘bolo de barro’*. Esta mistura é sovada para unir o barro à pedra, e em seguida colocam em sacos de plástico por três dias antes de poderem utilizar para modelar.



Figura 24 - Forrageira

Mas tem alguns *‘mistérios’* que devem ser observados nestas etapas iniciais de preparação do barro. Produzir peças com o barro significa transformá-lo e este processo exigiria observar algumas condições para não *‘contaminar’* o processo. Nas falas que transcrevo a seguir as mulheres falam de um conjunto de cuidados para a realização do trabalho que estabelecem um rito de pureza, de ciclo, que lhes permitiria agir na transformação do barro. A capacidade de moldar e criar as peças se estabeleceriam em trocas, em uma prática ordenada, que precisaria respeitar a origem do barro, o tempo, a lua, e as condições das pessoas envolvidas no trabalho.

³⁵ Pisar implica em moer no pilão de forma manual o barro e a pedra

Quando está menstruada não pode não [misturar o barro] – Galega, Art's Barro

Se misturar quebra as peças tudinho, e se peidar também, o barro fica fofo – Desterro, Art's Barro

Em lua também, lua nova e lua cheia não é bom mexer em barro – Cida, Art's Barro

Tudo isso é segredo de processo de barro, de panela – Galega, Art's Barro

Foi a mulher que ensinou a nós, os segredos e os mistérios do barro – Desterro, Art's Barro

Você tá formando uma peça e chega aquela pessoa do olho mau, e se admira com a peça, você não levanta a peça [modela]. – Moça, Art's Barro



Figura 25 - modelagem de uma cuscuzeira

Após estas etapas para preparar o barro elas podem modelar as peças. Este processo é feito em cima de uma mesa que elas recobrem com uma toalha de napa (um laminado de pvc com fundo de algodão utilizado em capas, bancos de automóveis...), utilizam também uma vasilha com água para molhar as mãos e facilitar o manuseio, e o próprio barro. A maioria das peças não tem molde e vão sendo produzidas a partir da habilidade das artesãs.

Quando elas terminam de modelar a peça elas deixam secar por um dia para poderem cortar - retirar o excesso de barro da peça antes dela secar completamente. Após as peças serem cortadas elas seguem para as últimas etapas de acabamento. Segundo elas quem faz é



Figura 26 - tirando o excesso de barro da peça

quem corta. Esta é uma etapa importante para melhor definir a forma da peça que está sendo produzida.



Figura 27 - peças sob o TNT para secar

Depois de cortar as peças elas ficam secando sob cortes de TNT para não rachar por 15 dias. Quando o tempo está muito frio elas utilizam lâmpadas para ajudar a secar as peças.

Após os 15 dias as peças são lixadas, e em seguida elas '*passam água*'. Neste processo elas

passam um pano umedecido na peça e utilizam pequenos seixos, faquinhas, pedaços de chinelo e colheres para tirar as últimas imperfeições, fechar pequenos furos. Após '*passar água*' nas peças elas '*dão o brilho*' que consiste em aplicar o óleo nas peças com um tecido e alisam com pequenas pedrinhas semipreciosas. Esta etapa de '*dar o brilho*' cria o efeito envernizado nas peças que as deixam muito diferentes dos produtos resultantes de outros processos artesanais de cerâmica com barro.



Figura 28 - Dando o brilho nas peças



Figura 29 - utensílios e materiais utilizados nas diversas etapas de acabamento das peças

A última etapa é a '*queima*' das peças. Este processo é feito no forno que utiliza madeira para a queima. O forno antes ficava em uma área externa, sem telhado, hoje o forno é maior, está em uma área coberta, e foi obtido a partir de um projeto da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú. A partir do projeto Mulher da Caatinga, ação de ATER da Casa da Mulher do Nordeste, elas realizaram um curso sobre as madeiras que poderiam queimar e as que estavam em extinção. Elas usam plantas exóticas não ameaçadas de extinção como a melancia de cavalo, o nim, a algaroba, a gliricídia, a jurema preta e de embira, e a catingueira. São espécies ameaçadas da caatinga a baraúna, a quixabeira, o umbuzeiro, o angico, a umburana de cheiro, a aroeira, o ipê e o cedro.

Após a queima, as peças estão prontas para serem vendidas. A comercialização das peças dá-se por meio de feiras, encomendas e na loja do grupo e trailer da Rede. Uma dificuldade enfrentada pelo grupo é conseguir produzir de forma a responder as encomendas e ter peças para vender na própria loja. Como o tempo requerido para ter uma peça finalizada é



Figura 30 - peças finalizadas (Foto: Acervo do Art's Barro)



Figura 31 - Peça decorativa finalizada

muito longo elas não têm conseguido produzir para ter peças em estoque. Por vezes, as peças quebram na queima dificultando a resposta às encomendas. Estes são gargalos que elas têm buscado solucionar, e soma-se aqui um outro gargalo que se refere a divisão de trabalho dentro do grupo considerando as diversas etapas.

Todo processo de produção percorre diversas etapas, todas requerem esforços diferentes, segundo elas a modelagem exige habilidade, algumas afirmam não conseguir levantar as peças. Tirar o excesso de barro de uma peça é feito por quem modela a peça, assim modelar e tirar o excesso são realizados pelas mesmas artesãs. Lixar exige força e lidar com muita poeira e passar a água é uma etapa que exige muita atenção para corrigir as pequenas imperfeições que a peça possa ter. Nestas etapas centrais só três artesãs participam e esta divisão de trabalho tem sido um ponto de muito conflito no grupo. Desde o início das atividades elas decidiram utilizar um livro de ponto, no qual as mulheres assinam na entrada e na saída, e com a venda das peças recebem valores correspondente às horas trabalhadas.

Etapas	Responsável (is)
Buscar o barro e a pedra	Todas
Quebrar o barro e a pedra	Neném e Preta
Forrageira	Moça
Peneirar e misturar	Neném e Desterro
Sovar o barro e colocar nos sacos	Neném e Preta
Moldar as peças	Desterro, Cida e Galega
Tirar o excesso	Desterro, Cida e Galega
Lixar	Desterro, Cida e Galega
Passar água	Moça, Cida e Galega
Dar o brilho	Neném e Preta
Queimar	Moça e Desterro
<i>Tabela com a divisão das artesãs nas etapas de trabalhos</i>	

Mas ante a questão central, produzir e garantir que as etapas de produção sejam concluídas, elas não têm conseguido avançar. Nas oficinas realizadas durante esta pesquisa elas definiram a necessidade de fazer nova reunião para conversar sobre o trabalho e soluções para estes gargalos na produção. Durante o mês elas registram as peças vendidas em um formulário de controle mensal, somam os recursos obtidos através das vendas e os dividem da seguinte maneira: pagar despesas, retirar cem reais para o caixa do grupo, e o dinheiro restante dividem de acordo com as horas trabalhadas.

4.3.3 Artesanato e comercialização nas práticas do grupo Artesanato Pajeú

A experiência do grupo Artesanato Pajeú tem algumas especificidades: as artesãs do grupo não realizam nenhum processo de trabalho conjunto, todas trabalham em suas residências, o que traz para suas experiências de trabalho outros tipos de negociação junto às suas famílias a partir dos significados de seus trabalhos redimensionados dentro do espaço da casa. O grupo reúne-se em torno das ações de comercialização, assim, as feiras apresentam-se como o lugar de articulação coletiva da experiência das artesãs.

O trabalho com o artesanato apresenta-se como única fonte de renda de Elane que produz biscoito, e para Elaine que trabalha com produção de roupas de retalhos de tecido com a marca Moda Matuta. “Eu sempre tive muita vontade de reaproveitar os retalhos que tinha por que é um desperdício, aí um dia eu disse: ‘vou fazer roupa de retalho’” (Elaine, Artesanato Pajeú). Raelita é viúva e pensionista, sempre costurou, e hoje produz almofadas, segundo ela, para se ocupar, para não ficar parada. Lurdinha costura e faz decoração, mas trabalha mais com revestimentos de peças utilizando a técnica da decoupage que reveste móveis, esculturas dentre outras possibilidades com papel (jornal, revista, filtro de café...), hoje faz revestimento apenas com filtros de café. “Eu gostei mais de trabalhar com o filtro de café, por que é uma coisa que combina com tudo né? Revestir com revista fica uma coisa mais colorida, e isso aí fica uma coisa mais rústica, combina em tudo” (Lurdinha, Artesanato Pajeú).

Edleuza faz crochê e bordado, também costura e faz pintura em vidro, além de produzir peças de patchwork que é a produção com retalhos de tecido. Ela aposentou-se como assistente social e a renda obtida com o artesanato é utilizada para comprar itens para si própria. “Não coloco nada do meu dinheiro em casa, fica para minhas besteiras, eu guardo e foco em alguma meta, tipo um relógio, eu vou, guardo e compro” (Edleuza, Artesanato Pajeú). Fita além de costurar, faz crochê e bordado e possui uma pequena loja no centro de Afogados no qual comercializa aviamentos e materiais para costura. Apresentarei alguns elementos dos processos envolvidos nos trabalhos de quatro artesãs que visitei em suas residências, Raelita, Elaine, Elane e Lurdinha, assim como as estratégias de comercialização do grupo.



Figura 32 - Vestido de retalhos



Figura 33 - almofadas de capitonê



Figura 34 - biscuits



Figura 35 - coruja coberta com filtro de café

O cotidiano do artesanato

As escolhas quanto a qual artesanato produzir ligam-se a trajetória das artesãs, pesquisas realizadas por elas sobre produtos, materiais e meios para aprender. Elas buscavam um artesanato que fosse possível fazer em Afogados da Ingazeira, que fosse diferente, e que lhes permitisse obter renda a partir de seus trabalhos. Raelita sempre trabalhou costurando roupas em casa, e em um determinado momento sentiu-se cansada do que fazia,

A pessoa vai ficando com a mente cansada, a costura tem a medida, tem a prova, um dá certo o outro não dá, aquela coisa que vai cansando o juízo – Raelita, grupo Artesanado Pajeú

Para parar de costurar Raelita desfez-se da maioria das suas máquinas de costura, ficando apenas com uma. Neste momento uma de suas filhas apresentou-lhe as almofadas feitas de ponto capitonê, que é uma técnica de confecção, que a partir dos riscados no tecido elabora formas geométricas que criam texturas e definições diferentes para o tecido. Após ver as almofadas na televisão Raelita fez a compra, com a ajuda de sua filha, de um kit para aprender a fazer as almofadas. O kit continha uma revista ensinando diversos pontos, uma régua



Figura 36 - Raelita com revista sobre Capitonê

milimétrica que serve para fazer as marcações no tecido, e tecidos para as primeiras almofadas. A primeira almofada foi feita por sua filha que lhe ensinou o processo.

A produção das almofadas utiliza diversos pontos, Raelita aprendeu 15 pontos diferentes a partir das revistas. Cada ponto exige riscar o tecido, fazendo marcações milimétricas no tecido; a partir destas marcas o tecido é alinhavado, sem, no entanto, ter emendas ou recortes no tecido. O efeito final nas almofadas embora passe a impressão de que pedaços diferentes foram trançados expressa, na verdade, um enorme trabalho de pontos em seu verso.



Figura 37 - Ponto trança



Figura 38 - Ponto copinho



Figura 39 - Ponto Folha



Figura 40 - Ponto bolinha sem enchimento

Quando tem encomendas ela pede uma mostra da cor que a pessoa quer para comprar o tecido. As encomendas são poucas, mas para Raelita fazer as almofadas é uma forma de estar ocupada, e com esta ocupação ela se integra no grupo de Artesanado Pajeú.

Minha filha pergunta: *‘e tem encomenda?’* Eu disse não, mas eu faço, boto aí, vendo, dou, mas não tô parada. Para onde eu for eu levo, é no médico se eu for demorar a entrar, aonde eu for. – Raelita, grupo Artesanado Pajeú

Para Elane o contato com o biscuit também se deu a partir de revistas que ela recebeu de sua mãe, Elaine. Ela já tinha tentado produzir outros artesanatos com retalhos como o fuxico³⁶ e pesos de porta, mas ela fala que tem a mão *‘torta’* para lidar com o tecido. Ela trabalha com biscuit há mais de dez anos e, nos últimos meses passou a incorporar ao seu trabalho a produção de docinhos personalizados, que utilizam os mesmos moldes do biscuit. Os materiais utilizados são comprados em Afogados da Ingazeira, tanto a massa, quanto os corantes, formas de silicone e colas. Em outra ocasião foi chamada para trabalhar em uma loja, mas avaliou que seria desvantajoso. “Arrumei um trabalho fichada [com carteira assinada] em uma loja e saí, por que com o biscuit ganhava mais” (Elane, grupo Artesanado Pajeú). Além do rendimento ser menor no trabalho fichado, Elane preocupava-se em abrir mão de um trabalho *‘certo’*, o

³⁶ O fuxico é uma roseta feita de tecido, que em geral utiliza retalhos e sobras de tecido.

trabalho com biscuit para o qual ela já tinha construído uma freguesia e uma forma de gestão, além de perder a liberdade quanto aos horários de trabalho.

Em casa ela tem uma área na sala em que produz e também expõe peças, tanto o esposo quanto sua filha participam do seu trabalho. O esposo é pintor e ajuda a *'formar'* as cores, sua filha que tem dez anos trabalha com ela em alguns momentos, principalmente nas peças que são feitas nas formas de silicone e não exigem modelagem manual. Elane utiliza redes sociais como o Facebook, o Instagram e o Whatsapp para divulgar e contatar clientes. É por estes meios que ela negocia o trabalho a ser feito, valor e formas de pagamento e entrega. Ela recebe encomendas de toda a região do Pajeú e para realizar as entrega ela utiliza as *'lotações'*, vans particulares que fazem a maior parte dos transportes no território. Os motoristas destas vans levam as encomendas até os clientes e recebem o dinheiro para entregar-lhe.



Figura 41 - Biscuit



Figura 42 - Biscuit



Figura 43 - Elane durante a produção de biscuit

Lurdinha está no grupo a menos tempo, faz um ano, e sempre trabalhou com artesanato. Antes de entrar no grupo, ela fazia parte de outro grupo de artesãs que vendem seus produtos no mercado central. Produzir artesanato é uma forma de conseguir conhecimentos e se *'entrosar'* com outras mulheres. A renda obtida com o artesanato ela utiliza com a compra de *'coisinhas'* para si. Ela produzia apenas peças de decoração e começou a pesquisar outros produtos e identificou-se com os processos de decoupage na internet. Na casa de Lurdinha ela tem um quarto que utiliza para guardar e expor suas peças. Ela trabalha geralmente na cozinha de casa e seu esposo a ajuda com a compra das peças e materiais para a produção.



Figura 44 - Filtro de café tingido, cortado e queimado



Figura 45 - aplicação de papel filtro na peça



Figura 46 - aplicação de papel filtro na peça

No processo de revestimento de peças Lurdinha utiliza peças de gesso, filtros de café tingidos com café – ela não consegue coletar filtros de café utilizados para reutilizar, então

compra os filtros e tinge, cola branca e verniz para finalizar. Depois de tingir os filtros de papel ela os recorta e queima as bordas dos pedaços para dar uma ‘sombra’ e deixar as peças com um efeito bonito. Ao aplicar os pedaços de papel ela busca dimensiona-los visualmente de forma que se encaixem, quanto mais detalhes ou relevos a peça possui, mais difícil torna-se o processo. Após cobrir as peças ela aguarda que sequem e aplica verniz.

Elaine era a coordenadora e a mais antiga membra do grupo e sua história pessoal mistura-se com a trajetória do grupo. Ela casou-se aos 17 anos e foi morar na zona rural. Após o nascimento da terceira filha decidiu por separar-se do esposo,

Ele não era violento, ele nunca me bateu, ele nunca chegou em casa para bater numa louça, com raiva. Só que tem palavras que machucam mais que um tapa né? E quando ele bebia dizia muita coisa que me maltratava – Elaine, grupo Artesanato Pajeú

Voltando a morar com os pais ela realizou diversos trabalhos, o primeiro no hospital da cidade, onde trabalhava como assistente de enfermagem e lá conheceu Edleuza, que trabalhava como assistente social. Para melhorar a renda vendia salgados que comprava de Fita. Ambas compõem hoje o grupo artesanato Pajeú. Ao mesmo tempo que trabalhava no hospital, trabalhava também num bar. Ao sair destes empregos iniciou seu trabalho como costureira.

Aí eu arrumei um emprego em Fátima, um povoadozinho do município de Flores. Eu tenho uns parentes que moram lá e uma colega minha disse que lá tinha um fabrico pequeno de costura, e a dona do fabrico tava com CA [câncer] no seio e tava precisando de uma costureira, e eu costurava, mas era pouco. Aí eu liguei pra mulher, e eu disse, *‘eu costuro, sei que a senhora tá precisando de uma costureira, eu moro em Afogados’*, aí ela disse: *‘mas você mora em Afogados, dá certo não’*, aí eu disse *‘mas eu tenho uma tia que mora aí e tem primas se precisar eu vou’*, aí ela disse: *‘você sabe costurar modinha?’* [Blusas e pequenas peças de malha], eu disse *‘não sei não, mas eu aprendo’* – Elaine, grupo Artesanato Pajeú

O pouco de costura que Elaine sabia era de acompanhar a costura realizada por sua mãe, Raelita. Elaine passava a semana em Flores e voltava para Afogados aos finais de semana para visitar as crianças que ficavam com sua mãe. Após algum tempo neste trabalho ela decidiu por voltar para Afogados para ficar mais próxima das crianças. A mulher que a contratara pagou suas contas e lhe deu duas máquinas de costura com tecidos e aviamentos para que ela pudesse começar seu próprio trabalho.

Com a organização do grupo ela cria a Moda Matuta, a marca das roupas produzidas com retalho. Um trabalho de produção de roupas com retalhos que realiza desfiles com as mulheres do próprio grupo. Os retalhos são provenientes de sobras de costuras, compra de restos de peças em lojas. Para criar as roupas ela considera cores, espessura dos tecidos e a partir disso define os modelos.

Eu abro essas bolsas de retalho e espalho tudinho aí, e vou criando o modelo da roupa de acordo com os retalhos. O modelo é o retalho que dá. – Elaine, grupo Artesanato Pajeú

Este horizonte inventivo, que o controle do trabalho permitia tornou-se central para Elaine. Desde o início do grupo o artesanato tem sido sua única fonte de renda, ela destaca o controle do próprio tempo e a importância de trabalhar criando as próprias peças.

Eu acho ruim trabalhar fora de casa por que tem a hora né? Tem a hora de chegar, tem aquelas duas horas de almoço, aí tem de ficar esperando... eu não gosto não, eu gosto assim, de trabalhar até a hora que eu quiser. Num ter que parar naquela hora, ter que voltar naquela hora...

Eu gosto muito de costurar, de criar, de pegar esse monte de retalho quando eu vou produzir para a Moda Matuta. Eu não sinto fome, não sinto sono, eu me deito assim, já pensando no tal retalho que vou juntar, pra fazer assim, assim. – Elaine, grupo Artesanato Pajeú



Figura 47 - Selo da Marca Moda Matuta



Figura 48 - Peças da Moda Matuta na feira



Figura 49 - Elaine trabalhando em seu ateliê

Nos relatos das mulheres sobre seus processos de trabalho com o artesanato torna-se importante destacar a busca pelo controle do trabalho, compreendendo que para as mulheres este controle põe em relevo o trabalho remunerado, realizado no grupo econômico solidário, com o trabalho doméstico e de cuidados. O controle do trabalho permite-lhes gerir seus tempos de forma a articular as experiências de trabalho em que estão inseridas. Este controle também

põe em relevo trabalhos presentes no espaço doméstico, como acontece com a costura, que assume um novo valor para as mulheres. Estas lógicas intermediárias de trabalho (GUÉRIN, 2005) produzem uma condição de reflexão sobre os trabalhos realizados gratuitamente, e uma produção da vida que se equilibra nesta recomposição de tempos e trabalhos produzidos pelas mulheres. Um último aspecto a destacar é a compreensão de um trabalho que busca recuperar o controle pelo próprio processo de trabalho, aqui pensando os saberes envolvidos, o conhecimento de todas as etapas de trabalho, os instrumentos e materiais necessários, e por fim, o controle sobre a comercialização e sua renda.

4.4 O TRABALHO DAS MULHERES E AS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA E A COMUNIDADE

Os diferentes caminhos e as diferentes experiências de trabalho das mulheres destes grupos produtivos no Pajeú apontam para sentidos e necessidades diferentes quanto ao que almejam conquistar com a realização do trabalho. Quanto à renda temos mulheres que apontam a necessidade de um trabalho que garanta a manutenção familiar, assim como outras que buscam uma renda pessoal que lhes permita controlar as próprias despesas. Um outro aspecto mobilizado é a liberdade de controlar o tempo e, o desenvolvimento e criação no trabalho. Assim chego a questão de como as novas dinâmicas proporcionadas pelo trabalho impactam nas relações familiares e comunitárias?

Todas as falas são uníssonas em afirmar mudanças nas quais ressaltam aspectos pessoais e coletivos, como reconhecimento, autonomia financeira, ampliação das relações pessoais, acesso a novos lugares e conhecimentos. Um primeiro aspecto é o sentimento de reconhecimento trazido pelo trabalho redimensionado com a vivência nos grupos que fala de um novo lugar de pertença conquistado pelas mulheres a partir de sua organização coletiva. Cada grupo produtivo estrutura-se a partir da mobilização de redes de relações de proximidade e parentesco, e o cotidiano de trabalho dos grupos atua na redefinição de suas relações entre si e para com outras e outros com quem estas relações se imbricam. O trabalho passa a constituir-se, neste encontro do espaço privado e público mediado lógicas econômicas distintas, em uma experiência de reparação do mundo (FISHER; TRONTO, 2007).

Essa semana eu passei na rua e uma mulher disse, *‘mais menina que panela bonita vocês fazem, eu vi tu na televisão e as meninas lá de baixo’*, aí a gente sente que as

pessoas estão vendo né? Que percebem que estamos fazendo alguma coisa... – Cida, grupo Art's Barro.

Acho que eu tive mais reconhecimento como pessoa depois que passei a trabalhar com costura, com artesanato. Antes desse trabalho eu dependia da minha família e isso faz toda a diferença da forma como a gente é vista – Elaine, grupo Artesanato Pajeú

Toda a comunidade tinha nós como se fossem tudo diferente das outras mulheres por que a gente tinha nossa autonomia pelo menos nisso né? Pode ser dez reais, mas é significativo porque é da gente e é do nosso trabalho – Vilza, grupo Xique Xique.

A construção do trabalho coletivo também estabelece novas condições para o acesso ao espaço público pelas mulheres. Os deslocamentos realizados em razão, principalmente nestes relatos, dos casamentos, estabeleceram para as mulheres a necessidade de reconstruírem relações e redes. O trabalho nos grupos apresentou-se como uma forma de estabelecer estas novas raízes e acessar o espaço público a partir de mediações do trabalho, ressignificando as mediações da casa e da família.

Na minha mudou tudo, toda a vida, por que quando eu cheguei não conhecia ninguém, não tinha conhecimento, conhecia só as meninas aqui, e muito pouco alguém da rua. Comecei já no curso a conhecer as outras meninas, conhecer o município que eu não conhecia. Só sabia desse sítio e do sítio delas, de primeira eu não sabia não, nem ir nem vir, e hoje sei ir e sei vir – Desterro, grupo Art's Barro.

Conheci lugares que eu não conhecia, depois que entrei aqui conheci cidade que eu nunca tinha ido, nunca pensava em ir – Neném, grupo Art's Barro.

No espaço da casa este reconhecimento se expressa em mudanças nas dinâmicas familiares, quanto a reconstrução dos diálogos e a novas estratégias para a divisão do trabalho doméstico. Na fala de Desterro destaca-se como o espaço do trabalho modificou os diálogos no ambiente da casa, da família. Se o parentesco traz dificuldades para a gestão do trabalho no espaço público, ela fortalece outras alianças no trabalho realizado no espaço privado. É importante destacar que estas mudanças na divisão do trabalho doméstico não falam de equilíbrio na divisão do trabalho doméstico com todos os membros da família, mas de uma problematização percebida pelas mulheres. Tornou-se necessária uma maior divisão do trabalho doméstico com maior participação de outras mulheres, as filhas, mas também de filhos e maridos.

Em casa a relação com a família mudou bastante, pra começar com minhas cunhadas que a gente só vivia brigando, só tinha arenga, e hoje não, quando tem algo vai lá e diz, não é mais brigando é conversando – Desterro, grupo Art's Barro.

Em casa também mudou, por que a gente ganha o dinheiro da gente, compra o que precisa, não pede a marido, e ainda mais, eles aprenderam um pouco que precisam ajudar a gente também nos trabalhos domésticos. Eles reconhecem que a gente trabalha muito, o meu mesmo diz, *'tu trabalha demais, descansa um pouco'* – Cida, grupo Art's Barro.

A gente não tem renda de outra atividade e nunca trabalhou assim, fora, para ter a sua renda, falo por mim nesse momento, você ter o seu dinheiro não tem coisa mais gratificante, ... Quando você tem o seu, eu não quero nem saber se eu jogo pra cima, se eu como ele, se eu compro alguma coisa. É meu, do meu suor, não tem coisa melhor. Infelizmente, as moças do campo era assim, cresciam, era para casar, parava de estudar. Eu mesma estudei, mas depois você volta pra cá, namora e casa e se torna aquela mesma coisa, dona de casa. Por isso que pra mim é a coisa mais importante, era o maior orgulho a gente ter isso aqui, por que é muito raro, e é muito bom saber que a gente tem isso aqui, uma atividade nossa, de mulher – Vilza, grupo Xique Xique.

Um último aspecto a ser destacado é a importância de ter uma fonte própria de renda. Com as diferentes limitações de trabalho no território, a mobilização das redes de relacionamento e parentesco para articular as mulheres para ações em grupo tem-lhes permitido construir conjuntamente renda. A renda imbrica-se em um equilíbrio de autonomia e dependência não apenas individual, mas familiar e comunitário. A autonomia produzida é coletiva, organizada em uma dinâmica econômica territorializada, que se constrói em uma produção de novas formas de pensar capacidade, reponsabilidade, reconhecimento de necessidades, e receptividade enquanto dimensões morais para a dinâmica econômica (FISHER; TRONTO, 2007).

5. CONSTRUINDO APRENDIZADOS: O TRABALHO, O FEMINISMO E A REDE

Em momentos e dimensões diferentes na experiência das mulheres nos grupos, afirmou-se a importância dos aprendizados, dos processos de formação vivenciados coletivamente pelas mulheres. Estes processos atravessaram desde sua experiência inicial de mobilização que assumiu dinâmicas diferentes para cada grupo e possibilitou-lhes estarem juntas nos grupos produtivos e de comercialização. Construir as condições para estarem juntas exigiu mobilizar suas relações comunitárias e de parentesco, suas redes de confiança, assim como, definir uma estratégia para a realização dos trabalhos de forma que lhes permitisse acessar novos espaços a partir de seu movimento de ocupar o espaço público.

A experiência cotidiana do trabalho estabeleceu níveis diferentes de aprendizados, desde a organização e realização que envolve o fazer o trabalho, assim como a gestão do grupo. Os grupos têm formas de funcionamento diferentes, fruto de seus aprendizados, apoiados em exercícios de escuta, mas também de silêncios. Os diálogos entre os diversos grupos de mulheres no território, que garantiram a organização da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú também, permitiu-lhes avançar em processos de convivência. A escuta, a partilha e as tomadas de decisão são desafios de autogestão nos quais as mulheres avançaram a partir de procedimentos adotados pelos grupos e das mediações realizadas pela ação das educadoras da Rede.

Os princípios políticos que orientam as ações do conjunto da rede também apontam para uma elaboração que demanda a sistematização das experiências das mulheres. Ao reivindicarem o feminismo, a economia solidária e a agroecologia, elas dialogam com um fazer, com uma ação que enraíza os conceitos e lhes confere um significado próprio a partir de suas experiências. Para as mulheres desta rede “conhecimento é a principal estratégia de empoderamento das mulheres e de construção de sua liberdade e autonomia” (REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ, s/d). Os processos que envolvem a experiência de ‘*conhecer*’ das mulheres não são contingentes, apoiam-se nas escolhas e decisões das mulheres de avançar em mudanças nas suas experiências locais e territoriais.

5.1 APRENDENDO COM A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO

Um primeiro aspecto que delimita as experiências de trabalho, é que estes são grupos compostos apenas por mulheres. Esta composição cria algumas questões quanto ao cotidiano considerando que a identidade que atravessa o trabalho é marcada por singularidades e especificidades das relações sociais em que estão imersas estas mulheres. Segundo Silva (2016, p. 41) “as identidades coletivas podem se basear em orientações, valores, atitudes, visões de mundo, estilos de vida compartilhados e experiências de vida comum”.

A origem dos três grupos é mobilizada por condições sócio-políticas diferentes. No Xique Xique emergia a necessidade de construir uma alternativa aos trabalhos das frentes de emergência, no Artesanato Pajeú a articulação deu-se pela comercialização do artesanato produzido pelas mulheres, e para o grupo Art's Barro apresentava-se a possibilidade de um trabalho coletivo e distinto ante as poucas opções existentes no município. O processo de constituição dos *‘grupos de trabalho’* mobilizou algumas condições, como as redes de relações comunitárias e de parentesco, e a ação de políticas públicas ou entidades não governamentais.

Dentre os grupos, o Artesanato Pajeú nasce juntamente com a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, e desta forma participou desde seu surgimento de processos de formação quanto à gestão e à princípios, os demais grupos tiveram que construir estes acordos e decisões a partir de suas vivências. Estas decisões envolveram o tempo que dedicariam ao trabalho buscando considerar os trabalhos domésticos e os trabalhos de cuidados com idosos e crianças em que estas mulheres estavam envolvidas, a divisão do trabalho e a forma de comercialização, já que algumas podiam ir à feira e outras não, assim como as estratégias para divisão de rendas obtidas com o trabalho coletivo.

No grupo Xique Xique a divisão do trabalho apresentou-se como a maior dificuldade,

Umas trabalhavam muito, outras trabalhavam menos e tinham o mesmo direito. Muitas vezes, quem carregou mais era eu e Vilza. As outras não moravam perto. Vilza era mais na organização, nas palestras, nos encontros. Hoje tá uma maravilha, mas teve época muito difícil. – Josineide, grupo Xique Xique

No grupo Xique Xique elas acordaram que quaisquer trabalhos necessários deveriam ser realizados por todas. Mas o sentimento de que isto não acontecia é muito forte e evidente nas falas. Para Vilza era importante o grupo manter-se, por isso ela optava por não discutir estas situações. Para Josineide ficou o sentimento de injustiça quanto à divisão do trabalho, que ao não identificar as diferenças na participação retirava-lhe o reconhecimento pelo trabalho realizado. Assim a noção de *'justiça'* discutida por elas quanto a divisão dos lucros obtidos com a comercialização da produção, esbarrava com um sentimento de *'injustiça'* quanto ao reconhecimento desigual dos trabalhos realizados.

É como eu digo, não ser reconhecido em casa, ninguém reconhece, e do mesmo jeito foi aqui. Se fosse para voltar para aquele tempo sabendo que eu ia passar tudo o que já passei aqui... A outra não tem compreensão de dizer *'será que fulana tá cansada?'* Não, eu quero saber de mim. Eu era uma das primeiras que chegava e das últimas que saía. – Josineide, grupo Xique Xique

Pra não criar conflito a gente deixava – Vilza, grupo Xique Xique

O grupo passou por várias composições, quanto às mulheres que participaram do grupo, durante as três primeiras fases de trabalho, e já na quarta fase – em que passam a trabalhar exclusivamente com a produção de polpas de frutas para a venda ao PAA e PNAE, o grupo construiu uma nova organização do trabalho.

Foi de acordo com a necessidade, teve tempo da gente trabalhar a semana toda, todo dia a gente tinha que vir para cá. Tava determinado pelo grupo da gente trabalhar 3 vezes, 3 dias por semana, aí os outros dois dias era pra gente trabalhar nos quintais da gente. Depois a gente, pela relação de companheirismo a gente ia vendo a necessidade, não tinha que vir pra cá se não tinha o que produzir, só vinha de acordo com a necessidade, se tivesse demanda a gente tava aqui para fazer. – Vilza grupo Xique Xique

As mulheres do grupo Art's Barro recuperaram nos momentos de construção da linha do tempo, um momento no início da organização do grupo, em que as mulheres pela primeira vez precisaram construir uma decisão coletiva. Para elas este momento consolidou o grupo, que até então era percebido como um projeto da Secretaria da Ação Social.

No início ficou difícil pra gente tomar as decisões, se era grupo, se era a gente que tava no grupo que ia tomar as decisão... Um dia tinha uma mulher, ela sempre vinha e voltava, e a gente decidiu que não queria ela mais no grupo, então ficou, *'quem vai dizer?'* Quem mais diz é eu, todo mundo concorda que não quer? Então bora dizer a ela. – Desterro, grupo Art's Barro.

Este incidente permitiu às mulheres avançarem na organização do grupo. Decidiram utilizar um livro de ponto, e um instrumento para entrada no grupo, o *'termo de adesão – membro iniciante'* no qual informam que durante um período acordado com a nova participante esta não terá direito a voto nas decisões do grupo e apresentam os quesitos em que a nova participante será avaliada: frequência e pontualidade, interesse pelo trabalho, participação e cumprimento de compromissos, potencialidade da capacidade produtiva (habilidade, quantidade e qualidade), compromisso com o grupo e seus objetivos. Após o período acordado havendo aprovação do grupo um novo Termo é assinado, o *'termo de adesão – membro efetivo'* no qual afirmam a adesão voluntária ao grupo e o compromisso em cumprir seu regimento.

A autogestão de grupos produtivos sempre se apresenta como um grande desafio. Faz-se necessário construir ou consolidar uma identidade, um sentimento de pertença ao grupo, assim como construir as condições para avançar em relações horizontais nas quais prevaleçam um permanente exercício ético em que democracia, solidariedade, justiça e equidade, entre outros valores apresentem-se como essenciais. Também se torna importante o estabelecimento de regras e normas que orientem o trabalho coletivo, além da garantia de momentos de reunião que permitem aos grupos avaliarem e monitorarem as ações de trabalho e gestão (DUBEUX, DUBEUX, 2018).

Enfrentar as questões que surgiam no exercício de gestão dos grupos tornaram-se momentos de aprendizado estabelecendo para as mulheres a necessidade de buscarem soluções e construção de novas estratégias. No grupo de mulheres Art's Barro todas concluíram algumas séries do ensino fundamental. Elas possuem um telefone celular do grupo, utilizam a internet da casa de Desterro e passaram a realizar vendas pelo aplicativo Whatsapp. A única que realizava este processo era Desterro, coordenadora do grupo, e recebia dez por cento sobre as vendas feitas pelo aplicativo. As mulheres resolveram em reunião que retirariam esse percentual e que todas deveriam atuar tanto nas vendas presenciais na Casa de Barro, quanto naquelas realizadas pelo Whatsapp.

Chegar aqui tem uma encomenda, qualquer uma pode fazer, tem umas que sabem escrever pouco, eu mesma sei escrever pouco, mas mesmo assim eu pego a encomenda, anoto, a que tiver aqui faz essas coisas, é de todas. Antes tinha uma porcentagem e hoje a gente tirou a porcentagem. – Cida, grupo Art's Barro.

Ao tomarem esta decisão todas as mulheres buscaram aprender como manusear o celular e o aplicativo. A partir deste debate sobre as vendas, a inclusão digital e a alfabetização apresentaram-se como questões a serem enfrentadas pelas mulheres pois elas repercutiam também na participação das mulheres em outras atividades externas como reuniões e feiras, assim como na articulação com outros grupos.

Não adianta ir pra canto nenhum, sei ler muito pouco, escrever não sei direito, aí não adianta eu sair pra canto nenhum, minha leitura é muito pouca. Eu gosto de ouvir o povo conversar, mas pra falar não é comigo não. – Preta, grupo Art's Barro.

Elas têm debatido a participação em duplas em algumas atividades para potencializar a participação e diminuir o impacto da não escolarização das mulheres. Todos os grupos hoje possuem regimentos e neles estabelecem orientações gerais quanto a organização do grupo, manutenção de fundo rotativo do grupo, além de orientações para a convivência, como “*saber lidar com as críticas negativas*”, ou “*ser respeitada nas suas opiniões*” (ARTS BARRO, 2013).

Além das regras e acordos quanto a gestão e realização do trabalho, a definição de manterem-se como grupos apenas de mulheres marca outro aspecto dos aprendizados. A experiência de trabalho afirmou-se como um lugar de fortalecimento e elaboração coletiva, de enfrentamentos e resistências cotidianas.

A gente discutiu e achou bom que fosse só com mulher mesmo, por que é mais fácil de lidar mulher com mulher. A gente começou aprendendo com mulheres, e botar homem ia misturar as opiniões... as conversas de mulher é diferente das conversas de homem. Quando vai falar da maternidade, é só conversa de mulher, a homem não interessa essas coisas. Mulher interessa conversa de maternidade, de filho, de amamentar, de fazer prevenção, coisas que só mulher conversa – Cida, grupo de Art's Barro.

Fortalecer o vínculo com as mulheres trabalhando, as mulheres participarem mais, acostumar a trabalhar com outras mulheres, fazer elas se reunir também, se

desestressar um pouquinho que é bom não ficar só em casa, e é bom trabalhar só com mulher por que a gente vai se sentir como em casa. – Cida, grupo de Art's Barro

Apresenta-se nas falas das artesãs o lugar que a relacionalidade, construída entre elas a partir do parentesco ou das relações na comunidade, ocupa na construção das suas experiências de trabalho, além das experiências comuns vivenciadas pelas mulheres. Pensando a partir destas relações, uma primeira questão é que estar juntas permitiria fortalecer vínculos, e também '*desestressar*', questão que está sempre ligada a experiência de sair da casa e estar com outras mulheres. A segunda questão refere-se a dialogicidade, ao exercício da partilha de compreensões e saberes, apresentada aqui em duas dimensões: primeira a criação de condições de diálogo, e, segundo, a identificação de conteúdo particulares a suas experiências. Haveriam temáticas e assuntos que assumem significados singulares para as mulheres, como a maternidade e amamentação, filhas e filhos, e cuidados com a saúde reprodutiva.

As mulheres estabelecem relações pontuais de trabalho com homens, geralmente irmãos ou filhos. No caso das mulheres do grupo Art's Barro, hoje é principalmente para cavar o barro. No grupo Artesanato Pajeú, Elaine faz uma parceria com um artesão que borda as camisas masculinas que ela produz. Para realizar o transporte das polpas de fruta do grupo Xique Xique elas mobilizam o esposo de Vilza. Segundo Elaine do grupo Artesanato Pajeú, “nenhum grupo que participa da Rede é fechado, pode fazer parceria com um homem ou até grupos mistos. Agora entrar no grupo não pode. ”

5.2 O FEMINISMO POPULAR DA REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ



Figura 50 - Casa da Mariazinha de Barro

Ao entrar na Casa de Barro, espaço de trabalho das mulheres do Grupo Art's Barro, uma das primeiras peças expostas é esta casa da '*Mariazinha de Barro*'. Comumente a referência é feita apenas ao João de Barro, como o passarinho que constrói sua casa com barro. As mulheres do grupo possuem uma história bem diferente e, para elas, carregada de significados.

Na região a história contada fala que a Mariazinha e o João constroem a casa juntos, e quando ela está chocando os ovos e fica na casa, o João sai em busca de alimento. Se ele sente ciúmes encerra a Mariazinha na casa com barro matando-a sufocada. As mulheres mantêm a casa como referência ao machismo. A lida ou trabalho com o barro representa para elas uma forma de se organizar e se fortalecer e construir coletivamente autonomia.

Os textos produzidos pela Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú falam de um feminismo popular que teria como princípios organizativos a auto-organização das mulheres e a solidariedade, assim os grupos produtivos seriam importantes espaços de recuperação da fala, da reflexão e da construção de um projeto político coletivo. A auto-organização das mulheres possibilitaria uma aprendizagem estruturada na partilha e na vivência coletiva, o que fortaleceria o segundo princípio de ação, a solidariedade. Para uma prática solidária elas percebem que escutar, enxergar, compreender e entender as diferenças entre elas são condições para que protagonizem a luta feminista no território e se reconheçam enquanto responsáveis pelas mudanças (REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ, S/D; ALMEIDA; SANTOS; NOBRE; GOMES, 2017).

Os três grupos apontam a chegada do feminismo enquanto conceito a partir das ações da CMN, mas percebem a presença de uma compreensão e uma prática feminista enraizada em seus cotidianos, a partir da reivindicação da experiência do trabalho e do quão estratégico revelou-se estar em grupos formados apenas por mulheres.

O feminismo pra mim vem desde o início do grupo, quando a gente veio colocando que queria só mulheres. A gente poder falar o que a gente queria, vir de short.... Se tivesse um homem aqui a gente não ia tá de toda posição, de todo jeito, falando tudo que a gente quisesse, que viesse na ponta da língua, puxar um assunto e conversar sobre o que tá acontecendo. Quando a Casa da Mulher chegou aqui no Pajeú o machismo era muito forte, e a Casa veio trabalhar só com as mulheres. O feminismo assusta. A gente foi quebrando, sair de casa e vir trabalhar, viajar e sair, a gente teve que lutar pra isso. Por que na visão aqui, em geral, mulher saiu, não saiu para trabalhar, mas para trair o marido – Desterro, grupo Art's Barro.

As mulheres do grupo Xique Xique falaram sobre as dificuldades vivenciadas na relação com o sindicato no início de sua organização e que dificultou bastante a relação com as mulheres. No capítulo 3 apresentei como tanto sindicatos quanto ONG's estabeleciam uma relação de trabalho e ação na comunidade a partir das questões trabalhistas ou das famílias,

assim pautas específicas das mulheres não eram problematizadas ou identificadas. A organização de um grupo de ‘mulheres’ desafiava as estratégias de ação destas entidades e organizações, e o sindicato passou a identificá-las, em sua iniciativa de auto-organização, como lésbicas, que neste contexto apresenta-se como categoria acusatória.

Nós do grupo recebia até um olhar torto do pessoal do sindicato, por que eles pensavam que a gente por trabalhar o feminismo, era como se fosse tudo sapatão. Eles diziam que a casa era tudo sapatão. E eu dizia, *‘nós somos mulheres, e as mulheres não podem lutar pelos direitos delas não? E é obrigada a ser tudo igual? E se escolher ser [sapatão] que seja’*. Cada um tem sua liberdade, mas eles criticavam muito, eles nem viam a gente como grupo, era mais como casa [CMN] de tanto que eles discriminavam, muito forte isso... – Vilza, grupo Xique Xique

Não acho que feminismo seja só para quem é sapatão não, acho que qualquer pessoa pode levantar a cabeça e exigir seus direitos, gritar, berrar. Eu mesma sou uma delas, ninguém pisa em mim não, nem marido, nem pai, mas nem morta. Eu sou muito independente. Eu falo para o meu marido, que é uma pessoa que amo muito, eu acho que amo ele mais um pouquinho que a mim mesma, mas desde que a gente conviva com respeito, combinando, porque não venha passar por cima de mim não, que eu não dependo de marido. A gente quer apenas ser respeitada. – Fátima, grupo Xique Xique

As histórias e trajetórias das mulheres trazem experiências de ruptura com relações de desigualdade e submissão com esposos, pais e irmãos que a auto-organização contribuiu para interromper. Acessar novos conhecimentos e compartilhar reflexões sobre o cotidiano contribuíram para a organização coletiva de resistências e enfrentamentos diversos. A partir do compartilhamento de depoimentos, as mulheres passaram a identificar e reconhecer situações comuns de opressão e submissão. Estes diálogos entre elas e as práticas que passaram a desenvolver demonstram um profundo processo educativo entre as mulheres.

A gente só era acostumada a viver dentro de casa. Os conhecimentos, o que aprendemos foi o mais importante, é coisa que ninguém toma da gente, o que você aprende. Mesmo depois de casada, teve um tempo que meu irmão, achava que era pra mim só cuidar de pai, da casa e não podia nem ir numa reunião. Teve um dia que eu fui até escondida, por que se passasse ali no campo e eles visse... Era para mim cuidar de pai, por que era obrigação minha que eu era filha. Ele tinha 9 filhos, mas era só eu pra cuidar de pai – Josineide, grupo Xique Xique.

Isso é cultura né? A mãe dele fazia tudo, botava na mão, entregava, aí ele era acostumado com a cultura da mãe. Quando nós casamos ele queria a mesma coisa, e como eu também não tinha informação, achava que mulher era pra botar comida para o homem mesmo. Aí quando eu descobri que não, que fui mudar, veio as consequências. Quando eu vim trabalhar aqui, com as reuniões aqui, que eu fui aprendendo que mulher tem seus direitos. Mas antes a gente só dentro de casa cozinhando a gente não sabe que mulher tem direito. Quem vai dizer a gente? Marido vai dizer a gente, que a gente tem direito a nada? Ele só vem dizer que a gente não tem direito – Cida, grupo Art's Barro.

Eu devo muito à rede, me ensinou a melhorar muito, eu me vejo outra pessoa, é tanto que eu passei muito tempo querendo trazer Elane [filha] para a Rede, por que ela casou muito nova e ela era uma pessoa totalmente submissa ao marido. Eu tinha muita vontade de trazer ela para a rede, não para se rebelar, mas para ela conhecer os direitos dela. Uma coisa é eu, mãe, dizer, e outra coisa é ela ver os depoimentos, ela ver o que o mundo tem. Eu acho interessante demais, mudei muito, em tudo, no meu eu como mulher, na questão do preconceito.... Eu era uma pessoa extremamente preconceituosa, muito preconceituosa, e melhorei né, melhorei não, me curei, e de conhecimentos gerais mesmo sabe, conhecimento das coisas da vida. Eu nunca imaginei fazer uma viagem para lugar nenhum, e hoje eu vou para qualquer canto, eu acho que a rede me deu essa oportunidade e eu agarrei. Eu vejo que tem muitas mulheres igual a como eu era. Eu fui criada assim, e passei um bom tempo que eu achava que a gente, mulher, era só pra servir aos homens. Quando a gente tá solteira que mora em casa, é aos pais né, e quando casa é ao marido. No meu caso quando me separei voltei para a casa dos meus pais. Eu vejo que tem muitas mulheres assim, eu quero mostrar que a gente não só vive se depender de um homem, que não precisa ter um homem para mandar na vida da gente – Elaine, grupo Artesanato Pajeú.

Para Silva (2010, p.12) ao discutir como o movimento feminista elabora uma prática pedagógica, reflete sobre como este conceito se estabelece e se constrói no processo educativo.

Ser feminista é, ao mesmo tempo, preocupar-se com a situação de todas as mulheres, e cuidar de si, como mulher, inserida nesta situação. Ser feminista é caminhar no rumo de sua autonomia pessoal e, ao mesmo tempo, lutar coletivamente pela autonomia e liberdade de todas as mulheres. O feminismo é, neste sentido, um projeto de vida, e isso exige coerência entre o nosso pensar, sentir e agir, o que todas nós sabemos ser um permanente desafio. A educação feminista deve, portanto, responder a este desafio: contribuir com a formação de mulheres para a ação política transformadora de si mesmas e do mundo.

A auto-organização e o exercício da solidariedade entre as mulheres constituem-se em uma prática pedagógica feminista fundamentada em compreender os instrumentos de controle e exploração que as cercam. A organização da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú apresentou-se como um método de reunião destas ações de enfrentamento elaboradas pelas mulheres nas mais diversas localidades e municípios. A rede tem potencializado esta elaboração feminista no Pajeú que incide sobre e a partir das experiências de trabalho que organizam as mulheres. A partilha das experiências, os processos de formação, e a execução de políticas públicas de enfrentamento à violência e de combate às desigualdades de gênero no território aprofundaram a capacidade de invenção de um feminismo próprio das mulheres do Pajeú.

5.3 TOMANDO DE CONTA: A REDE COMO ESTRATÉGIA, PRINCÍPIO E LUGAR DE APRENDIZADOS

A experiência de organização e ação da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú assume dois momentos junto às mulheres no Pajeú. Em um primeiro momento, enquanto projeto da CMN, a Rede caracterizava-se como uma ação de intervenção e assessoria, a Rede era um projeto e este aspecto marcava sua identidade até 2008. Com o avançar da organização no território as mulheres resolveram *‘tomar de conta’*, expressão utilizada pelas mulheres com o sentido de responsabilizar-se pela construção e organização da Rede. Elas fundam a Associação da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú e sua ação e práticas passam a se definir a partir da articulação autogestionária das mulheres no Sertão do Pajeú.

Segundo as mulheres dos grupos a Rede,

É movimento de mulheres, é participar e reunir os grupos. A Rede faz com que as mulheres se comuniquem, se juntem, e discutam, sobre trabalho, sobre família e sobre as próprias mulheres, as mulheres descobrem as capacidades que elas têm, que nem sabem que tem – Cida, grupo Art's Barro

A Rede vai pra lá, vai pra cá, é mulheres juntas. A Rede consegue juntar os grupos, um grupo junto com outro, a gente vai trocando ideias, e através daquelas ideias a gente vai aprendendo umas com as outras, é uma troca de conversa, de trabalho, de organização – Galega, grupo Art's Barro

Rede pra mim significa essa teia, essa coisa que sai juntando. A rede está entrelaçada e os grupos ligados um no outro – Elaine, grupo Artesanato Pajeú

O conceito de Rede apoia-se na ênfase de relações entre experiências diversas e diferentes, na criação de fluxos de informação e saberes, na constituição de laços que permitem circular energias diversas, nos processos de autoconstrução e reprodução coletiva, no favorecimento das transformações de cada parte em relação com o conjunto. Assim uma rede apoia-se em uma noção de integração, de circulação de fluxos e de colaboração (MANCE, 2009). A Rede para as mulheres no Pajeú constitui-se em uma metodologia de formação e organização, uma estratégia de sociabilidade e de organização feminista. Embora a Rede tenha surgido em 2005, a fundação da Associação em 2008 marca para as mulheres dos grupos o início da rede. Segundo as educadoras da Rede neste momento a rede ganha novos significados quanto ao fortalecimento de uma identidade organizativa para as mulheres no Pajeú.

De 2005 a 2008 era uma articulação informal, não tinha uma organização jurídica, foi pensado que para a Rede existir mesmo, de fato, para ser autônoma, ela tinha que ter seus próprios recursos, e uma das formas seria formalizar – Ana Cristina Nobre, educadora da Rede.

2008 já existia uma identidade mais fortalecida das mulheres para com a Rede, e também é nesse momento que as mulheres colocavam a necessidade de autonomia da Rede em relação a CMN – Elizabete Nobre, educadora da Rede.

Esta mobilização para a consolidação da Rede como uma estratégia local também é recuperada por Vilza do grupo Xique Xique, “foi surgindo a necessidade da gente estar em rede. A casa é uma ONG e tinha atuação, mas não era nosso espaço, a gente tinha que ter um espaço nosso, como rede, para os grupos se fortalecerem nas suas atividades”.

Este processo de transição quanto à identidade da Rede que passa de *‘projeto’* para a ser uma *‘articulação’* autônoma, é marcada por várias dificuldades assim como, o estabelecimento de diretrizes e estratégias próprias. Dentre as dificuldades destacam-se a necessidade de custear suas atividades administrativas, os encontros com as mulheres, as reuniões de diretoria e de planejamento, até este momento elas utilizavam salas e carro da CMN, além de terem suas educadoras contratadas pela Casa. Em 2010 elas conseguem alugar um pequeno escritório com computador com o apoio da Fundação Brazil Foundation, primeiro contrato de apoio financeiro direto da Rede (REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ, S/D).

A formalização da Rede também marca um outro aspecto discutido pelas educadoras da Rede quanto aos significados da constituição de uma personalidade jurídica. Elas discutem que muitas vezes são vistas como uma ONG e tem problematizado o que significa serem uma Rede que utiliza a estrutura de uma associação para viabilizar sua articulação e ação. A institucionalidade conquistada a partir da constituição da Associação é necessária para viabilizar projetos e buscar recursos, mas para as mulheres é importante compreender que a Rede não se traduz em ONG. A Associação enquanto pessoa jurídica da Rede é uma forma escolhida pelas mulheres para ampliar os horizontes da organização da Rede e viabilizar as linhas de ação que orientam o conjunto de atividades e iniciativas realizadas.

A Rede possui quatro linhas de ação: 1. Mobilização de recursos; 2. Fortalecimento da ação em rede; 3. Articulação com outras entidades e instituições; 4. Inserção das mulheres na comercialização solidária. Cada uma destas linhas mobiliza estratégias que ampliam e fortalecem a ação dos grupos de mulheres implicando em um contínuo processo formativo. Na mobilização de recursos, além da identificação de editais e projetos, a Rede organiza um Fundo Rotativo Solidário – FRS que garante às mulheres um sistema de crédito próprio.

Na construção das políticas de economia solidária surgem como eixos importantes para fortalecer as ações de empreendimentos econômicos solidários e outras iniciativas da economia solidária, a organização de finanças solidárias e redes de comercialização e consumo. Esta preocupação também aparece na Rede em duas de suas linhas de ação apresentadas acima, e na mobilização de recursos falarei sobre a forma como a Rede organizou um processo de finanças solidárias. As finanças solidárias apresentam-se como um conjunto de iniciativas que buscam favorecer e democratizar acesso a recursos financeiros, assim como problematizar o controle e não acesso popular a formas de organização financeiras (GUSMÃO, C. 2018).

No Brasil, as mais conhecidas formas de finanças solidárias são o Fundo Rotativo Solidário – FRS, os Bancos Comunitários de Desenvolvimento – BCD's, e as Cooperativas de Crédito. Os FRS caracterizam-se pela mobilização e propriedade de recursos coletivos, que são constituídos por vezes pelos próprios grupos ou pessoas envolvidas, que são acessados em ciclos definidos pelos grupos ou pessoas que compõem o FRS. Os Fundos são práticas antigas presentes principalmente nas comunidades camponesas, que evidenciam práticas de ajuda mútua orientadas por laços de reciprocidade (GONÇALVES, 2016). Quem acessa estabelece uma forma de devolver para que o fundo continuar existindo e ser acessado depois por outro grupo ou pessoas participantes. Existem fundos de animais, sementes, bens, e no caso da Rede

de Mulheres Produtoras do Pajeú, o FRS é composto por dinheiro, hoje o FRS da Rede possui trinta e oito mil reais.

O FRS da Rede começou em 2006, com recursos do BNDES e o apoio do Cred Cidadania que é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público-OSCIP³⁷, localizada em Recife e que atua com um Fundo Rotativo da Ação da Cidadania criado em 1995 como parte das campanhas da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e Pela Vida criada por Betinho. Elas fizeram uma formação em Recife e o FRS começou com cinco grupos com um recurso destinado a investimentos, melhorias nas condições de organização e produção nos grupos produtivos. O FRS começou com seis mil reais, e foi ampliando com doações de parceiros. Para acessar os recursos do FRS da Rede os grupos seguem alguns procedimentos.

É necessário apresentar uma proposta técnica e de viabilidade econômica na qual explicitam qual o objetivo do crédito e como ele será devolvido – quantas parcelas, valor e períodos de pagamento. Para a construção da proposta elas consideram as atividades produtivas que desenvolvem e como realizam as vendas, assim, um grupo como o Xique Xique, consideraria os períodos de vendas das polpas de fruta ao PNAE e PAA para construir sua proposta de devolução dos recursos. A administração do FRS é feita por um comitê gestor composto por mulheres dos grupos, este comitê recebe as propostas e elas são submetidas para aprovação em Assembleia da Rede.

Durante o XVI Encontro Semestral da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, realizado em 2018 com o objetivo de comemorar os 10 anos da Rede do qual participei a convite das educadoras, um momento importante foi a discussão dos recursos do FRS. As novas solicitações de crédito eram apresentadas para o conjunto das mulheres que, muito atentas escutavam as propostas. Ao total foram apresentadas três propostas de grupos que já haviam solicitado antes e tinham realizado os pagamentos corretamente. Todas as propostas foram aprovadas.

³⁷ <http://www.credcidadania.com/>



Figura 51 - Assembleia da Rede para discutir, dentre outras pautas, as propostas de acesso ao FRS em 2018

Elas entenderam que esse recurso é delas, então vai e volta pra elas mesmas. Só tem débito com dois grupos, um que está sempre justificando o que foi, e o outro que está procurando pagar –Elizabeth Nobre, Educadora da Rede, explicando a baixa inadimplência de grupos junto ao FRS

Se elas não pagarem elas ficam inaptas com o fundo rotativo, tem várias formas de fazer a devolução do recurso por que o recurso é de todas. Elas têm uma grande preocupação em ficarem devedoras por que elas não conseguem mais acessar e ficam expostas com as outras companheiras – Ana Cristina Nobre, Educadora da Rede.

Elas sabem também do problema de acesso a crédito em outras instituições financeiras. Para quem está acessando o fundo rotativo, ficar inadimplente, é ela precisar daquele recurso novamente e não ter como acessar. Elas têm essa consciência, que o único lugar que elas podem contar é o fundo rotativo, com as outras instituições tem outras dificuldades, às vezes o marido já acessou, ela não pode acessar... – Apolônia Gomes, Educadora da Rede.

Pensar o fortalecimento da ação em rede para as mulheres remete aos processos formativos, aos ambientes de troca de experiência e de debates. Ações que buscam fortalecer e construir a identidade com a rede e seus princípios,

Porque o fato de eu estar conversando, estar te dizendo tudo isso, eu aprendi dentro da rede. Questão de direitos meus como mulher, eu nem pensava que fossem direitos, e eu aprendi dentro da rede – Elaine, grupo Artesanato Pajeú.

Eu ia pra reunião e não entendia de política e aquilo foi me chamando a atenção. Eu dizia '*mãe, reunião é chato demais, demora demais*', mas o aprendizado que você tem nas reuniões, nas palestras que dava era ótimo – Elane, grupo Artesanato Pajeú.

Também são vistos dentro desta linha de ação espaços como as Assembleias e Reuniões da Diretoria da Rede nas quais acontecem os momentos de gestão, planejamento, monitoramento e avaliação coletiva. Estes espaços fortalecem o sentimento de pertença além de permitir às mulheres o exercício do diálogo e da construção de soluções.

A comercialização também é um desafio para os grupos que compõe a Rede. Embora os grupos criem suas próprias estratégias de comercialização a Rede tem buscado também formas de comercializar coletivamente. Além das feiras, eventos e festas para as quais buscam mobilizar os grupos, a Rede estabeleceu dois pontos de comercialização no Pajeú. O primeiro é o trailer '*Sabores da Roça*', uma lanchonete, no município de São José do Egito. As mulheres preparam e vendem alimentos prontos, lá são comercializadas refeições com arroz de festa, galinha de capoeira, pamonha, cozido de bode, sucos, tapiocas, queijos, bolos, doces, dentre outros produtos, todos oriundos dos quintais das mulheres.

Também no XVI Encontro Semestral da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú o trailer foi ponto de pauta. Como são grupos diferentes que comercializam no trailer, elas discutiram a gestão, horário de funcionamento, condições de entrega do trailer para o grupo seguinte comercializar, além de questões referentes às diferenças de cardápios e preços. A exposição no Encontro permitiu-lhes construir várias soluções ante as contribuições das demais mulheres da Rede. O segundo ponto de comercialização da Rede é a '*Loja Itinerante*', uma van adaptada para apresentar-se como loja que percorre os municípios no Pajeú em eventos e feiras com produtos de diversos grupos.

Todos estes processos de debate e construção de soluções coletivas são atravessados por aprendizagens contínuas e construção de novos conhecimentos. O trabalho realizado nos grupos que reconstrói cotidianamente as relações já existentes entre as mulheres, dando-lhes novos significados. É também o trabalho que dá sentido à Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú enquanto articulação e espaço de adensamento dos conhecimentos localmente produzidos.

Pra mim a rede é um projeto político de vida, passa pela minha, pelas das outras mulheres que estão nela, é aqui que eu aprendo a ser melhor como um ser humano, a entender as lutas, o feminismo, a agroecologia. É uma luta pra se manter e manter a vida de outras pessoas também com mais qualidade, com mais solidariedade. Faz parte da minha identidade. Elizabete Nobre, Educadora da Rede.

6. ALGUMAS CONCLUSÕES

Iniciar os trabalhos e atividades de desenvolvimento desta pesquisa com a chegada das chuvas no Pajeú, que vivia uma das mais longas estiagens já registradas (2012 – 2018), marcou as reflexões com sentimentos de esperança. As mulheres dizem que com as chuvas tudo muda, inclusive as pessoas. A paisagem do sertão, prateada, volta a enverdecer. É neste Sertão esperançoso que pude imergir no cotidiano dos três grupos produtivos, o Xique Xique, o Artesanato Pajeú e o Art's Barro, tomando como ponto de partida um desafio metodológico de construir os processos de pesquisa a partir de um diálogo com suas vivências e experiências e o desafio teórico de refletir sobre suas práticas de trabalho. O desafio teórico exigiu considerar que as experiências das mulheres se referenciavam na economia solidária, no feminismo e na agroecologia, e considerei para problematizar as realidades investigadas utilizar como referências a economia feminista e uma ética de cuidados.

As alternativas construídas em cada grupo falam desta busca por mudanças que assumem definições diferentes para cada mulher. Uma primeira reflexão que busco realizar é quanto ao método e as ferramentas utilizadas. Como a pesquisa foi apreendida pelos grupos e a Rede e o lugar que ela assumiu na problematização de seus cotidianos. A pesquisa desde seu nascedouro propôs-se a ser uma experiência de pesquisa participante, reconhecendo as localizações das participantes do processo de investigação enquanto mulheres, sertanejas, agricultoras e, no decorrer da pesquisa, parentas. Considerar a localização das participantes significava afirmar a parcialidade dos saberes ante as implicações das contingências históricas que lhes conferem (HARAWAY, 1995)

A metodologia ao priorizar a construção sistemática dos dados com os grupos permitiu trocas e diálogos além de contribuir na recuperação coletiva da memória e de acordos construídos.

Você só avivou o que tava escondido, lembrou o que a gente já tinha na mente. Tem coisa que a gente bota debaixo do tapete e não usa mais, você foi e puxou de debaixo do tapete e botou em cima. Quando a gente tá só no grupo tem coisa que a gente esquece, e quando vem alguém e pergunta é bom pra gente lembrar. A gente lembrou coisa que a gente não falava a um bom tempo – Cida, grupo Art's Barro.

Um outro aspecto decorrente da metodologia é que as oficinas ao se tornarem espaços de fala e escuta coletiva, levaram à exposição de dificuldades e à construção de soluções. Após a primeira oficina com o grupo Artesanato Pajeú, realizada na casa de Elaine, coordenadora do grupo, surgiu uma reflexão, não provocada por mim enquanto pesquisadora, sobre o equilíbrio de tarefas de gestão dentro do grupo. Surgiram questões sobre decisões tomadas sem consulta, assim como a apatia coletiva ante as atividades de gestão como, por exemplo, tomar a iniciativa para marcar reuniões do grupo, ou a participação nas atividades da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú. Estas questões resultaram em uma reflexão sobre o papel e importância da ação da coordenadora e a necessidade de uma maior divisão de responsabilidades dentro do grupo.

Desde que esse grupo foi fundado que eu tô na coordenação, tudo só acontece, vou usar esse termo, se eu quiser, só é feito se eu puxar, se eu tiver, se não, não acontece, aí não tá certo isso. Eu disse a elas em outra reunião, que eu tava com o sentimento de dona do grupo, e não é assim. A gente se reuniu e eu pedi para elas verem outra coordenadora – Elaine, grupo Artesanato Pajeú.

A oficina em que esta questão foi compartilhada aconteceu em julho. Com a saída de Elaine da coordenação as demais mulheres falaram sobre a necessidade de manter o grupo e de discutir outra coordenadora. Ao dialogar com as coordenadoras da Rede sobre o processo de pesquisa elas destacaram suas experiências anteriores com pesquisas realizadas junto aos grupos sobre as quais elas não tiveram qualquer retorno sobre as pesquisas, que compreendem a importância das problematizações realizadas pelas pesquisas e a necessidade das devoluções.

Tem tanta pesquisadora que passou aqui e a gente não vê nem o trabalho, não sabe nem se concluiu – Elizabete Nobre, Educadora da Rede.

Você se abrir, falar da sua vida pessoal, do seu eu pra uma pessoa de fora e depois nada, aí você vai encontrar isso futuramente, citada num trabalho tal, sem nem saber do que se trata. A pesquisa levanta alguns questionamentos pra gente refletir a metodologia, a prática feminista, então a pesquisa é muito rica, quando ela é compartilhada – Ana Cristina Nobre, Educadora da Rede.

Com a experiência desta pesquisa as educadoras da Rede discutiram a necessidade de estabelecer critérios e compromissos para receber pesquisadoras e pesquisadores. Esta experiência de campo aponta a importância de refletir como a pesquisa pode ser compreendida

como um momento de problematização também para quem dela participa. Se o olhar e indagações da pesquisadora ou do pesquisador no exercício da investigação voltam-se para responder questões específicas que mobilizam seu interesse intelectual, este processo pode também contribuir com o exercício de dar a '*conhecer*'. A pesquisa apresenta-se aqui como um exercício de abrir caminho para subjetividades, no reconhecimento das atividades cognitivas resultantes dos diálogos provocados (LONGINO, 2012).

Apresenta-se importante considerar os sentidos assumidos pelo trabalho coletivo para as mulheres da Rede de Produtoras do Pajeú. Elas reivindicam um feminismo popular, e é partindo desta compreensão de feminismo que elas conformam sua experiência de trabalho. Um feminismo apoiado em uma construção do cotidiano que parte de uma auto-organização e solidariedade entre as mulheres. O trabalho, a partir destas mobilizações nos territórios e comunidades, passa a ser problematizado em suas múltiplas dimensões, assim como lhe é conferido novos significados, permitindo às mulheres compreenderem e incidirem nas dinâmicas econômicas das quais participam, dentro e fora de casa, de forma invisibilizada.

Pensar a economia feminista como uma teoria econômica e também como uma ação permite refletir sobre o que a prática das mulheres no sertão do Pajeú desvela. Segundo Orozco e Calderón (2018), “cuando miramos la cotidianidad de mujeres populares y campesinas que se resisten al modelo de *desarrollo* hegemónico en muchos lugares del Sur global, vemos que están haciendo una economía distinta, una economía feminista”. Estas experiências de resistência contra-hegemônicas no Nordeste apresentam-se vinculadas a outras dinâmicas como as da economia solidária, da agroecologia, dos povos originários e tradicionais. É importante considerar que, a partir do último mapeamento da economia solidária, 41% destas iniciativas estão no Nordeste, e que destas, 72% estão no espaço rural (GAIGER, 2014).

Neste processo de resistência elas produzem, ao discutir o que consideram trabalho, um questionamento quanto ao que seria definidor de suas práticas econômicas, destacando que o trabalho não pode ser reduzido ou explicado apenas enquanto trabalho assalariado ou remunerado. Esta compreensão tem tornado as iniciativas de economia solidária como um lugar estratégico para a organização das mulheres ao serem percebidas como práticas que se distinguem por estabelecer outros valores e fundamentos na realização do trabalho, recuperar o sentido político do produto do trabalho e buscar uma reapropriação da economia em um horizonte social e político (CUNHA; SANTOS, 2011).

Quanto à realização do trabalho são características principais na economia solidária uma organização cooperada ou associada e autogestionária. A cooperação ou associação

necessariamente não implicam na realização de todas as etapas do trabalho de forma coletiva, mas na realização de tarefas ou etapas do processo pensadas de forma integrada, seja na produção, na compra de produtos, no uso e propriedade coletiva de equipamentos, ou no momento da comercialização. Para as mulheres que se organizam nos grupos produtivos na Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú a cooperação e a associação são princípios político-organizativos que não se confundem com formalização ou estabelecimento de personalidade jurídica de seus grupos, mas que se expressam como uma estratégia de organização que lhes possibilitou construir relações de autogestão, com todos os desafios já aqui expostos. Estes princípios buscaram superar as diferenças entre os tipos de trabalho, o compartilhamento das decisões administrativas e políticas das atividades econômicas, o reconhecimento e problematização das falas e saberes dentro dos grupos (MOTHÉ, 2009).

A organização do trabalho em outros princípios, como a cooperação, a solidariedade e a autogestão, busca questionar a produção orientada pela máxima exploração da natureza e do trabalho. O trabalho, para realizar-se, pressupõe uma ação realizada e significada socialmente. A economia solidária ao mobilizar outros princípios de produção e circulação de bens estabelece também a necessidade de recuperar o sentido do trabalho, reapropriando-se do produto do seu trabalho, buscando construir novas compreensões sobre o trabalho necessário e essencial para a reprodução da vida.

A constituição do trabalho das mulheres dos grupos produtivos a partir das relações comunitárias e de parentesco também mobilizam princípios como a solidariedade, a relacionalidade, e a interdependência na construção de novos espaços de sociabilidade. Apresenta-se uma ampliação e fortalecimento de uma noção de comunidade fundada a partir de uma aliança política entre as mulheres.

Os princípios mobilizados nos processos vivenciados pelos grupos de mulheres apresentam uma experiência de trabalho que estabelece objetivos para sua realização que extrapolam os salários: o trabalho deve ser lugar de bem-estar, com a recuperação e ressignificação das relações já vivenciadas pelas mulheres. Este é um ponto de permanente tensão entre os trabalhos compreendidos no âmbito produtivo e de reprodução da vida. O trabalho das mulheres do Pajeú, nesta dissertação pensado como uma experiência intermediária entre o público/privado (GUÉRIN, 2005), fala de uma experiência de resistência e liberdade e de alianças entre as mulheres ante as lógicas de acumulação e produtividade. Os cuidados aparecem aqui como um conteúdo ou significado do trabalho que se orienta por uma

preocupação de regenerar o cotidiano, o bem-estar físico e emocional das mulheres (CARRASCO, 2006; OROZCO, 2014)

Compartilhar e refletir os aprendizados construídos pelas mulheres no Sertão do Pajeú em suas trajetórias de organização e transformação cotidiana, implicou reconhecer e discutir outras possibilidades de organização e sustentabilidade da vida, considerando diferentes dimensões, e assim, problematizando as responsabilidades ocultas. Segundo Orozco e Calderón (2018), as mulheres têm atuado em um trabalho permanente de recuperação dos danos causados à vida pelos mercados e pelo capitalismo. As redes mobilizadas pelas mulheres têm-se constituído em espaços de sustentabilidade que suportam e vêm protegendo silenciosamente a vida atacada pelo capitalismo. É neste contexto que se torna importante perceber como a ação das mulheres nos territórios tem-se apresentado imprescindível para a construção de resistências, mas também, para falar-nos da necessidade de mudanças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M SANTOS, A. C. NOBRE, E. GOMES, A. Mulheres sertanejas na construção da Agroecologia: a rede de conhecimentos e construção da cidadania. In: FIGUEIREDO, M. A. B. MATTOS, J. L. S. FONSECA, A. D. **Agroecologia e diálogo de conhecimentos: olhares de povos tradicionais, movimentos sociais e academia**. Recife : UFRPE, 2017.

ARTS BARRO. **Regimento Interno**. Brejinho : S.N., 2013.

BRASIL. **Territórios da Cidadania**: 2008. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/ceazinepdf/3638408.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

Brasil, **Decreto 807** de 24 de Abril de 1993. Institui o Conselho Nacional de Segurança Alimentar - CONSEA e dá outras providências. Diário Oficial da União, 26 de abril de 1993.

BRASIL. **Decreto** de 25 de fevereiro de 2008. Institui o programa território da cidadania e dá outras providências. Diário Oficial da União, 26 de fev. 2008

BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Agrário. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Sertão do Pajeú**. 2011

CARRASCO, C. La economía feminista: una apuesta por otra economía. In: VARA, M. J. (org.) **Estudios sobre género y economía**. Madrid : Ediciones Akal, 2006.

_____. Introducción: hacia una economía feminista. In: CARRASCO, C. (org.) **Mujeres y economía**. 2ª ed. Barcelona : Icaria Editorial, 2003.

CONDEPE. **Regionalização do Estado de Pernambuco**. Disponível em: http://www2.condepefidem.pe.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=19984&folderId=143436&name=DLFE-12639.pdf. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

CORAGGIO, J. Economia do Trabalho In: CATTANI, A. [et all]. **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. P 120 – 127.

CORAGGIO, J. **Economía Social y solidaria**: el trabajo antes que el capital. Ediciones Abya Yala : Quito, 2011.

COSTA, M. A. G. **Assessoria da Casa da Mulher do Nordeste**: reconfigurando as relações de gênero com as agricultoras no sertão do Pajeú. Recife : UFRPE, 2014. 168 fls. Dissertação (Mestrado em administração e desenvolvimento rural)

CUNHA, G. C. SANTOS, A. M. Economia solidária e pesquisa em ciências sociais: desafios epistemológicos e metodológicos. In: HESPANHA, P. e SANTOS, A. M. (Org) **Economia Solidária**: questões teóricas e epistemológicas. Coimbra: Almedina, 2011.

DUBET, F. **Sociologia da Experiência**. Lisboa : Instituto Piaget, 1994.

DUBEUX, A. MEDEIROS, A. VILAÇA, M. SANTOS, S. (org) **A construção do conhecimento em economia solidária**: sistematização de experiências no chão de trabalho e vida no Nordeste. Recife: F&A Gráfica e Editora LTDA, 2012.

DUBEUX, A. DUBEUX, H. **Educação em economia solidária e autogestão**. 1ª ed. Olinda : MXM Gráfica & Editora, 2018.

DURÁN, M. A. Prologo. In: VARA, M. J. (org.) **Estudios sobre género y economía**. Madrid : Ediciones Akal, 2006.

FARAH, M. F. S. Gênero e Política públicas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 47 - 71, jan. 2004. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100004>. Acesso em: 11 jul. 2018.

FONSECA, C. O Anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. **Teoria e cultura**, Juiz de Fora – MG, v 2, n 1-2, p 39-53, jan./dez. 2008. Disponível em:
<https://teoriaecultura.ufjf.emnuvens.com.br/TeoriaeCultura/article/view/1106/910>. Acesso em: 06 de agosto de 2018.

FRANÇA FILHO, G. C. LAVILLE, J. L. **Economia solidária**: uma abordagem internacional. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17a. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.

GAIGER, L. I. (org) **A economia solidária no Brasil**: uma análise de dados nacionais. São Paulo : Oikos, 2014.

GAIGER, L. I. G. A Economia solidária e o valor das relações sociais vinculantes. **Katálisis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 11-19, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v11n1/02.pdf>. Acesso em: 27 de Junho de 2018.

GAVÍRIA, L. MOLINIER, P. El cuidado como ética y como trabajo. In: _____(ORG.) **El trabajo y la ética del cuidado**. Medellín: La Carreta Social y Escuela de Estudios de Género, 2011.

GONÇALVES, A. F. MELO, V. P. Z. **Economia da dádiva e os fundos rotativos solidários: reciprocidade e mercado em comunidades rurais do Estado da Paraíba**. João Pessoa : Editora da UFPB, 2016.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004. Acesso em: 23 de maio de 2018.

GUÉRIN, I. **As mulheres e a economia solidária**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

GUSMÃO, C. Finanças Solidárias. In: VIEIRA, V. GUSMÃO, C. **Economia solidária, compras institucionais e finanças solidárias**. Olinda : MXM Gráfica e Editora, 2018.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas – SP, n. 5, p. 7-41, jan. 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 23 de maio de 2018.

HARDING, S. ¿Existe um método feminista? In: BARTRA, E. (org) **Debates em torno a uma metodologia feminista**. 2ª ed. México : Universidad Autonoma Metropolitana, 2002, p. 9-34.

_____. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos feministas**, Santa Catarina - ES, v 1, n 1, p. 7 – 32, jan./jun. 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984/14483>. Acesso em: 05 de janeiro de 2017.

HILLENKAMP, I. GUÉRIN, I. VERSCHUUR, C. A economia solidária e as teorias feministas: possíveis caminhos para uma convergência necessária. **Debates feministas**. Nº 3. Out.2016. 34p. Disponível em: http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/10/DebatesFeministas_EconomiaFeminista1.pdf. Acesso em: 05 de janeiro de 2017.

HIRATA, H. GUIMARÃES, N. A. Introdução. In: HIRATA, H. GUIMARÃES, N. A. (org.) **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho de care**. São Paulo : Editora Atlas, 2012.

JALIL, L. M. **As flores e os frutos da luta: o significado da organização e da participação política para as mulheres trabalhadoras rurais**. Rio de Janeiro : UFRJ, 2013. 207 fls. Tese (Doutorado Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade).

JAGGAR, A. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: _____, BORDO, S. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro : Record, Rosa dos ventos, 1997, p. 157-185.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. [et all]. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. P. 67 - 75.

LONGINO, H. Epistemologia feminista. In: GRECO, J. SOSA, E. (orgs) **Compêndio de epistemologia**. São Paulo : Edições Loyola, 2012, p. 505-546.

_____. Valores, heurística e política do conhecimento. **Scientiae Studia**, São Paulo, v 15, n 1, p. 39-57, jun. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/133642>. Acesso em: 23 de junho de 2018.

LOPES, M. M. COSTA, M. C. Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na História das Ciências. In: MORAES, M. L. (org) **Gênero nas fronteiras do sul**. Campinas : Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero - Unicamp, 2005, p. 75-83.

MANCE, E. Redes de Colaboração Solidária In: CATTANI, A. [et all]. **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. P 278 - 283.

MARTINS, J. S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2ª ed., 1ª reimpressão, São Paulo : Contexto, 2013.

MELO, L. A. A exclusão de gênero no programa brasileiro de combate aos efeitos da seca. **Revista Ciência & Trópico**. Recife, janeiro-junho 2002, v. 30, n. 1, p 59-84. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/765/501>. Acesso em: 17 de janeiro de 2018.

MOLINIER, P. PAPERMAN, P. Descompartimentar a noção de cuidado? **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº18. Brasília, setembro - dezembro de 2015, pp. 43-57. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n18/2178-4884-rbcpol-18-00043.pdf>. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

MOTHÉ, D. Autogestão. In: CATTANI, A. [et all]. **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. P 26 – 30.

PASSADOR, C. S. PASSADOR, J. L. ARRAES, A. M. ARRAES, H. F. Políticas Públicas de Combate a Seca no Brasil e a Utilização das Cisternas nas Condições de Vida de Famílias na Região do Baixo Salitre (Juazeiro - BA): Uma Dádiva De Deus? In: **Encontro da ANPAD**, 31., 2007, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/APS-C1521.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

PÉREZ-BUSTOS, T. TOBAR-ROA, V. MÁRQUEZ-GUTIÉRREZ, S. Etnografías de los contactos. Reflexiones feministas sobre el bordado como conocimiento. **Antípoda Revista de antropología y arqueología**. Bogotá, setembro-dezembro 2016, nº 26, p 47 – 66. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/antpo/n26/n26a03.pdf>. Acesso em: 04 de abril de 2018.

PERNAMBUCO. **Revisão do Plano Plurianual de 2018**. Outubro de 2017. Disponível em: <http://web.transparencia.pe.gov.br/ckan/dataset/dfa31c53-0aaf-4f76-b501-c6a271bb9bd7/resource/78e8ff8c-b2b5-4a5d-8905-a9a628bb37c7/download/revisao-do-plano-plurianual-anual-ppa-2018.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

OLESEN, V. Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio. In: DENZIN, N. LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OROZCO, A. P Del trabajo doméstico al trabajo de cuidados. In: CARRASCO, C. (org.) **Con voz propia: la economía feminista como apuesta teórica y política**. Madrid : La oveja roja, 2014.

OROZCO, A. P. CALDERÓN, A. A. Economía feminista: viva, abierta y subversiva. In: **Dossieres ESF**, nº 29, 2018.

REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ. **10 anos de luta: o caminho trilhado**. Afogados da Ingazeira : Gráfica Asa Branca, s/d.

SABINO, S. T. Programas emergenciais de combate aos efeitos da seca no Nordeste: o que mudou na década de 90? Recife : UFPE, 2002, 197 fls. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste)

SCOTT, J. A invisibilidade da experiência. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 16, set. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183>. Acesso em: 23 de junho de 2018.

SERAFIM, M. DIAS, R. Conceitos e ferramentas para a análise de políticas públicas. In: BENINI, E. A. [org.] et all. *Gestão pública e sociedade: fundamentos e políticas públicas da economia solidária*. V 1, 1ª ed. São Paulo : Outras expressões, 2011. p 305 – 337.

SILVA, C. Os sentidos da ação educativa no feminismo. In: _____ (org) **Experiência em pedagogia feminista**. Recife : SOS Corpo, 2010, p. 9-27.

SILVA, C. S. M. **Feminismo popular e lutas antissistêmicas**. Recife : SOS Corpo, 2016.

SILVA, R. M. A. **Entre o combate à seca e a convivência com o semiárido:** transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Brasília : UNB, 2006. 298 fls. Tese (Doutorado em desenvolvimento sustentável).

SINGER, P. **Introdução a Economia Solidária**. 1ª ed. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

TRONTO, J. Assistência democrática e democracias assistenciais. **Sociedade e Estado**, Brasília, maio-agosto 2007, v. 22, n. 2, p 285-308. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v22n2/03.pdf>. Acesso em: 04 de dezembro de 2017.

VERSYPLE, N. I. MACHADO, J. ANDRADE, J. C. WANDERLEY, R. A. Microrregião Pajeú: economia, clima e desenvolvimento da agricultura através de modelo digital do terreno. Revista **GEAMA**, Recife, v.1, n.1, março – 2015.

APÊNDICE A – 1ª OFICINA COM AS MULHERES DO PAJEÚ

Detalhamento metodológico

Período de 09 a 13 de abril de 2018.

Objetivos:

- Apresentar a pesquisa ao grupo e acordar os momentos a serem realizados;
- Recuperar a trajetória de organização do grupo, identificar e refletir quanto a momentos importantes desta trajetória;

Horário	Atividade	Metodologia	Materiais
8:00 – 8:20	Apresentação participantes	<p>Propor que em uma tarjeta elas informem nome, idade, nome da comunidade em que moram.</p> <p>Após a produção pedir que todas em roda se apresentem e fixar estas imagens no centro do espaço da oficina.</p> <p>Observar outras informações como, se tem filhos, netos; com quem reside</p>	Tarjetas; Fita crepe;
8:20 – 9:00	Apresentação do projeto e objetivos da oficina	<p>Utilizar tarjetas com palavras chaves do projeto; Pedir que cada uma diga o nome antes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Buscar apresentar os objetivos do estudo, e as contribuições que poderá trazer para a rede, o feminismo e a academia; • Apresentar a dinâmica de trabalho – informar que serão dois encontros e que o segundo encontro será marcado ao final da oficina. • Apresentar os objetivos da primeira oficina; • Solicitar a anuência para participar da pesquisa acordando com o grupo as condições para realização – citação de nome, apresentação dos dados ao grupo, dentre outros que possam surgir; 	<p>Tarjetas; Fita crepe;</p> <p>Informe impresso com a programação, objetivos e linhas gerais sobre o projeto para as participantes;</p> <p>Painel para os acordos coletivos;</p>
9:00 – 10:00	Linha do tempo	<p>Recuperar com o grupo momentos de sua trajetória – <i>trazer algumas questões iniciais:</i></p> <p>- Quando o grupo começou a se organizar? Foi desde o início um grupo só de mulheres? E o nome do grupo surgiu quando?</p> <p>- Quantas mulheres participaram no início, quantas participam agora?</p>	<p>Painel;</p> <p>Tarjetas;</p> <p>Pilotos;</p> <p>Fita crepe;</p>

		<ul style="list-style-type: none"> - O que produzimos, quais atividades realizamos juntas? Houve mudanças nas produções (tipo de produção, uso de equipamentos...)? - Quais momentos são importantes nesta caminhada? - Em que momento cada uma, aqui presente, entrou no grupo? – Utilizar os desenhos produzidos na apresentação para fixar na linha do tempo. - Em que momento começamos a relacionarmo-nos com outros grupos no Pajeú? 	
10:00 – 11:30	Calçada da memória	<p>Trazar uma cadeira para perto da linha do tempo e pedir para que falem mais sobre alguns momentos identificados coletivamente.</p> <p>Ex.: por que o estabelecimento do grupo como apenas de mulheres? Aproximação com o feminismo?</p> <p>Produção: como foi a definição? E sobre a forma de trabalhar? – Outros pontos serão identificados pela facilitadora.</p> <p>Outras histórias poderão ser compartilhadas</p>	
11:30	Avaliação e acordos para o próximo encontro	<p>Propor que em grupos de 2 ou 3 realizem um breve cochicho respondendo a:</p> <p>O que entendi e o que não entendi na oficina?</p> <p>A oficina trouxe algo de novo?</p> <p>O que esperamos da próxima?</p> <p>Após a partilha dos cochichos acordar próximo encontro, data e horário, e discutir brevemente as expectativas informadas.</p> <p>Concluir com a Ciranda da Economia Solidária.</p>	<p>Tarjetas;</p> <p>Pilotos;</p> <p>Fita crepe;</p> <p>Música da ciranda da economia solidária impressa.</p>

APÊNDICE B – PROGRAMAÇÃO PARA AS PARTICIPANTES

1ª OFICINA COM AS MULHERES DO PAJEÚ

Período de 09 a 13 de abril de 2018.

Objetivos:

- Apresentar a pesquisa ao grupo e acordar os momentos a serem realizados;
- Recuperar a trajetória de organização do grupo, identificar e refletir quanto a momentos importantes desta trajetória;

20 min – Apresentação participantes

40 min – Apresentação do projeto e objetivos da oficina

1h e 30 min – Linha do tempo e calçada da memória

40 min – Avaliação e acordos para o próximo encontro

CIRANDA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Cirandeiro, cirandeiro ó!
Rede e solidariedade, não se faz de uma mão só!
Cirandeiro, cirandeiro ó!
Rede e solidariedade, não se faz de uma mão só!
Vou construindo uma rede solidária
Que vive o sonho de uma vida melhor!
A rede cresce no sonho da liberdade
Que uni nossas utopias, vidas, mãos e corações!

Essa ciranda não é minha só
Ela é de todos nós,
Ela é de todos nós,

A utopia é que nos uniu
Para viver e cantar
O sonho em uma só voz.

APÊNDICE C – 2ª OFICINA COM AS MULHERES DO PAJEÚ

Detalhamento metodológico

Período de 07 a 11 de maio de 2018.

Objetivos:

- Discutir como compreendem trabalho.
- Sistematizar as etapas de realização do trabalho – compra de materiais, organização do grupo para o trabalho, processos de aprendizado do trabalho que realizam.
- Debater as atividades que realizam conjuntamente – produção, comercialização, formação.
- Refletir como compreendem sua participação na Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú.

Horário	Atividade	Metodologia	Materiais
8:00 – 8:20	Uma poesia para o retorno	Leitura da poesia Abrir a conversa sobre como estão – as novidades no cotidiano e no grupo	
8:20 – 9:00	O que é ‘trabalho’ para nós?	Pedir ao grupo que discutam e definam livremente o que entendem por ‘trabalho’: que atividades veem como trabalho, o que ‘trabalho’ representa para elas enquanto mulheres. <ul style="list-style-type: none"> • Fazer um cochicho inicial – registrar em tarjetas para construir um painel inicial • Debater as produções apresentadas 	Tarjetas; Fita crepe; Pilotos;
9:00 – 10:00	O trabalho em nosso grupo	Dialogar com o grupo e ir organizando um painel de síntese: <ul style="list-style-type: none"> • Como nomeamos o espaço • Quais etapas do nosso trabalho – como conseguimos a matéria prima, quais equipamentos utilizamos, como nos dividimos para trabalhar – como definimos as tarefas de cada uma; • Com que frequência produzimos; • Como comercializamos – para quem, como é o transporte; 	Painel; Tarjetas; Pilotos; Fita crepe;
10:00 – 11:30	A Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú e o trabalho do nosso grupo	Dialogar com o grupo e ir organizando um painel de síntese: Qual a importância de estar organizada em uma rede? O que estar na rede nos proporciona? Quais atividades desenvolvemos na rede? De quais projetos da rede participamos? Já utilizamos o fundo rotativo solidário?	Painel; Tarjetas; Pilotos; Fita crepe;

		Estar na rede influenciou a comercialização do grupo?	
11:30	Avaliação e acordos para o próximo encontro	<p>Propor que em grupos de 2 ou 3 realizem um breve cochicho respondendo a:</p> <p>O que entendi e o que não entendi na oficina?</p> <p>A oficina trouxe algo de novo?</p> <p>O que esperamos da próxima?</p> <p>Após a partilha dos cochichos acordar próximo encontro, data e horário, e discutir brevemente as expectativas informadas.</p>	<p>Tarjetas;</p> <p>Pilotos;</p> <p>Fita crepe;</p>

APÊNDICE D – 2ª OFICINA PROGRAMAÇÃO PARA AS PARTICIPANTES

2ª OFICINA COM AS MULHERES DO PAJEÚ

Período de 07 a 11 de maio de 2018.

Objetivos:

- Discutir como compreendem trabalho.
- Sistematizar as etapas de realização do trabalho – compra de materiais, organização do grupo para o trabalho, processos de aprendizado do trabalho que realizam.
- Debater as atividades que realizam conjuntamente – produção, comercialização, formação.
- Refletir como compreendem sua participação na Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú.

Programação

20 min – Uma poesia para o retorno

40 min – O que é ‘trabalho’ para nós?

1 hora – O trabalho em nosso grupo

30 min – A Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú e o trabalho do nosso grupo

30 min – Avaliação e acordos para o próximo encontro

Eu te acompanho

Que bordar sozinha

Nestes tempos

Causa danos.

Ponto à frente

Ponto com volta

Ponto e vírgula

Aquele que se esconde se enrosca

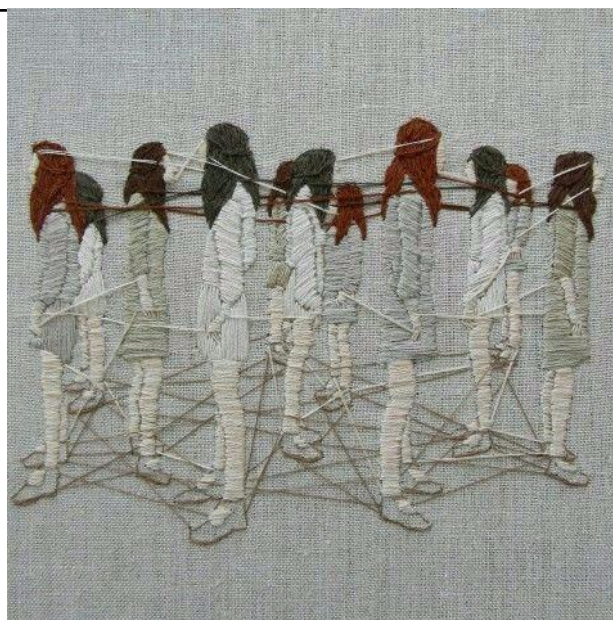
E talvez também o que se mostra.

Porém ao ponto final

Aponta o corpo inteiro.

Irmã eu só posso e só desejo bordar

Um ponto que sirva um pouco a este solo.



(Tradução livre do poema Bordado de Laura Devetach)

Não sei

Cora Coralina

Não sei...

Se a vida é curta ou longa demais para nós,
Mas sei que nada do que vivemos tem sentido,
Se não tocarmos o coração das pessoas.
Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita,
Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
É o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
não seja nem curta,
Nem longa demais,
Mas que seja intensa,
Verdadeira,
Pura...
Enquanto dura

